



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**  
**Instituto Universitário de Ciências Religiosas**

**MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS**  
**Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica**

**SÍLVIA MARIA REIS DUARTE VAZ**

**Uma Planificação da Unidade Letiva 4 do Ensino Secundário**  
**“A Civilização do Amor”**

**Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada**  
**sob orientação de:**

**Mestre Cristina Maria Ramos Cavalheiro de Sá Carvalho**  
**Professor Doutor Paulo Fernando de Oliveira Fontes**

**Lisboa**  
**2015**

## Índice

Introdução .....	05
------------------	----

## I Parte

1. Caracterização da Zona Envolvente à Escola .....	07
Enquadramento Territorial.....	07
Oferta de Ensino .....	07
1.1. Caracterização do Estabelecimento de Ensino .....	08
1.2. Ação Social Escolar e Transportes .....	10
1.3.Participação e Desenvolvimento Cívico .....	11
1.4.Interdisciplinaridade .....	11
1.5.Participação dos pais/encarregados de educação na comunidade educativa .....	12
1.6.Caracterização da Turma .....	13
1.7. Comunidade de crenças .....	14
2. O lugar da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica no sistema de ensino .	16
3. A Unidade Letiva – Civilização do Amor .....	21

1

## II Parte

1. A “Civilização do Amor” como ideal e como proposta .....	24
1.1. Conceito de “Civilização” .....	24
1.2. Amor – expressão com significados(s).....	26
1.3. Como surge o conceito “Civilização do Amor” .....	27
2. Os Papas da “Civilização do Amor” .....	30
2.1. Papa Paulo VI.....	30
2.2. Papa João Paulo II .....	32

2.3. Papa Bento XVI.....	34
2.4. Papa Francisco.....	35
3. Como e porque surge a questão da “Civilização do Amor” no discurso dos Papas.....	37
4. “Civilização do Amor” – inspiração para a transformação do mundo.....	42
5. “Civilização do Amor” – na relação da Igreja com a sociedade moderna.....	46

### III Parte

1. A contextualização histórica da proposta cristã da “Civilização do Amor” na Unidade Letiva 4.....	51
2. Quem são os que vivem hoje a “Civilização do Amor”?.....	54
3. O Movimento dos Focolares como proposta aos que querem viver a “Civilização do Amor”.....	56
3.1. As Cidades.....	58
3.2. A Cidade Portuguesa.....	59

2

### IV Parte

1. Justificação Pedagógica da Planificação.....	61
2. Justificação da Planificação Nível 4.....	62
3. Proposta de Visita de Estudo.....	66
4. Guião da Visita de Estudo.....	67
5. Breve síntese dos documentos entregues aos alunos para trabalho Científico.....	68
6. Conclusão.....	71
7. Anexo I – Planificações.....	73
1.1 – Aula 1 e 2.....	74

Anexo A) .....	75
1.2. – Aula 3 e 4 .....	76
Anexo B).....	77
1.3. – Aula 5 e 6 .....	79
Anexo C).....	81
1.4. – Aula 7 e 8.....	82
Anexo D) .....	83
1.5. – Aula 9 e 10 .....	84
Anexo E).....	86
Anexo F).....	89
Anexo G) .....	90
1.6. – Aula 11 e 12.....	91
1.7. – Aula 13 e 14 .....	92
Anexo H) .....	94
Anexo I).....	96
Anexo J).....	97
1.8. – Aula 15 e 16 .....	98
Anexo K) .....	100
8. Anexo II - Documentos .....	102
2.1. – História das Cidades .....	103
2.2. – História da Cidadela em Portugal.....	104
2.3. - Economia de Comunhão .....	107
2.3.1. – “Documento de identidade” da Economia de Comunhão .....	108
2.3.2. – Linhas para a gestão de uma empresa de Economia de Comunhão.....	110
2.3.3. – O lucro não monetário .....	114
2.3.4. – Nairobi, Capital de uma nova economia.....	116

2.4. – Música/Arte como instrumentos de Transmissão de Fé Saudação de Chiara aos “Jovens Artistas” .....	117
2.4.1. – Arte e Espetáculo.....	119
2.4.2. – CONTRASTE – Um concerto pela Paz.....	121
2.4.3. – Portugal, Agarrar o Mundo.....	122
2.5. – História do Movimento dos Focolares em Portugal .....	123
2.6. – Programa de Visita de Estudo à Cidadela .....	127
9. Bibliografia.....	128

## Introdução

**“Deus quer, o homem sonha, a obra nasce...”**

*Fernando Pessoa*

O presente trabalho aborda a ideia da “Civilização do Amor”, mais concretamente a lecionação deste tópico e sua contextualização na Unidade Letiva 04 – “Civilização do Amor” no Ensino Secundário. Ao longo das quatro partes do trabalho o conceito referido em epígrafe vai sendo explorado, fizemos a abordagem histórica do mesmo e explorámos a sua origem e as várias utilizações que vem tendo ao longo dos tempos.

O objetivo deste trabalho foi responder, às seguintes questões: porque terá o Papa Paulo VI utilizado primeiramente a expressão “Civilização do Amor”? O porquê de noutros Pontificados a mesma continuar a ser usada, ainda que em contextos diferentes, mas associada aos pilares da construção daquela Civilização? É ainda objetivo do mesmo evidenciar que, apesar da subjetividade associada à expressão “Civilização do Amor”, é possível viver esta Civilização, acreditar nas palavras de Fernando Pessoa “ Deus quer, o homem sonha, a obra nasce”. A “Civilização do Amor” apresenta-se, efectivamente, como um ideal, uma utopia cristã, expressa numa linguagem compreensível pelo mundo secular.

Desta forma, o trabalho está organizado em quatro partes, sendo que, na parte I é feita a contextualização da escola onde realizámos o estágio, do grupo turma de 12º ano e da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica. Na parte II é feita a abordagem à história / conceito da “Civilização do Amor”; à sua origem; à utilização da expressão “Civilização do Amor” pelos diversos pontífices; à inspiração deste conceito para a transformação do mundo e ao papel da Igreja na sociedade e na construção da “Civilização do Amor”. Na parte III é feita referência à importância da evolução histórica do conceito referido em epígrafe, na Unidade Letiva 04; quem vive a “Civilização do Amor” hoje; o Movimento dos Focolares como proposta para quem quer viver esta Civilização. Na IV parte do trabalho é apresentada a

justificação pedagógica à nova proposta de planificação da Unidade Letiva 04, sendo apresentada uma proposta de visita de estudo à Cidadela e apresentada a conclusão de todo o trabalho.

A metodologia utilizada para a realização deste trabalho foi, essencialmente, pesquisa bibliográfica, enriquecida com entrevistas a Focolarinas e outros membros do Movimento dos Focolares e a prática de estágio, ao lecionar a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, numa turma de 12º ano da Escola Secundária da Azambuja.

## **1.Caracterização da Zona envolvente à Escola**

### **Enquadramento Territorial**

A Prática de Ensino Supervisionado a que diz respeito decorreu na Vila da Azambuja que fica situada no Distrito de Lisboa, pois pertencente ao Patriarcado de Lisboa e Vigararia de Vila Franca de Xira – Azambuja.

A Azambuja está circundada por importantes áreas territoriais: área metropolitana de Lisboa, Vale do Tejo e Oeste. Dista 45 Km de Lisboa e 25 Km de Santarém. Situada também em local privilegiado de atravessamento das vias que ligam Lisboa ao Norte e Interior do País. Dada a sua elevada centralidade no espaço regional e nacional, o Concelho apresenta grandes potencialidades visto estar inserido na Área Metropolitana de Lisboa, encontrando-se a 45Km da mesma, e com ligações à Lezíria do Tejo, que dista 25Km. Apresenta também o privilégio de ser atravessado por vias ferroviárias e rodoviárias que ligam Lisboa ao Norte e Interior do país. O Concelho é composto por apenas 9 freguesias<sup>1</sup>.

### **Oferta de Ensino**

É do conhecimento geral que a oferta de ensino é um dos pilares que valoriza os centros urbanos e consequentemente se torna um dos fatores de atração e retenção populacional. Desta feita, o Concelho da Azambuja não é exceção. Sendo que na localidade de Azambuja existem quatro Estabelecimentos do 1º Ciclo Ensino Básico, um do 2º Ciclo, dois do 3º Ciclo e um do Ensino Secundário<sup>2</sup>. Serão, de seguida, aprofundados os dados relativos ao Ensino Secundário, visto a Prática de Ensino Supervisionada ter decorrido na Escola Secundária da Azambuja com uma turma A do 12ºano.

---

<sup>1</sup> AAVV - *Carta Educativa do Município da Azambuja*, 2006, p. 9.

<sup>2</sup> *Ibidem*, p. 31.



## 1.1. Caracterização do Estabelecimento de Ensino

A Escola Secundária da Azambuja está situada na sede de Concelho, mais propriamente na Rua da Lavandeira. Este estabelecimento de ensino foi construído, de raiz, para o ensino, em 1978, e é composto por três edifícios, que albergam o 3º Ciclo do Ensino Básico e a Escola Secundária. A escola não possui mediateca e não tem nenhum pavilhão polivalente, dispõe apenas de campos de jogos exteriores, o que prejudica a prática desportiva, nomeadamente nos meses de inverno. Para fazer face a esta situação, a escola recorre a polidesportivos cobertos, exteriores às instalações da mesma. Mais favorável é a situação que se refere aos recursos técnico-didáticos, pois a escola possui um Centro de Recursos (biblioteca) e Sala de Informática. Também se verifica que as salas de aula são munidas com um computador e data show, o que permite ao docente utilizar estes meios tornando a transmissão de conhecimentos “mais interessantes e eficazes do que algumas palavras escritas no quadro” como refere Arends<sup>3</sup>.

8

A Escola Secundária da Azambuja, sendo um estabelecimento de ensino concelhio é o que possui maior capacidade (T30), ou seja, possui vinte salas normais, quatro laboratórios, duas salas de educação visual e tecnológica e uma sala de informática. A escola possui ainda um refeitório, uma sala de convívio, uma sala polivalente e um recreio.

O Ensino Secundário é frequentado por um total de 220 alunos, sendo 87 alunos do 10º, 82 alunos do 11º e 51 alunos a frequentar o 12º ano de escolaridade. A lecionação do 3º Ciclo, correspondente ao 7º, 8º e 9º anos também é feita no edifício da Escola Secundária, sendo que, nestes três níveis frequentam 237 alunos, incluindo um Curso Vocacional. Também no presente ano letivo (2014/15) estão a decorrer nove Cursos Profissionais com equivalência ao 12º ano. Nestes cursos estão matriculados 107 alunos. Em simultâneo

---

<sup>3</sup> Richard I. ARENDS, *Aprender a ensinar*, McGraw-Hill Companies, Madrid, 2008, p. 19.

decorrem também cursos EFA (Educação e Formação de Adultos), com 30 formandos e visa proporcionar aos alunos a possibilidade de terminarem o 4º,6º,9º ou 12º ano de escolaridade.

A Escola propicia uma oferta formativa diversificada, a jovens e adultos, tendo em conta os cursos em funcionamento, implementados em função das necessidades do meio empresarial e dos interesses dos alunos.

Relativamente aos alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE) para o presente ano letivo (2014/2015), não se possui informação quanto ao número de alunos que frequentam o Ensino Secundário. A documentação mais recente data do ano letivo de 2009/10, e neste, os alunos NEE foram apoiados por professores, diretores de turma e psicóloga, que num trabalho conjunto lhes prestaram apoio. Para além disto, estes alunos tiveram um bloco de apoio educativo suplementar fora do tempo de cada disciplina. Também existiu um trabalho de articulação com instituições externas à escola, Câmara Municipal, Centro de Saúde, Instituto de Emprego e Formação Profissional que, em colaboração com a psicóloga escolar e alguns professores, desenvolveram um trabalho conjunto, com o objetivo de proporcionar aos alunos condições necessárias à sua integração/inclusão. Os alunos, que beneficiaram de apoio educativo, tiveram também tutorias destinadas a apoiá-los do ponto de vista emocional e a ensinar-lhes métodos e técnicas de estudo. De referir que Arends aborda precisamente este tema, dando ênfase especial à integração e inclusão dos alunos previstas na lei, no entanto, refere ainda, que mesmo que não fosse previsto na lei esta medida deveria ser tomada. Considera também outros “benefícios educacionais para aliviar a discriminação”, considerando assim que “as crianças com necessidades educativas especiais que são colocadas em turmas regulares têm a oportunidade de aprender comportamentos sociais e académicos apropriados, através da observação e imitação das outras crianças”<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Richard I. ARENDS, *Aprender a ensinar*, McGraw-Hill Companies, Madrid, 2008, p. 52-53.

## 1.2. Ação Social Escolar e Transportes

A atribuição de apoios, no âmbito da Ação Social Escolar no Município da Azambuja, é elaborada com base no documento da responsabilidade do Ministério da Educação. Estes apoios refletem-se nas modalidades de apoio alimentar, alojamento e auxílios económicos, destinados aos alunos do Ensino Básico e Secundário. O número de alunos que usufruem do escalão A são 72 e os que usufruem do escalão B são 55, num total de 127 alunos. De salientar, que as refeições são confeccionadas na própria Escola, com produtos caseiros, sendo as cozinheiras funcionárias da própria instituição, não recorrendo assim aos serviços externos, o que se torna uma mais-valia para a escola. Segundo informações recolhidas na própria escola, a alimentação é muito bem confeccionada, ao invés da que é feita por empresas. A confeção da alimentação da escola torna-se de tal forma importante, que os alunos do 2º Ciclo do Ensino Básico procuram continuar os seus estudos na Escola Secundária ao invés de continuarem no estabelecimento de ensino que frequentam, argumentando que a alimentação na “Secundária é melhor”.

10

No que concerne aos meios de transporte, utilizados pelos alunos para se deslocarem das suas áreas de residência para a Escola Secundária da Azambuja, os alunos utilizam maioritariamente o comboio (39,4%), imediatamente a seguir, 30,8% dos alunos deslocam-se a pé. O transporte que vem em terceiro lugar para as suas deslocações é o autocarro, com 11,2%<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> AAVV - *Carta Educativa do Município da Azambuja*, 2006, p. 58.

### 1.3. Participação e desenvolvimento cívico

O envolvimento dos alunos na elaboração e discussão do Projeto Educativo e Curricular de Escola cinge-se à sua representação no Conselho Pedagógico e no Conselho Geral. Contudo, participam, ativamente, em todas as atividades da escola, sendo auscultados e responsabilizados relativamente às ideias e propostas que apresentam. Apresentam-se algumas atividades nas quais os alunos estiveram envolvidos, mas dada a escassez de informação, não consegue ir além da apresentação das mesmas, não sendo possível aprofundar o que nelas se fez concretamente. Salienta-se o envolvimento dos alunos no jornal *Pontos de Vistas*. A escola estimula os alunos à participação em projetos como: *Direitos + Humanos*, uma parceria entre a Direção Geral da Inovação e do Desenvolvimento Curricular e a Amnistia Internacional; *Nas tuas mãos um mundo melhor*, com o apoio da autarquia; O projecto *Um euro, um poço* em articulação com a OIKOS. Colaboraram também em diversas iniciativas de voluntariado, nomeadamente com o Banco Alimentar contra a Fome. A Educação Ambiental é objeto de particular atenção, tendo o projeto da Escola recebido a bandeira verde, no âmbito do programa Eco-Escolas. Com o objetivo de valorizar o sucesso dos alunos no domínio do desenvolvimento cívico, a escola tem instituído um quadro de louvor, que premeia os alunos que demonstrem atitudes e comportamentos relevantes.

### 1.4. Interdisciplinaridade

As planificações a médio e longo prazo são articuladas entre departamentos pelos próprios professores dos departamentos. A articulação interdepartamental é realizada ao nível da programação e desenvolvimento de atividades, na dinamização de algumas aulas em parceria e na planificação de visitas de estudo. A articulação entre os docentes dos vários

departamentos e a Biblioteca Escolar é evidenciada através da construção de recursos educativos colocados à disposição da comunidade escolar como também através da dinamização de atividades relacionadas com conteúdos curriculares e com a promoção das competências da leitura e da escrita.

A Escola Secundária da Azambuja aderiu a alguns projetos nacionais, nomeadamente: Desporto Escolar; Programa Rede de Bibliotecas Escolares; Plano Nacional de Leitura e Plano de Ação para a Matemática. Verificam-se também algumas parcerias Europeias, nomeadamente, no âmbito do programa Comenius e do projeto Educação para os Media.

### **1.5. Participação dos pais/encarregados de educação na comunidade educativa**

Em qualquer estabelecimento de ensino, a participação dos pais/encarregados de educação é sempre bem vista. Na Escola Secundária da Azambuja isso não é exceção. Desta feita, os pais/encarregados de educação estão representados no Conselho Pedagógico e Conselho Geral. Foram envolvidos também em várias atividades, assumindo por exemplo, em colaboração com o Centro de Saúde, a organização do seminário *(In)Dependências na Escola*, e sendo responsáveis pelo alargamento do horário de funcionamento da Ludoteca, concretamente no período do almoço, que só é possível graças à disponibilidade de elementos da Associação de Pais. No entanto, verifica-se ainda uma ausência acentuada ao nível da participação dos mesmos nas reuniões de final de período.

## 1.6. Caracterização da Turma

A turma com a qual trabalhámos compunha-se por vinte alunos, sendo dez raparigas e dez rapazes, da área de Ciências e Tecnologias. Estes alunos pertencem à turma A do 12º ano. No quadro 1 apresentam-se as disciplinas às quais os alunos se inscreveram no ano letivo (2014/15), por género. Quanto à média de idades dos alunos da turma, retenções, alunos com Necessidades Educativas Especiais, não foram facultados dados à data do trabalho.

**Quadro 1** – Número de alunos inscritos por disciplina

	Português	Matemática	Educação Física	Biologia	Psicologia	Química	EMRC
Raparigas	9	8	9	9	6	3	3
Rapazes	6	10	6	3	3	6	2+ 1*
Total	15	18	15	12	9	9	6

Fonte: Elaboração própria

\* Aluno pertencente à turma do 12ºB

13

Os alunos inscritos na disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica (EMRC) foram seis, sendo três raparigas e três rapazes. Salienta-se que um dos rapazes veio da turma do 12ºB da mesma área e juntou-se a esta turma, e única, com a frequência da disciplina referida em epígrafe. Pode ainda referir-se que nos alunos inscritos na disciplina de EMRC não se denota diversidade cultural entre os elementos. Sendo oriundos do mesmo meio, não se observa nenhuma disparidade a este nível entre eles e entre estes e a Professora Estagiária, de um modo geral. Arends faz precisamente uma chamada de atenção para esse facto, afirmando que “os professores devem ser recetivos às origens das diferenças culturais e à forma como estas podem afetar o comportamento de um aluno dentro da sala de aula”<sup>6</sup>.

<sup>6</sup> Richard I. ARENDS, *Aprender a ensinar*, McGraw-Hill Companies, Madrid, 2008, p. 64.

As aulas decorreram todas as terças feiras na sala oito do edifício principal entre as 12h45 e as 14h15 (90'). Quanto aos alunos inscritos na disciplina, salienta-se que foram alunos que frequentaram a disciplina de EMRC desde o 1º ano do Ensino Básico. São alunos extremamente empenhados na vida da Comunidade Religiosa a que pertencem. Uns são Acólitos, outros Catequistas, fazem parte do Corpo Nacional de Escutas, do Movimento Apostólico Schoenstatt, sendo que um aluno também integra o Pré-Seminário. Para além do empenho na vida da Comunidade a que cada um pertence, em sala de aula, estes alunos apresentaram-se sempre disponíveis para aprender e para participar. Arends faz referência ao modelo educacional construtivista que, “defende que o conhecimento é algo pessoal e o significado é construído pelo aluno através da experiencia. (...) Estes são influenciados pela interação entre o conhecimento previamente adquirido e as novas experiências de aprendizagem”<sup>7</sup>. Também se pode afirmar que estes alunos foram sempre muito acolhedores, receptivos, interessados, suscitando sempre interesse pela aprendizagem e pelo que lhes era transmitido.

14

---

Dos restantes elementos da turma, não são conhecidas as suas crenças religiosas, sabemos apenas que não estão inscritos na disciplina de EMRC, mas não são conhecidas as razões. Sabe-se de antemão, que não é lecionada mais nenhuma disciplina de cariz religioso. Mais uma vez, Arends faz referência a este aspeto da diversidade religiosa que deve ser tido em consideração no grupo turma.<sup>8</sup>

## **1.7. Comunidade de Crentes**

A comunidade da Azambuja, onde está inserida a Escola Secundária, pertence à Vigararia de Vila Franca de Xira – Azambuja, que por sua vez é parte integrante do

---

<sup>7</sup> Richard I. ARENDS, *Aprender a ensinar*, McGraw-Hill Companies, Madrid, 2008, p. 12.

<sup>8</sup> *Ibidem*, p. 69.

Patriarcado de Lisboa, sendo o seu Patriarca Exm<sup>o</sup> Senhor D. Manuel Clemente. Trata-se de uma Diocese que apresenta uma dinâmica bem estruturada e definida, apresentando um leque de atividades para adolescentes e jovens, desde a Catequese, Encontros Diocesanos de Adolescentes, passando também pela formação dos catequistas, pais e dos próprios formadores. Curioso perceber que, ainda que com toda esta dinâmica a nível Diocesano, sejam poucos os alunos inscritos (6,36%), a nível geral, na Escola Secundária na disciplina de EMRC.

Na Azambuja o feriado Municipal comemora-se na quinta feira da Ascensão, sendo a sua Padroeira Nossa Senhora da Assunção.



## 2. O lugar da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica no sistema de ensino

*“A verdadeira educação, porém, pretende a formação da pessoa humana em ordem ao seu fim último e, ao mesmo tempo, ao bem das sociedades de que o homem é membro e em cujas responsabilidades, uma vez adulto, tomará parte.”*

DECLARAÇÃO - *GRAVISSIMUM EDUCATIONIS* - SOBRE A EDUCAÇÃO CRISTÃ

A verdadeira educação pretende a formação da pessoa humana, refere o Papa Paulo VI na Declaração- *Gravissimum Educationis*. É aqui, na **pessoa humana**, que reside o amago de toda a educação. “A educação, na **perspetiva cristã**, centra-se na pessoa.”<sup>9</sup> Só na medida em que tivermos como base a pessoa humana “que está no centro de toda a atividade de desenvolvimento humano: em cada aluno, em cada criança, em cada adulto, em cada profissional, em cada idoso com que deparamos mora sempre uma pessoa única (...) que está acima e antes de qualquer enquadramento institucional ou função social”<sup>10</sup>. Joaquim Azevedo refere ainda que **“educação é relação, é laço que ata e desata, por isso deve ocupar um lugar tão central nos processos de desenvolvimento social.”**<sup>11</sup> Tendo como pano de fundo esta ideia, procuraremos fazer uma reflexão sobre o papel da Educação Moral e Religiosa Católica – EMRC no Sistema Educativo e na Escola.

Sendo a disciplina de EMRC de oferta obrigatória e frequência facultativa coloca-nos alguns desafios. Estes desafios prendem-se, nomeadamente, com a forma como cada um de nós, docentes, consegue ir ao encontro dos alunos que não se inscreveram na disciplina, assim como a forma como atuamos com os que se inscreveram. Não se trata de uma tarefa fácil, consideramo-la desafiante diariamente. É este desafio diário que também nos torna

---

<sup>9</sup> “D. Tomaz Pedro Barbosa da Silva NUNES – Em memória”, *Pastoral Catequética*, SNEC, Ano 7, nº 19, Janeiro – Abril 2011, p. 101.

<sup>10</sup> “Fórum Pensar a Escola, Preparar o Futuro”, *Pastoral Catequética*, SNEC, Ano 8, nº 23, Maio-Agosto 2012, p. 13-14.

<sup>11</sup> *Ibidem*, p. 14.

“diferentes” das restantes disciplinas e que nos ajuda a ser pró ativos, porque se considerarmos que “já está tudo feito” com facilidade vemos reduzir o número de alunos. O facto de este desafio nos tornar *diferentes* das demais disciplinas, também nos pode dar um certo gozo, pois sendo uma disciplina de opção facultativa, consegue reunir turmas praticamente completas de alunos, pensando que outras disciplinas têm todos os alunos porque são de oferta e frequência obrigatória. Outro dos desafios encontrados prende-se com o facto dos resultados obtidos na avaliação da disciplina não serem considerados para efeitos de retenção ou do cálculo da média final do aluno, o que provoca em alguns casos, por parte dos alunos, desinteresse pela disciplina. Quando referimos que somos *diferentes* não pretendemos menosprezar o valor da disciplina, bem pelo contrário, pretende-se evidenciar que o que nos torna "diferentes" das demais é precisamente o facto de ser uma disciplina facultativa, e por isso vista algumas vezes como uma disciplina secundária. Contudo, D. António Francisco dos Santos citou no Programa de EMRC que a legislação publicada sobre EMRC pelo Ministério da Educação e da Ciência “reafirma a legitimidade da presença da Educação Moral e Religiosa Católica na escola e reconhece o seu docente como profissional entre os seus pares, estamos, (refere) a responder à necessidade do «ensino religioso escolar aparecer como uma disciplina escolar, com a mesma exigência de sistematização e rigor que têm as demais disciplinas»,”<sup>12</sup> o que contribui para enaltecer o valor da disciplina.

Quanto ao papel do professor, os contributos que a disciplina pode trazer à escola, na pessoa do seu professor, podem ser imensos. Um desses contributos é a relação de proximidade que o professor de EMRC consegue junto dos seus alunos e da restante comunidade escolar. Esta proximidade permite uma relação professor/aluno de salutar, que vai muitas vezes ao encontro do que os alunos precisam nos estabelecimentos de ensino, acolhimento, alguém que os escute e que os valorize, alguém que os ajude a encontrar um sentido para a vida. Como referiu João Paulo II, «o professor de religião preocupar-se-á,

---

<sup>12</sup> Cf. *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Lisboa, SNEC, 2014, p. 6.

também, de fazer amadurecer a profunda “procura de sentido” que os jovens transportam dentro de si, mostrando como o Evangelho de Cristo, oferece uma verdadeira e plena resposta...»<sup>13</sup>. Em suma, alguém que os ajude a ser melhores homens e melhores mulheres, podendo contribuir para a construção de um mundo humanamente mais habitável e isso, indiscutivelmente contribuirá para a concretização de uma sociedade mais justa e solidária, capaz de ir ao encontro do outro e acolhê-lo na sua diferença, o que se repercute a todos os níveis, social, eclesial e pastoral. De salientar, que para se conseguirem tais feitos é necessário que o professor de EMRC possua “ fé esclarecida, virtudes morais e compromisso eclesial.”<sup>14</sup>

No geral, e em particular a disciplina de EMRC, defende uma educação genuína onde a pessoa do aluno seja respeitada integralmente e para tal, são necessárias “pessoas que se reconhecem na adesão pessoal e comunitária ao Senhor, assumindo-a como fundamento e constante ponto de referência da relação interpessoal e da colaboração recíproca entre educador e educando”.<sup>15</sup> Outro aspeto a considerar, e não menos importante, prende-se com o trabalho realizado em equipa, devendo o professor trabalhar em equipa, dadas as suas vantagens em detrimento do trabalho isolado, podendo assim alcançar os “objetivos educativos estabelecidos”.<sup>16</sup>

Outro dos pontos fortes da disciplina é a sua transversalidade, não se trata de uma disciplina isolada, é transversal às demais, o que contribui também para o seu reconhecimento e enriquecimento, conseguindo-o “através do diálogo com as demais áreas de saber presentes na instituição escolar”<sup>17</sup>. É nesta fusão de saberes que se podem apresentar as diferenças entre a educação cristã e a secular. Na perspetiva de Alain de Botton poder-se-á dizer que “uma está preocupada em mudar as nossas vidas e outra em transmitir informações.”<sup>18</sup> Para tal, é

---

<sup>13</sup> Apud, António FERREIRA, Luís SILVA – Unidade Letiva 04 - *A Civilização do Amor*, Fundação S NEC, Lisboa 2015, p. 163.

<sup>14</sup> “D. Tomaz Pedro Barbosa da Silva NUNES – Em memória”, *Pastoral Catequética*, SNEC, Ano 7, nº 19, Janeiro – Abril 2011, p. 125.

<sup>15</sup> “A Caridade é a Alma da Pedagogia”, - *Pastoral Catequética*, SNEC, Ano 6, nº 16, Janeiro- Abril 2010, p. 12.

<sup>16</sup> “A Bondade e a Fé”, - *Pastoral Catequética*, SNEC, Ano 6, nº17/18, Maio - Dezembro 2010, p. 135.

<sup>17</sup> Cf. *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Lisboa, SNEC, 2014, p. 163.

<sup>18</sup> *Ibidem*, p. I.

importante que “os docentes assumam a perspetiva da **interdisciplinaridade**, pelo estabelecimento de relações entre os diversos campos do saber.”<sup>19</sup> Paralelamente à transversalidade, poder-se-á dizer que se trata de uma disciplina que procura o desenvolvimento integral dos alunos em todas as suas dimensões, física, moral e intelectual.

O professor de EMRC acaba também por ter um papel extensível aos pais, visto serem estes os primeiros educadores na fé, o professor de EMRC dá continuidade a essa educação.

Não menos importante é a possibilidade que a disciplina de EMRC tem de “desenvolver a capacidade de julgar retamente, (...) promove o sentido dos valores, prepara a vida profissional, e criando entre alunos de índole e condição diferentes um convívio amigável, favorece a disposição à compreensão mútua...”<sup>20</sup>. Num mundo em que predominam as tecnologias e em que cada vez mais elas são o centro da educação, pois vamos verificando uma menor adesão dos alunos nas áreas das humanidades, é de salutar que se continue a dar espaço à disciplina de EMRC como disciplina que contribui para a educação integral do aluno e para que cada aluno se descubra a si mesmo enquanto “Pessoa”, e por sua vez, possa enriquecer o meio que o circunda pelo que é.

Um dos aspetos pertinentes da disciplina prende-se com o perfil que o professor de EMRC deve ter e que lhe permitem fazer a diferença entre os seus pares. Para D. António Francisco dos Santos, actual Bispo do Porto, o professor de EMRC deve identificar-se com a disciplina, ter conhecimento hermenêutico do programa, capacidade de planificar conteúdos em função do essencial e dos alunos, dedicar-se a cada aluno, gozar de uma inserção ativa e entusiasta na comunidade educativa e criatividade no estabelecer pontes entre a comunidade educativa e a comunidade cristã, deve possuir disponibilidade para ser, no quadro da escola e no ambiente dos pais, instrumento de diálogo entre a Igreja e o mundo, entre a razão e a fé, concluindo que deve procurar ter uma atitude de serenidade, de esperança e de alegria<sup>21</sup>

---

<sup>19</sup> “D. Tomaz Pedro Barbosa da Silva NUNES – Em memória”, *Pastoral Catequética*, SNEC, Ano 7, nº 19, Janeiro – Abril 2011, p. 109.

<sup>20</sup> Paulo VI, DECLARAÇÃO - *GRAVISSIMUM EDUCATIONIS*, (1965) - SOBRE A EDUCAÇÃO CRISTÃ.

<sup>21</sup> “Educação Cristã”, *Pastoral Catequética*, SNEC, Ano 7-8, Abril 2012, p. 13-14.

Só nesse sentido se conseguirá criar uma maior envolvimento entre o professor de EMRC e a comunidade escolar, o que por sua vez também se irá repercutir na família de cada educando.

Quando falamos em EMRC e no seu enquadramento no atual sistema educativo, é pertinente ter em consideração o que nos diz a Lei de Bases do Sistema Educativo, para podermos perceber que a disciplina de EMRC se enquadra inteiramente nos seus princípios estabelecidos, a referir “o sistema educativo responde às necessidades resultantes da realidade social, contribuindo para o desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade dos indivíduos, incentivando a formação de cidadãos livres, responsáveis, autónomos e solidários e valorizando a dimensão humana do trabalho”<sup>22</sup>. Assim, “a religiosidade representa a expressão mais elevada da pessoa humana, porque é o ápice da sua natureza racional”.<sup>23</sup> Face ao exposto, a disciplina de EMRC, com o novo programa e as novas Metas Curriculares, visa “a configuração de cada homem e mulher, que são os nossos alunos como seres humanos integrais, pois, na medida em que o forem, estarão a caminhar para a configuração total com o Mestre”.<sup>24</sup>

20

As Metas Curriculares ajudam-nos a estabelecer as diretrizes a longo prazo para alcançar os objetivos que têm como fim uma relação harmoniosa e de unidade do Homem com o Mestre, “para que todos sejam um só; como Tu, Pai estás em Mim e Eu ti”<sup>25</sup>, como nos relatou S. João, tendo sempre como pano de fundo o ciclo em que se encontram. “Podemos concluir que a EMRC assume a maior importância, não só para a **educação integral** dos jovens, como para a **escola** e a própria **sociedade**”<sup>26</sup>.

<sup>22</sup> Lei nº 46/86, de 14 de outubro, Lei de Bases do Sistema Educativo, Artigo 2, Alínea 4.

<sup>23</sup> “Fórum Pensar a Escola, Preparar o Futuro”, *Pastoral Catequética*, SNEC, Ano 8, Maio-Agosto 2012, p. 12.

<sup>24</sup> António Francisco SANTOS, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, SNEC, 2014.

<sup>25</sup> Jo 17,21.

<sup>26</sup> “D. Tomaz Pedro Barbosa da Silva NUNES – Em memória”, *Pastoral Catequética*, SNEC, Ano 7, nº 19, Janeiro – Abril 2011, p. 113.

### 3. A Unidade Letiva – Civilização do Amor

A existência de uma UL com estas características pode ajudar a aprofundar alguns conteúdos que nos permitem ter um olhar atento sobre o ser “Pessoa” em todas as suas dimensões e o seu modo de agir no mundo. O objetivo da construção da Civilização de Amor ajuda para um ideal onde cada ser humano possa viver com a dignidade de ser “Pessoa”.

Esta UL 4 coloca interrogações e desafios que nos permitiram crescer enquanto pessoa e também enquanto profissional, dando respostas ao desafio da vivência do Amor, procurando desta forma o crescimento, não só humano, mas também espiritual, de cada um. Vivenciaram-se experiências nunca antes gozadas, ao trabalhar com alunos que apresentaram uma maturidade psicológica e religiosa acima da média, como foi verificado no decorrer do ano lectivo nomeadamente nos bons resultados académicos que obtiveram assim como nas reflexões que foram proporcionadas. No que concerne à maturidade apresenta-se no quadro em baixo a caracterização psicológica dos alunos quanto às dimensões pedagógicas que referenciam o programa de EMRC para os alunos do Ensino Secundário<sup>27</sup>

21

<b>Dimensão da Experiência Humana</b>	<b>Dimensão da Reflexão Religiosa</b>	<b>Dimensão da Interpretação Ético-moral</b>
Tendência para o risco, especialmente nos rapazes. Aumento gradual da auto-estima. Procura do «eu» real e da identidade. Sentido de si mais multifacetado e funcional. Reconhecimento da importância do ambiente para a formação da pessoa e o seu comportamento, e de que nem sempre a pessoa se conhece a si mesma. Relações significativas: colegas e amigos, mas sem desejo de destruir as relações com os pais. Motivação para ser igual a si próprio, para partilhar o que é e o que faz. Saber quem é e o que quer da vida. Necessidade de segurança, independência, projecto vocacional. Capaz de	As crenças, visões de mundo e valores das tradições religiosas proporcionam um contexto ideológico em que pode aprender a gerar sentido e significado, ordem e lugar, o que é essencial para a formação da identidade. Descobrir que a existência humana é finita e a consciência do facto de que a não-existência é possível causa ansiedade existencial e metafísica, sentida como o confronto entre o nada humano e a resposta de Deus. A religião apoia o desenvolvimento da identidade porque assume uma identidade mais Elevada (valores, ideais de vida humana) a partir da qual	Progressão lenta para uma perspectiva moral convencional, depois da reivindicação egocêntrica das necessidades próprias: compreensão de que as regras e as convenções ajudam a sociedade a funcionar. Perceção de que cumprir com o seu dever, mostrar respeito e manter a ordem social dada para o seu próprio bem se alarga da figura de autoridade à sociedade. É preciso garantir as instituições e evitar os desequilíbrios que se seguiriam “se todos resolvessem questionar”. Os indivíduos são considerados em função da posição que ocupam na sociedade.

<sup>27</sup> Cf. *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Lisboa, SNEC, 2014, p. 168.

aprender muito, pensar, refletir. Necessidade de integrar a sexualidade.	deriva uma identidade existencial. A religião oferece uma compreensão do homem, da sua relação com os outros homens, com a tradição e com a história, com o universo. Todas estas dimensões estão enraizadas na fé em Deus e na inter-relação entre os homens e Ele. A ausência de reflexão sistemática conduz ao repúdio de papéis ou à indiferença religiosa.	Genuína empatia com as pessoas em sofrimento. Convicção de que a sociedade tem obrigação de ajudar as pessoas em crise ou necessidade. Não há conflitos lei-moral.
--	---	--

Dado tratar-se de um grupo de alunos do 12º ano, naturalmente também exige conhecimentos científicos mais aprofundados, tal como a seleção criteriosa de recursos pedagógicos, que teve que ir ao encontro das suas exigências, exigindo um alargar do leque de atividades. No que diz respeito à construção de materiais, Arends, refere que quando os professores se preparam para fazer uma exposição para toda a turma, “a tarefa mais importante consiste em recolher materiais que possam ser traduzidos numa seleção com significado. Apesar de os professores proporcionarem informação oral aos alunos numa aula de aprendizagem cooperativa, essa informação é normalmente acompanhada por textos, fichas de trabalho e guias de estudo”<sup>28</sup>.

Os conteúdos abordados foram selecionados a partir do que nos oferece o Programa de Educação Moral e Religiosa Católica<sup>29</sup>. Os conteúdos apresentados no Programa foram explorados criando atividades e dinâmicas que pudessem ajudar os alunos a interiorizar e vivenciar experiências. Também aqui, Arends tem uma palavra a dizer sobre este acompanhamento, “o professor presta assistência às equipas de aprendizagem durante a realização do trabalho”<sup>30</sup>. Como refere o mesmo autor, “Segundo a perspetiva construtivista, a aprendizagem não consiste nos alunos sentados passivamente recebendo informação do professor, mas em alunos ativamente envolvidos em experiências relevantes e tendo oportunidades de dialogar para que os significados possam ser desenvolvidos e

<sup>28</sup> Richard I. ARENDS, *Aprender a ensinar*, McGraw-Hill Companies, Madrid, 2008, p. 357.

<sup>29</sup> Cf. *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Lisboa, SNEC, 2014, p. 118-121.

<sup>30</sup> Richard I. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, McGraw-Hill Companies, Madrid, 2008, p. 360.

construídos.”<sup>31</sup> Desta forma, envolvendo os alunos, a comunidade escolar e a Instituição “Casa do Pombal – a Mãe” pretendeu-se fazer “juz” ao referido por Arends.

No decorrer da lecionação da UL 4, verificou-se o grande envolvimento que os alunos têm na sua comunidade paroquial, nomeadamente ao nível da Catequese, o que de certa forma contribuiu também para que se sentissem à vontade para participar ativamente nas aulas, contribuindo com as suas opiniões fundamentadas com as suas próprias vivências.

Parafraseando o Professor Fernando Moita, ainda que saibamos que a Catequese e a EMRC tratam duas acções da Igreja, também é do conhecimento geral que estas tanto apresentam distinções como se complementam. Neste sentido ambas assumem-se como uma educação de transformação a nível pessoal e a nível comunitário, social. Apresentam proposta(s) de mudanças suscitando no educando atitudes de autenticidade, coerência, respeito mútuo e de solidariedade.<sup>32</sup>

Nas aulas procurou-se envolver todos os alunos na realização das atividades propostas, esclarecendo eventuais dúvidas ou curiosidades, criando assim um ambiente de sala de aula propício à aprendizagem e contribuindo para que os alunos atingissem as metas pré estabelecidas.

A docência desta UL permitiu ao professor melhorar as competências a nível científico, continuando a estabelecer uma relação cordial e de proximidade com os alunos, que é bastante sã para um docente de EMRC, considerando por fim, que se tratou de uma mais-valia também no processo de ensino – aprendizagem.

---

<sup>31</sup> Richard I. ARENDS, *Aprender a Ensinar*, McGraw-Hill Companies, Madrid, 2008, p. 357.

<sup>32</sup> *Forum de Catequese*; SNEC, nº 1, Lisboa, 2003, p. 247.



## II Parte

**“Será que sonhamos quando falamos  
de Civilização do Amor?”**

**Não, não sonhamos. Os ideais se autênticos, se humanos,  
não são sonhos; são deveres. Para nós cristãos, especialmente.”<sup>33</sup>**

Paulo VI

### **1. A “Civilização do Amor” como ideal e como proposta**

Neste primeiro capítulo serão abordados os conceitos de “Civilização”, “Amor” e a expressão “Civilização do Amor”, fazendo assim uma pré abordagem ao tema lançado pelo Papa Paulo VI aquando do seu pontificado (1963/78). Este presenteia todos os Homens e Mulheres de boa vontade com este ideal, “Civilização do Amor”, procurando convidar todos, crentes e não crentes, a envolverem-se na construção da mesma. Neste sentido, a expressão suscita e permite o diálogo com “todos os homens de boa vontade”, na senda iniciada pelo pontificado de João XXIII e consagrada pela reflexão teológica do II Concílio do Vaticano. Esta proposta inscreve-se na nova proposta de “cultura do diálogo” com o mundo moderno.

24

#### **1.1. Conceito de “Civilização”**

A expressão “Civilização” terá surgido em França pela primeira vez há cerca de 300 anos, no século XVIII, tornando-se portanto, numa expressão relativamente recente. Ainda assim, provém do latim, *civilis*, *civis* e etimologicamente, designa a “«ação de tornar civil».”<sup>34</sup> A

<sup>33</sup> Apud, António FERREIRA, Luís SILVA – Unidade Letiva 04 - *A Civilização do Amor*, Fundação S NEC, Lisboa 2015, p. 13.

<sup>34</sup> AAVV – *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, volume 5, Editorial Verbo, Janeiro de 1993, p. 634.

expressão “civilização”, utilizada no singular, designa “uma sociedade humana que se desenvolveu culturalmente ao longo de séculos, tem uma organização política e económica contínua, partilha sistemas de valores e contravalores em que geralmente predomina uma religião, domina técnicas e exprime-se através das artes.”<sup>35</sup> Complementa assim a noção de cultura, como referencial que inclui quer a dimensão espiritual, quer a sua concretização material.

No decorrer do século XIX, mais propriamente em 1819<sup>36</sup>, a expressão começa a ser utilizada no plural “civilizações”. E “*falar de civilizações será falar de espaços, de terras, de relevos, de climas, de vegetações, de espécies animais, de vantagens dadas ou adquiridas.*”<sup>37</sup>

Ao longo da história são conhecidas várias “civilizações”, desde os Sumérios aos Egípcios, passando pelos Gregos e Romanos. As mais recentes, Os Maias, os Aztecas e os Incas terão subsistido até à descoberta do “Novo Mundo por Cristóvão Colombo.”<sup>38</sup> Procura-se assim ultrapassar uma visão cultural etnocêntrica que apenas reconhecia o valor, e a supremacia, da civilização europeia ou ocidental.

25

Por outro lado, a experiência das Guerras Mundiais trouxe a noção de que todas as civilizações, incluindo a europeia, são “mortais”. Todas as “civilizações” que de algum modo tiveram a sua morte, ou seja, que morreram enquanto civilizações deveu-se “(...) ao fracasso de uma minoria criativa, incapaz de impedir o declínio moral e religioso.”<sup>39</sup> Ainda que o tema abordado seja importante, dado não ser este o objeto de estudo em causa, esta ideia não será desenvolvida.

---

<sup>35</sup> In Unidade Letiva 04: *A Civilização do Amor*, Fundação SNEC, Lisboa 2015, p. 7.

<sup>36</sup> Fernand BRAUDEL – *Gramática das Civilizações*, Editorial Teorema, Lisboa, 1989, p. 20.

<sup>37</sup> *Ibidem*, p. 24.

<sup>38</sup> In Unidade Letiva 04: *A Civilização do Amor*, Fundação SNEC, Lisboa 2015, p. 7.

<sup>39</sup> *Ibidem*, p. 7.

## 1.2. Amor – expressão com significado(s)

Amor - é uma palavra comumente utilizada no nosso dia a dia, à qual se atribui um conjunto de significados diversos. Para uns pode significar entrega, paixão, dedicação, relação e para outros pode significar dor, angústia, tristeza; para uns terá sobretudo uma dimensão física ou sexual para outros, uma dimensão afectiva, espiritual de acordo com as vivências de cada um. Também, e cada vez mais, com relativa facilidade se ouve e se diz “amo” utilizando-se a expressão, tanto quando nos referimos a pessoas ou entidades, como quando nos referimos a coisas, correndo o risco de tornar desta forma a expressão banal.

Bento XVI na sua Encíclica *Deus Caritas Est* fala-nos de três palavras gregas para falar de amor: *eros*, *philia* e *ágape*. Se *philia* é amor de amizade, “*eros* é muitas vezes compreendido como o amor «mundano» e *ágape* como expressão do amor na sua forma mais sublime de entrega pelo outro, uma entrega muitas vezes fundada sobre a fé”.<sup>40</sup> No entanto, o Papa adverte para a necessidade de compreender melhor esta terminologia:

26

No debate filosófico e teológico, estas distinções foram muitas vezes radicalizadas até ao ponto de as colocar em contraposição: tipicamente cristão seria o amor descendente, oblato, ou seja, a *agape*; ao invés, a cultura não cristã, especialmente a grega, caracterizar-se-ia pelo amor ascendente, ambicioso e possessivo, ou seja, pelo *eros*. Se se quisesse levar ao extremo esta antítese, a essência do cristianismo terminaria desarticulada das relações básicas e vitais da existência humana e constituiria um mundo independente, considerado talvez admirável, mas decididamente separado do conjunto da existência humana. O que na verdade não é o que se pretende, mas sim a relação harmoniosa de ambos (*eros* e *ágape*) com vista à unidade. Quanto mais esta unidade entre ambos existir tanto mais se realiza a verdadeira natureza do amor em geral. Também nas palavras de Bento XVI o homem também não pode viver exclusivamente no amor oblato, descendente. Não pode limitar-se sempre a dar, deve também receber. Quem quer dar amor, deve ele mesmo recebê-lo em dom.<sup>41</sup>

---

<sup>40</sup> Papa Bento XVI, CARTA ENCÍCLICA *DEUS CARITAS EST*, 2005, nº3 -18.

<sup>41</sup> *Ibidem*, nº7.

O amor, e consequentemente uma “civilização do amor” deverá ser, portanto, uma civilização onde esta unidade essencial de amor descendente e ascendente se cruzam entre si, numa harmonia entre o dar e o receber, até atingir o “seu sentido cristão mais genuíno, de *caritas*, enquanto sentimento, desejo e vontade que Deus desperta no coração de cada pessoa, para a fazer sair de si e ir ao encontro do outro, até ao extremo do dom de si, dando a vida por ele.”<sup>42</sup>

Este amor que nos impele a sair de nós próprios para ir ao encontro do outro, é o amor dado por Deus que “liberta o olhar do homem ofuscado e transviado pelo amor de si e torna-o capaz de reconhecer de modo claro a realidade, o próximo e o mundo”<sup>43</sup>, como refere Dietrich Bonhoeffer.

Na verdade, é nesse horizonte de Amor que vive a proposta cristã, quando o próprio termo é usado para referir a identidade do próprio Deus “Deus é amor”<sup>44</sup>, como escreve São João.

### **1.3. Como surge o conceito “Civilização do Amor”**

Eis que surge a expressão “Civilização do Amor”. Referida pela primeira vez há 45 anos, mais propriamente a 17 de maio de 1970 pelo, então Papa, Paulo VI. Aquando do *Angelus* e sendo esse o dia de Pentecostes “(...) o dia do nascimento da Igreja”, porque a primeira comunidade de seguidores de Cristo recebeu, naquele dia, a vivificação do Espírito Santo (...)”<sup>45</sup> o Papa escolhe-o como momento ideal para lançar a proposta da Civilização do Amor. Ainda na mesma alocução o Papa Paulo VI sublinha “Foi a civilização do amor e da paz que o

---

<sup>42</sup> In Manual do Aluno: *Alicerces, A Civilização do Amor*, Fundação SNEC, Lisboa 2009, p. 10.

<sup>43</sup> Apud, António FERREIRA, Luís SILVA – Unidade Letiva 02 – *Valores e Ética Cristã*, Fundação S NEC, Lisboa 2015, p. 70.

<sup>44</sup> 1Jo 4,16.

<sup>45</sup> Papa Paulo VI, *REGINA COELI*, Domingo, 17 de Maio de 1970.

Pentecostes inaugurou.”<sup>46</sup> Desde essa altura até aos nossos dias, a expressão tem sido utilizada por todos os Papas que sucederam Paulo VI.

A expressão “**civilização do amor**”, no sentido cristão “**cultura do amor**”, aponta para “uma cultura que se centra na vivência segundo o princípio do amor.”<sup>47</sup> Por outras palavras, e segundo os autores do mesmo manual “*Alicerces - A Civilização do Amor*” é “a concretização do sonho de Deus para a humanidade.”<sup>48</sup>

Esta “vivência segundo o princípio do amor” é-nos revelada logo à partida pela Sagrada Escritura que nos transmite, de um modo concreto, no Livro dos Atos dos Apóstolos, a forma como viviam as primeiras comunidades de crentes, fazendo alusão a uma comunidade modelo. Nesta,

“Eram assíduos ao ensino dos Apóstolos, à união fraterna, à fração do pão e às orações. Perante os inumeráveis prodígios e milagres realizados pelos Apóstolos, o temor dominava todos os espíritos. Todos os crentes viviam unidos e possuíam tudo em comum. Vendiam terras e outros bens e distribuíam o dinheiro por todos, de acordo com as necessidades de cada um. Como se tivessem uma só alma, frequentavam diariamente o templo, partiam o pão em suas casas e tomavam o alimento com alegria e simplicidade de coração. Louvavam a Deus e tinham a simpatia de todo o povo. E o Senhor aumentava, todos os dias, o número dos que tinham entrado no caminho da salvação.”<sup>49</sup>

Como se pode verificar, esta passagem encerra um conjunto de vivências consideradas indispensáveis à concretização da “Civilização do Amor”. No entanto, bem sabemos pelas próprias Escrituras, que nem tudo corria sempre bem e que também surgiam conflitos. Veja-se por exemplo na sequência da passagem anterior, onde se refere que todos punham tudo em comum, o caso da fraude de Ananias e Safira<sup>50</sup>, que venderam uma propriedade e apenas

---

<sup>46</sup> Papa Paulo VI, *REGINA COELI*, Domingo, 17 de Maio de 1970.

<sup>47</sup> In Manual do Aluno: *Alicerces, A Civilização do Amor*, Fundação SNEC, Lisboa 2009, p. 10.

<sup>48</sup> In Unidade Letiva 04: *A Civilização do Amor*, Fundação SNEC, Lisboa 2015, p. 13.

<sup>49</sup> Act.2, 42-47.

<sup>50</sup> Act.5,1-11.

entregaram parte do valor. Sabemos, aliás, que esta dinâmica das primeiras comunidades apontava, afinal, para um horizonte de realização escatológica.

Passados vinte séculos sobre a apresentação da comunidade modelo acima referida, coloca-se a seguinte questão: Que significa hoje viver a “Civilização do Amor”?

De facto, falar de uma “Civilização do Amor” soa para muitos a ideal utópico, algo que é inatingível, impraticável, dado vivermos, cada vez mais, embebidos numa sociedade que vive o imediatismo e procura a todo o custo a satisfação pessoal e profissional de cada um o que leva a descorar os valores implícitos e necessários para essa construção e vivência. No entanto, é possível evidenciar que “Civilização do Amor” é possível e é credível aqui e agora, ou seja, já se pode vivenciar neste mundo, onde o Transcendente se faz presente, “porque o céu começa na terra”.<sup>51</sup> É essa concretização que procurarei desenvolver no capítulo III deste trabalho.

Também as próprias bem-aventuranças indicam isso mesmo, que a felicidade começa já aqui e não somente no céu. Jesus transmitiu estes princípios para ajudar os cristãos a orientarem a sua vida cristã para o reino que há-de vir. Gonzáles-Carvajal refere que “A dita felicidade prometida pelas bem-aventuranças já chegou, se bem que ainda não em plenitude”, e parafraseando São Marcos acrescenta, “«Todo aquele que tiver deixado casa, ou irmãos ou irmãs, ou mãe ou pai, ou filhos ou terras, por mim e pelo Evangelho, receberá agora, neste tempo, cem vezes mais...» (Mc 10,30)”<sup>52</sup>

---

<sup>51</sup> Leonardo BOFF, *Vida para Além da Morte*, Editora Vozes 1996, p. 30.

<sup>52</sup> Apud, António FERREIRA, Luís SILVA – Unidade Letiva 02 – *Valores e Ética Cristã*, Fundação S NEC, Lisboa 2015, p. 68.

## 2. Os Papas da “Civilização do Amor”

Neste segundo capítulo reflecte-se sobre a posição dos Papas que sucederam a Paulo VI, os Papas João Paulo II, Bento XVI e Francisco, no que concerne à utilização dada à mesma expressão “Civilização do Amor”. No capítulo seguinte será feita a contextualização histórica, do seu Pontificado de modo a percebermos o porquê de terem aludido à expressão referida, assim como a utilização de outras, igualmente importantes para a concretização desta “Civilização do Amor”.

### 2.1. Papa Paulo VI

Como referido acima, Paulo VI foi o primeiro Papa a utilizar esta expressão “Civilização do Amor”, logo em 1970. Na sua “Alocução de Encerramento do Ano Santo, no Natal de 1975” volta a referir: “A civilização do amor prevalecerá do frenesim das implacáveis lutas sociais, e dará ao mundo a sonhada transfiguração da humanidade por fim cristã.”<sup>53</sup> Ou seja, Paulo VI quer com isto dizer-nos que, independentemente de todas as situações que possam surgir, a civilização do amor irá permanecer sempre. Ao longo de todo o seu pontificado (1963/1978) Paulo VI promove esta “Civilização do Amor”, não só em palavras mas em gestos concretos, sendo disso testemunha o esforço para estabelecer laços entre a Igreja Católica e outras confissões religiosas. Aquando da sua visita a Jerusalém, em 1964 (em pleno Concílio Vaticano II), verificou-se isso mesmo, nomeadamente quando se encontrou com o Patriarca de Constantinopla, Atenágoras, e lhe deu um “fraterno” abraço, que comoveu tanto católicos como ortodoxos. Sendo também promotor do diálogo com os

---

<sup>53</sup> Papa Paulo VI SOLENNE RITO DI CHIUSURA DELL'ANNO SANTO, *OMELIA DEL SANTO PADRE PAOLO VI, Natale del Signore 25 dicembre 1975*.

“La civiltà dell'amore prevarrà nell'affanno delle implacabili lotte sociali, e darà al mondo la sognata trasfigurazione dell'umanità finalmente cristiana”.

anglicanos. Importante referir que esta “Civilização do Amor”, tão desejada por Paulo VI, deveria ter incorporada a justiça ainda que sustentada pela caridade, como alude na sua Carta Apostólica *Octogésima Adveniens* (1971):

“O Evangelho, ao ensinar-nos a caridade, inculca-nos o respeito privilegiado pelos pobres e faz-nos ver a sua situação particular na sociedade: os mais favorecidos devem renunciar a alguns dos seus direitos, para poder colocar, com mais liberalidade, os seus bens ao serviço dos outros. Se, efetivamente, para além das regras jurídicas, falta um sentido profundo do serviço de outrem, mesmo a legalidade perante a lei poderá servir de álibi para flagrantes discriminações, para se manterem explorações e para um desprezo efetivo.”<sup>54</sup>

O Papa Paulo VI reforça a ideia de que, se não existir caridade, se o bem comum não for tido em consideração, de nada servem as regras jurídicas, realçando assim a importância dos mais favorecidos contribuírem em prol dos mais desfavorecidos, e se tal acontecer então a justiça proclamada por Paulo VI terá vingado, pois haverá justiça na medida em que todos possam ter aquilo a que têm direito.

Também no seu *Discurso na Sede da O.N.U.* em Outubro de 1965 o Papa Paulo VI dá voz aos “sem voz” quando refere: “Fazemos também Nossa a voz dos pobres, dos deserdados, dos infelizes, dos que aspiram à justiça, à dignidade de viver, à liberdade, ao bem-estar e ao progresso. Os povos voltam-se para as Nações Unidas como para a última esperança da concórdia e da paz.”<sup>55</sup> O Papa sublinha, mais uma vez, ainda que não de uma forma explícita, a importância da construção da “Civilização do Amor”, dado que a liberdade, por todos ansiada, assim como a dignidade e o bem-estar, são elementos fundamentais para a sua existência e vivência da “Civilização do Amor”.

---

<sup>54</sup> Papa Paulo VI, *CARTA APOSTÓLICA OCTOGÉSIMA ADVENIENS*, 1971, nº 23.

<sup>55</sup> Papa Paulo VI, *DISCURSO NA SEDE DA O.N.U.*, Outubro de 1965, nº 1.



## 2.2. Papa João Paulo II

No que concerne à posição do Papa João Paulo II face a esta temática, verifica-se que, no seu Pontificado (1978/2005), ele dá continuidade ao que Paulo VI começou. João Paulo II fez algumas vezes alusão concreta à “Civilização do Amor”. No entanto, outras houve, em que, não falando propriamente no conceito, apresentava um ponto de vista similar. No dia 13 de Fevereiro de 1994, João Paulo II perante a audiência que o escutava no Angelus colocou a seguinte interpelação:

“Uma pergunta interpela profundamente a nossa responsabilidade: que civilização se imporá no futuro do planeta? Com efeito, depende de nós o triunfo da civilização do amor, como Paulo VI gostava de lhe chamar, ou a civilização, que mais corretamente se deveria chamar *incivilização*, do individualismo, do utilitarismo, dos interesses opostos, dos nacionalismos exasperados e dos egoísmos arvorados em sistema”<sup>56</sup>

32

Ainda no mesmo Angelus referiu: “(...) a Igreja sente a necessidade de convidar todos os que se interessam de verdade pelo destino do homem e da civilização a unir os seus recursos e o seu esforço, para construir a civilização do amor.”<sup>57</sup> Sublinha-se, também aqui, a ideia de que esta é uma proposta dirigida a todos, crentes e não crentes, desde que interessados pelo “destino do homem e da civilização”.

O Papa Wojtyla apresenta também o diálogo como o caminho para a construção de um mundo que possa ser reinado pelo amor. Na sua Mensagem para o dia Mundial da Paz de 2001, João Paulo II sublinha precisamente a tónica da importância do diálogo: “o diálogo é um

---

<sup>56</sup> Papa João Paulo II, *ÁNGELUS*, Domingo 13 de febrero de 1994 “Una pregunta interpela profundamente nuestra responsabilidad: ¿qué civilización se impondrá en el futuro del planeta? En efecto de nosotros depende que triunfe la *civilización del amor*, como solía llamarla Pablo VI, o la civilización que mejor debería llamarse *incivilización*, del individualismo, el utilitarismo, los intereses opuestos, los nacionalismos exasperados y los egoísmos elevados al rango de sistema.” nº1.

<sup>57</sup> Papa João Paulo II, *ÁNGELUS*, Domingo 13 de febrero de 1994 “la Iglesia siente la necesidad de invitar a cuantos se interesan de verdad por el destino del hombre y de la civilización a unir sus recursos y su esfuerzo, para construir la civilización del amor. nº 2.

instrumento sublime para realizar a *civilização do amor e da paz* (...).”<sup>58</sup> Ainda na mesma mensagem reforça a ideia da importância do diálogo, não só entre pessoas, mas entre culturas diversas: “O diálogo entre culturas, instrumento privilegiado para construir a civilização do amor, assenta na consciência de que *há valores comuns* a todas as *culturas*, porque radicamos na natureza da pessoa.” Por último, dirigindo-se aos jovens do mundo inteiro, transmite-lhes a ideia de que serão eles “o futuro da humanidade e as pedras vivas para construir a civilização do amor.”<sup>59</sup>

No seu Pontificado, João Paulo II, deu particular ênfase à solidariedade como um princípio da própria doutrina social da Igreja<sup>60</sup>, considerando a solidariedade:

“um dos princípios basilares da concepção cristã da organização social e política. Várias vezes Leão XIII o enuncia, com o nome «amizade», que encontramos já na filosofia grega; desde Pio XI é designado pela expressão mais significativa «caridade social», enquanto Paulo VI, ampliando o conceito na linha das múltiplas dimensões atuais da questão social, falava de «civilização do amor».”<sup>61</sup>

33

Alicerçada no diálogo, João Paulo II considera a solidariedade como um forte e imprescindível valor para a construção da “Civilização do Amor”, considerando-a mesmo “*uma virtude cristã*.”<sup>62</sup> Ou seja, para este Papa a solidariedade não é um sentimento de vaga compaixão, mas antes uma atitude que exige responsabilidade de todos para com todos, pelo bem comum e de cada um em particular.<sup>63</sup>

---

<sup>58</sup> Papa João Paulo II, MENSAGEM DE SUA SANTIDADE PARA A CELEBRAÇÃO DO XXXIV DIA MUNDIAL DA PAZ 1º de Janeiro de 2001, nº 10.

<sup>59</sup> *Ibidem*, nº 22.

<sup>60</sup> Conselho Pontifício «Justiça e Paz», *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, p.81, nº 103.

<sup>61</sup> Papa João Paulo II, CARTA ENCÍCLICA *CENTESIMUS ANNUS*, 1991, nº10.

<sup>62</sup> Papa João Paulo II, CARTA ENCÍCLICA *SOLLICITUDO REI SOCIALIS*, 1987, nº40.

<sup>63</sup> *Ibidem*, nº38.

### 2.3. Papa Bento XVI

Tal como os predecessores, o Papa Emérito Bento XVI também dá continuidade à reflexão sobre a “Civilização do Amor”, centrando-se sobretudo na noção de caridade cristã. Desta feita, Bento XVI utiliza a expressão *Caridade* como uma das dimensões do Amor. Parafraseando Santo Agostinho, Bento XVI utiliza a expressão “Se vês a caridade, vês a Trindade”<sup>64</sup>, ou seja, “Deus é amor”<sup>65</sup> nome que deu à sua primeira Carta Encíclica *Deus Caritas Est*.

Efetivamente, no decorrer do seu Pontificado, Bento XVI utiliza em muitas circunstâncias a caridade como forma de expressar o amor. Falando expressamente para os jovens, convida-os a ser “testemunhas da caridade”<sup>66</sup>, assim como “inovadores na caridade (...) a fim de que possais oferecer o vosso contributo para a edificação da “civilização do amor”.”<sup>67</sup>

Em contexto semelhante, dirigindo-se aos jovens na Jornada Mundial da Juventude em 2008, e referindo-se expressamente à “Civilização do Amor” apela novamente a todos para “não ter medo de defender Cristo, deixando que a verdade do Evangelho permeie a nossa maneira de ver, pensar e agir, enquanto trabalhamos para o triunfo da civilização do amor.”<sup>68</sup> Por último, fala-nos da caridade como aquela que “dá verdadeira substância à relação pessoal com Deus e com o próximo”<sup>69</sup> sublinhando também que “A caridade é o dom maior que Deus concedeu aos homens”<sup>70</sup>. Aludindo também, na Encíclica *Caritas in veritate*, Bento XVI refere que:

---

<sup>64</sup> Papa Bento XVI, CARTA ENCÍCLICA *DEUS CARITAS EST*, 2005, n.º19.

<sup>65</sup> *Ibidem*, n.º12.

<sup>66</sup> Papa Bento XVI, *MENSAGEM PARA A XXII JORNADA MUNDIAL DA JUVENTUDE*, 2007.

<sup>67</sup> *Ibidem*.

<sup>68</sup> Papa Bento XVI, CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA PARA A XXIII JORNADA MUNDIAL DA JUVENTUDE, *HOMILIA DO SANTO PADRE BENTO XVI*, Hipódromo Randwic, Sidney, 20 de Julho de 2008.

<sup>69</sup> Papa Bento XVI, CARTA ENCÍCLICA *CARITAS IN VERITATE*, 2009, n.º 2.

<sup>70</sup> *Ibidem*, n.º 2.

“A caridade supera a justiça, porque amar é dar, oferecer ao outro o que é ‘meu’; mas nunca existe sem a justiça, que induz a dar ao outro o que é ‘dele’, o que lhe pertence em razão do seu ser e do seu agir. Não posso ‘dar’ ao outro do que é meu, sem antes lhe ter dado aquilo que lhe compete por justiça.”<sup>71</sup>

Bento XVI reforça a ideia da importância da caridade mas que esta deve estar unida à justiça na medida em que se é chamado a “dar”, mas antes, perceber que o que se está a dar já lhe competia por justiça.

## 2.4.Papa Francisco

É sobejamente conhecida a predileção que o Papa Francisco tem pelos pobres. Deste modo, Francisco fala-nos na solidariedade como forma de partilhar com os mais desprotegidos os recursos de que estes necessitam, colocando em evidência a importância do bem comum, questão central da Doutrina Social da Igreja (DSI).

35

“A solidariedade é uma reação espontânea de quem reconhece a função social da propriedade e o destino universal dos bens como realidades anteriores à propriedade privada. A posse privada dos bens justifica-se para cuidar deles e aumentá-los de modo a servirem melhor o bem comum, pelo que a solidariedade deve ser vivida como a decisão de devolver ao pobre o que lhe corresponde.”<sup>72</sup>

Na linha daquela que é a reflexão da DSI, o Papa Francisco propõe-nos a vivência do *Reino de Deus*, trata-se de amar a Deus, que reina no mundo. Ou seja, na medida em que Ele conseguir reinar entre nós, a vida social será um espaço de fraternidade, de justiça, de paz, de dignidade para todos.<sup>73</sup>

---

<sup>71</sup> Apud, António FERREIRA, Luís SILVA – Unidade Letiva 02 – *Valores e Ética Cristã*, Fundação S NEC, Lisboa 2015, p. 86.

<sup>72</sup> Papa Francisco, A Alegria do Evangelho, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, Paulinas, Prior Velho, Dezembro de 2013, p. 132 nº 189.

<sup>73</sup> *Ibidem*, p. 126 nº 180.

Nesta sequência, ainda no seu Capítulo IV da *Alegria do Evangelho*, o Papa apresenta-nos pistas sobre o olhar pelos pobres. A estes,

“Não se fala apenas de garantir a comida ou um digno «sustento» para todos, mas «prosperidade e civilização nos seus múltiplos aspectos». Isto engloba educação, acesso aos cuidados de saúde e especialmente trabalho, porque, no trabalho livre, criativo, participativo e solidário, o ser humano exprime e engrandece a dignidade da sua vida. O salário justo permite o acesso adequado aos outros bens que estão destinados ao uso comum.”<sup>74</sup>

Por sua vez, na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* o Papa Francisco realça:

“Fica bem claro que a proposta do Evangelho não consiste só numa relação pessoal com Deus. E a nossa resposta de amor também não deveria ser entendida como uma mera soma de pequenos gestos de amor pessoais a favor de alguns indivíduos necessitados, o que poderia construir uma ‘caridade por receita’, uma série de acções destinada a tranquilizar a própria consciência”<sup>75</sup>.

Fala-nos também do amor. Na sua alocução do *Angelus* dia 10 de maio de 2015, o Papa afirmou que Jesus “nos leva a sair de nós mesmos para ir em direção aos outros. Jesus mostrou-nos que o amor de Deus *se concretiza no amor ao próximo*».”<sup>76</sup>

O Papa Francisco lança o desafio de olharmos o outro como verdadeiro irmão em Cristo e como tal, cada um deve dar o melhor de si em prol de uma sociedade mais justa e fraterna, por conseguinte uma “Civilização do Amor”.

---

<sup>74</sup> Papa Francisco, *A Alegria do Evangelho*, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, Paulinas, Prior Velho, Dezembro de 2013, p. 134 nº 192.

<sup>75</sup> Apud, António FERREIRA, Luís SILVA – Unidade Letiva 02 – *Valores e Ética Cristã*, Fundação S NEC, Lisboa 2015, p. 71.

<sup>76</sup> Papa Francisco, *REGINA COELI*, Praça São Pedro, Domingo, 10 de Maio de 2015.

### 3. Como e porque surge a questão da “Civilização do Amor” no discurso dos Papas?

A questão da expressão “Civilização do Amor”, ainda que enunciada pelo Papa Paulo VI de uma forma clara, é sustentada por acontecimentos anteriores que marcaram a História da Igreja e da Humanidade.

Não tendo a pretensão de recuar e aprofundar muito na história, dado não ser esse o objeto de estudo, é pertinente frisar que esta expressão surge no rescaldo da II Guerra Mundial (1939/1945) ou seja, é utilizada pela primeira vez cerca de 15 anos depois do fim da Guerra e da derrota dos regimes políticos nazi-fascismo, com a consciência do que fora o Holocausto, e quando já se vivia a chamada Guerra Fria (recorde-se que a construção do Muro de Berlim foi em 1961- e o Terceiro Mundo surgia como uma realidade gritante no palco internacional).

É dentro de um clima de ausência de Paz, de confrontação entre vários modelos de sociedade e na existência de um mundo dividido (Ocidente/Leste, Norte/Sul), que o Papa Montini apela à construção desta “Civilização do Amor” e que institui em 1968 o Dia Mundial da Paz, celebrado a partir daí a 1 de janeiro de cada ano civil.

Ainda no final do século XIX, surgira a Encíclica *Rerum Novarum* (1891) do Papa Leão XIII (1878/1903) que se tornou “um marco no longo percurso da reflexão da Igreja sobre a sociedade”<sup>77</sup>, tendo esta sido a fonte de muitas outras Encíclicas<sup>78</sup>.

Com estas Encíclicas desenvolvera-se a Doutrina Social da Igreja (séc. XIX), “como uma resposta a questões que o desenvolvimento das sociedades liberais e industrializadas colocou ao nível da organização da vida e construção da própria sociedade.”<sup>79</sup>

---

<sup>77</sup> Paulo FONTES, *A Doutrina Social da Igreja numa Perspectiva Histórica*, Centro de Estudos Sócio-Pastorais, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 1994, p. 69.

<sup>78</sup> Entre outras Encíclicas que foram “beber à fonte” da *Rerum Novarum* menciono: de João XXIII *PACEM IN TERRIS*; de Paulo VI *POPULORUM PROGRESSIO*; de João Paulo II *CENTESIMUS ANNUS* e *SOLLICITUDO REI SOCIALIS*; de Bento XVI *DEUS CARITAS EST*.

Esta ideia da “Civilização do Amor”, de Paulo VI, também tem raízes no pontificado do Papa João XXIII (1958/63), nomeadamente na Carta Encíclica *Pacem in Terris* (1963) “Encíclica da paz e da dignidade humana.”<sup>80</sup>, que, na procura da Paz faz um apelo “a todas as pessoas de boa vontade”<sup>81</sup>, tornando-se desta forma, a primeira vez que um Papa se dirige a todos os homens de boa vontade, ao invés de se dirigir apenas à comunidade cristã, como vinha sendo hábito. Reconhecia-se assim a existência de uma sociedade secularizada, autonomizada relativamente à visão religiosa, onde o cristianismo não constituía uma referência obrigatória. Tal facto introduz “um elemento de novidade e grande alcance na relação da Igreja com a sociedade.”<sup>82</sup> A todos estes, segundo João XXIII, “incumbe a imensa tarefa de restaurar as relações de convivência humana na base da verdade, justiça, amor e liberdade”<sup>83</sup>.

No que concerne à posição do próprio Papa Paulo VI, a sua Carta Encíclica *Populorum Progressio* (1967) é um grito contra as desigualdades sociais e culturais entre ricos e pobres, entre nações desenvolvidas e subdesenvolvidas, de que o mundo ganhava consciência, mas que ainda hoje se verificam em todo o mundo. Paulo VI, na mesma Encíclica, apresenta algumas formas de responder a tais situações, nomeadamente quando nos fala da necessidade da fraternidade entre os povos: “As suas obrigações enraízam-se na fraternidade humana e sobrenatural, apresentando-se sob um tríplice aspeto: o do dever de solidariedade, o do dever de justiça social, e o do dever de caridade universal.”<sup>84</sup>

Também Paulo VI rompe as barreiras existentes, em nome da universalidade, dirigindo-se a todos os Homens e não apenas aos cristãos, numa sociedade mundializada. Salienta que o “desenvolvimento é o novo nome da paz”<sup>85</sup>, e quando este não existe, com

---

<sup>79</sup> Paulo FONTES, *A Doutrina Social da Igreja numa Perspectiva Histórica*, Centro de Estudos Sócio-Pastorais, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 1994, p. 72.

<sup>80</sup> Conselho Pontifício «Justiça e Paz», *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, p.77, nº 95.

<sup>81</sup> Papa João XXIII, CARTA ENCÍCLICA *PACEM IN TERRIS*, 1963, nº171.

<sup>82</sup> Paulo FONTES, *A Doutrina Social da Igreja numa Perspectiva Histórica*, Centro de Estudos Sócio-Pastorais, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 1994, p. 70.

<sup>83</sup> Papa João XXIII, CARTA ENCÍCLICA *PACEM IN TERRIS*, 1963, nº 162.

<sup>84</sup> Papa Paulo VI, CARTA ENCÍCLICA *POPULORUM PROGRESSIO*, 1967, nº 44.

<sup>85</sup> *Ibidem*, nº 76.

facilidade a paz é colocada em causa. Paulo VI afirma que “a paz não se reduz a uma ausência de guerra, fruto do equilíbrio sempre precário das forças. Constrói-se, dia a dia, na busca de uma ordem querida por Deus, que traz consigo uma justiça mais perfeita entre os homens.”<sup>86</sup>

João Paulo II “encarna” durante todo o seu pontificado uma postura análoga à de Paulo VI. Acérrimo defensor da paz, encontrou ao longo do seu pontificado vários momentos em que teve que intervir a favor da mesma, nomeadamente em diversos conflitos e entre diversos países, como aconteceu no conflito entre a Argentina e o Chile e ainda Argentina e Grã-Bretanha.

Mas o seu pontificado também ficou marcado pelo seu empenho na luta contra o regime comunista e o fim da Guerra Fria. Já mais recentemente apresentou a sua posição contra a Guerra do Iraque.

Com a sua Carta Encíclica *Centesimus Annus* (1991), - Encíclica comemorativa do centenário da *Rerum Novarum*, pretendeu reconhecer e realçar a importância e atualidade dessa Encíclica do Papa Leão XIII tornando-a atual para os homens de hoje. João Paulo II, defendeu a dimensão social da humanidade, considerando que “a sociabilidade do homem não se esgota no Estado, mas realiza-se em diversos aglomerados intermédios, desde a família até aos grupos económicos, sociais, políticos e culturais”<sup>87</sup>. O Papa retoma assim o princípio da subsidiariedade. Considera que o Estado, ou outros órgãos superiores, apenas intervenham quando necessário, deixando que a sociedade resolva as suas situações sem a sua intervenção, não os privando das suas competências. Estes só devem intervir quando solicitados, e procurando ter em consideração o bem comum.<sup>88</sup> Dado o contexto económico, social, político em que este pontificado se realizou, João Paulo II vê nos jovens “o futuro da humanidade e as pedras vivas para construir a civilização do amor.”<sup>89</sup>

---

<sup>86</sup> Papa Paulo VI, CARTA ENCÍCLICA *POPULORUM PROGRESSIO*, 1967, nº 76.

<sup>87</sup> Papa João Paulo II, CARTA ENCÍCLICA *CENTESIMUS ANNUS*, 1991, nº 13.

<sup>88</sup> *Ibidem*, nº 48.

<sup>89</sup> Papa João Paulo II, MENSAGEM DE SUA SANTIDADE PARA A CELEBRAÇÃO DO XXXIV DIA MUNDIAL DA PAZ, 1º de Janeiro de 2001, nº22.



O Papa Bento XVI, ao iniciar o seu pontificado, em 2005, encontrou uma Europa secularizada<sup>90</sup> e descristianizada<sup>91</sup> que também se tornou vítima dos graves problemas económico-financeiros<sup>92</sup>, nomeadamente a partir de 2008. Dado o clima que se vive na Europa, Bento XVI, apresenta-nos, na sua Carta Encíclica *Deus Caritas Est*, algumas reflexões sobre o amor de Deus ao Homem, aprofundando também o conceito de “*Caritas*”, ou seja, o amor ao próximo como resposta ao amor de Deus.

O Papa Bento XVI começa por citar na Primeira Carta de João “«Deus é amor, e quem permanece no amor permanece em Deus e Deus nele»”<sup>93</sup>. Este amor transforma-se em caridade quando falamos do amor ao próximo. Como refere ainda na mesma Encíclica, “o amor do próximo, radicado no amor de Deus, é um dever antes de mais para cada um dos fiéis, mas é-o também para a comunidade eclesial inteira”<sup>94</sup>.

Na sua Carta Encíclica, *Caritas in Veritate* (2009), sobre a verdade, Bento XVI, continua com a mesma linha de pensamento sobre a caridade como forma de amor ao próximo. Sem esta “não há consciência e responsabilidade social, e a atividade social acaba à mercê de interesses privados e lógicas de poder, com efeitos desagregadores na sociedade, sobretudo numa sociedade em vias de globalização que atravessa momentos difíceis como os atuais.”<sup>95</sup>

Face a todas as contingências, falar de caridade é falar de um dos pilares que sustentam a “Civilização do Amor”. Sendo a caridade uma forma de amor, este é um dos pilares para a sua construção.

---

<sup>90</sup> **Secularização** = 1. Acção ou resultado de secularizar ou de se secularizar. 2. Passagem de um religioso ou de uma comunidade regular à vida laica, secular; absolvição do voto de clausura. [...] 3. Acção de tornar ou de se tornar laico, secular, alguma coisa. «a secularização é um das sociedades é um processo inevitável» (Público, 3.3.1991). «A convivência de diferentes credos religiosos contribuiu também para a secularização do pensamento» [...]. 4. Transferência de bens religiosos para o Estado ou para uma pessoa jurídica de direito público. Retirado do Dicionário de Língua Portuguesa Contemporânea, Academia das Ciências de Lisboa, 2º Volume F-Z, Academia das Ciências de Lisboa e Editorial Verbo, 2001.

<sup>91</sup> **Descristianização** = Acção de se descristianizar ou descristianizar; afastamento ou perda da doutrina e prática do cristianismo. Diferente cristianização. *Tem-se assistido, nas últimas décadas, à descristianização da Europa*. Retirado do Dicionário de Língua Portuguesa Contemporânea, Academia das Ciências de Lisboa, 1º Volume A-F, Academia das Ciências de Lisboa e Editorial Verbo, 2001.

<sup>92</sup> Papa Bento XVI, CARTA ENCÍCLICA *CARITAS IN VERITATE*, 2009, nº 33.

<sup>93</sup> Cf. CARTA ENCÍCLICA *DEUS CARITAS EST*, 2005, nº 1.

<sup>94</sup> *Ibidem*, nº 20.

<sup>95</sup> Papa Bento XVI, CARTA ENCÍCLICA *CARITAS IN VERITATE*, 2009, nº5.

O pontificado do Papa Francisco começou em 2013, e sensivelmente dentro do mesmo contexto do Papa Emérito, um contexto de descristianização e de problemas económicos e financeiros, pela qual, não só a Europa, mas também o resto do mundo, está a passar. Neste seu pontificado, Francisco dá especial atenção aos pobres: a solidariedade e a misericórdia são duas tónicas do Amor para ele, sendo também pilares fundamentais para a concretização de uma “Civilização do Amor”. Na *Bula de Proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia que nos presenteou no dia 11 de Abril de 2015* faz-nos refletir sobre este mistério da misericórdia:

“Precisamos sempre de contemplar o mistério da misericórdia. É fonte de alegria, serenidade e paz. É condição da nossa salvação. Misericórdia: é a palavra que revela o mistério da Santíssima Trindade. Misericórdia: é o acto último e supremo pelo qual Deus vem ao nosso encontro. Misericórdia: é a lei fundamental que mora no coração de cada pessoa, quando vê com olhos sinceros o irmão que encontra no caminho da vida. Misericórdia: é o caminho que une Deus e o homem, porque nos abre o coração à esperança de sermos amados para sempre, apesar da limitação do nosso pecado.”<sup>96</sup>

41

Em suma, todas as épocas abordadas trazem consigo um conjunto de problemas económicos, políticos e sociais, aos quais os Estados procuram dar resposta. A Igreja, nomeadamente, na pessoa dos seus Pontífices, eleitos ao longo dos tempos, tem mostrado preocupação perante tais situações e procura dar resposta a estas situações, apresentando especialmente, nas suas Encíclicas de cariz social, entre outros documentos<sup>97</sup>, soluções que ajudam a minimizar tais problemas e que vão ao encontro da construção de uma nova civilização, a “Civilização do Amor”.

<sup>96</sup> Papa Francisco, *Misericordiae Vultus*, BULA DE PROCLAMAÇÃO DO JUBILEU EXTRAORDINÁRIO DA MISERICÓRDIA, 11 de Abril de 2015.

<sup>97</sup> Exemplos de documentos: Mensagens, Cartas, Discursos.

#### 4. “Civilização do Amor” - inspiração para a transformação do mundo

Quando o Papa Paulo VI lançou pela primeira vez o repto relativamente à “Civilização do Amor” – o seu sonho para a humanidade, uma proposta de utopia que visava cativar e mobilizar todas as boas vontades -, nem ele próprio tinha um plano definido para a sua construção, adiantando que uma civilização não se constrói de um dia para o outro, no entanto, procurou lançar algumas pedras para os alicerces da mesma<sup>98</sup>. Considerou que:

«“civilização” entende-se como “complexo de condições morais, civis, económicas, que permite à vida humana uma melhor possibilidade de existência, uma razoável plenitude, um destino feliz e eterno”; começa em Deus, que é Amor; tem como primeiro dever o amor ao próximo, “o principal objeto do programa renovado e renovador”; caracteriza-se por uma grande “sensibilidade pela humanidade que sofre, fisicamente, socialmente, moralmente”; denuncia as dores, as desordens, os perigos, “aos quais não podemos ficar indiferentes”.»<sup>99</sup>

Tendo como pano de fundo esta ideia, e em simultâneo, a realidade na qual o ser humano está mergulhado, verifica-se que existe frequentemente um grande desfasamento. Deparamo-nos diariamente com situações que colocam as sociedades em rotura com a vivência deste ideal proposto por Paulo VI.

Com imensa facilidade e frequência escutamos nos meios de comunicação social, e não só, os atentados que existem contra a vida humana, seja através de suicídios, homicídios, violação dos direitos humanos, aborto, um conjunto de situações que colocam em causa a vida, a Vida humana.

Por sua vez, nestes mesmos meios também somos confrontados com outras realidades, como a falta de emprego, ou emprego precário, como a fome, que se torna uma realidade mais evidente e não tão distante como há décadas a esta parte. A busca da paz, ansiada por tantos

---

<sup>98</sup> In Unidade Letiva 04: *A Civilização do Amor*, Fundação SNEC, Lisboa 2015, p. 13.

<sup>99</sup> *Ibidem*, p. 13.

povos, continua ainda uma realidade longe de ser vivida por muitos. Todos estes sintomas apresentados revelam falta de políticas que vão de encontro às necessidades do ser humano, que procurem vê-lo em todas as suas dimensões como pessoa, e não simplesmente enquanto instrumento de produção.

Face a todas estas situações surgem algumas questões: como construir uma “Civilização do Amor”? Quais os princípios subjacentes para a existência de uma “Civilização do Amor”? Quem são os que já vivem ou querem viver numa “Civilização do Amor”? Estas são algumas das questões que se podem colocar face à realidade com que somos confrontados diariamente.

Para fazer face a todas estas situações o homem é chamado a empenhar-se e a construir uma Civilização na qual se sinta seguro, protegido, amado, capaz de *ser* e de se *dar*. Como já foi referido anteriormente, são algumas as causas que levam à rotura de leis e princípios que ajudariam sobremaneira a ultrapassar estas situações.

Quanto aos princípios subjacentes à vivência da “Civilização do Amor” apresentam-se os enumerados no manual do aluno e que vão de encontro aos princípios emanados pela Doutrina Social da Igreja. Tais princípios prendem-se com a dignidade humana, o destino universal dos bens, o trabalho para todos, o respeito pela vida e pela família, a promoção da paz e o perdão.<sup>100</sup> Ou seja, estes princípios ao serem vivenciados por todos os seres humanos, seguramente ajudariam a que este desejo se tornasse realidade.

No que concerne à dignidade humana, ela é intrínseca ao ser humano, porque é pessoa. Nos documentos do Magistério da Igreja pode ler-se “Aumenta simultaneamente a consciência da eminente dignidade inerente à pessoa humana, porque ela é superior a todas as coisas e os seus direitos e deveres são universais e invioláveis.”<sup>101</sup>

Quando se fala no destino universal dos bens, está implícito que o que existe e nos foi dado, é para todos e não apenas para usufruto de alguns. Quanto a este item, o Catecismo da Igreja Católica, aludindo à Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, refere que “O bem comum

---

<sup>100</sup> In Unidade Letiva 04: *A Civilização do Amor*, Fundação SNEC, Lisboa 2015, p. 21-23.

<sup>101</sup> *Concílio Ecuménico Vaticano II*, “Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo *Gaudium et Spes*”, Gráfica de Coimbra, 1998, p. 181, nº 26.

está sempre orientado para o progresso das pessoas: «A ordem das coisas deve estar subordinada à ordem das pessoas, e não o inverso». Esta ordem tem por base a verdade, constrói-se na justiça e é vivificada pelo amor.»<sup>102</sup>

Trabalho para todos é outro dos princípios. O trabalho é um meio de realização pessoal por excelência, que contribui para o desenvolvimento humano e social, como expressou João Paulo II na sua Encíclica *Laborem Exercens*. “O acesso ao trabalho e ao exercício da profissão deve ser aberto a todos sem discriminação injusta: homens e mulheres, sãos e deficientes, naturais e imigrados. Por sua vez, a sociedade deve, nas diversas circunstâncias, ajudar os cidadãos a conseguir um trabalho e um emprego.”<sup>103</sup>

Quando falamos ou pensamos numa “Civilização do Amor” e nos princípios que dela emanam, o respeito pela vida e pela família estão inerentes. O respeito pela vida humana e pela família, assim como o de toda a criação, são basilares para o pleno desenvolvimento do ser humano. “Determinante e insubstituível é e deve ser considerado o seu papel para promover e construir a cultura da vida contra a difusão de uma «anticivilização» destruidora do «amor nos vários âmbitos em que se exprime, com inevitáveis repercussões sobre o conjunto da vida social».”<sup>104</sup>

44

Falar de “Civilização de Amor” e não falar de Paz e na sua promoção seria uma lacuna. Quando falamos em paz não falamos apenas na ausência de guerra, mas da paz que todos anseiam, nascida dos corações.

“São absolutamente necessárias para a construção da paz a vontade firme de respeitar os outros homens e povos e a sua dignidade e o exercício dedicado da fraternidade. Assim a paz é também fruto do amor, o qual ultrapassa aquilo que a justiça pode dar.”<sup>105</sup>

Por fim, outro princípio subjacente é o Perdão. Dada a pequenez e a condição de pecador do ser humano, é-lhe oferecido o perdão como condição para continuar a estabelecer relação

---

<sup>102</sup> Catecismo da Igreja Católica, Gráfica de Coimbra, 1999, p. 480, nº 1912.

<sup>103</sup> *Ibidem*, p. 589, nº 2433.

<sup>104</sup> Conselho Pontifício «Justiça e Paz», *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, p.161, nº 231.

<sup>105</sup> *Concílio Ecuménico Vaticano II*, “Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo *Gaudium et Spes*”, Gráfica de Coimbra, 1998, p. 243, nº78.

consigo, com os outros e com Deus. “*A Igreja ensina que uma verdadeira paz só é possível através do perdão e da reconciliação.*”<sup>106</sup>

Pode concluir-se que se trata de um conjunto de princípios que implicam uma abertura do ser humano ao outro, ao seu próximo, o que implica muitas vezes renúncia e espírito de sacrifício, o que para alguns pode ser encarado de uma forma positiva, no entanto, para outros poderá ser um entrave à vivência dos mesmos. De salientar, que a Doutrina Social da Igreja apresenta, para cada um destes princípios, razões profundíssimas para a sua vivência.

---

<sup>106</sup> Conselho Pontifício «Justiça e Paz», *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, p.326, nº 517.

## 5. A “Civilização do Amor” na relação da Igreja com a sociedade moderna

Para se construir uma “Civilização do Amor” é necessário que o comum dos homens e mulheres o queiram, porque são estes os protagonistas da história e da sociedade, enquanto cidadãos. Estes cidadãos a que nos referimos, são todos os “homens de boa vontade” (como referiu o Papa João XXIII), não só cristãos, mas todos os que procuram uma comunhão fraterna entre todos, independentemente do seu credo, da sua cor política, da sua cultura ou estado social. Todos são chamados a esta construção.

Sabemos de antemão, e como foi referido também anteriormente, que vivemos numa época em que a secularização e a descristianização ocupam um lugar relevante na sociedade moderna, o que faz com que possamos colocar a seguinte questão - “como é possível aí fazer ouvir a mensagem de Cristo?”<sup>107</sup> Cada vez mais embebidos por novas tecnologias, no avanço técnico e científico em que as humanidades dão espaço ao tecnológico, o homem centra e direciona o seu pensamento em função das máquinas e em detrimento do ser humano.

O Papa Emérito Bento XVI frisa precisamente, na sua Carta Encíclica *Spe Salvi* de 2007, “Se ao progresso técnico não corresponde um progresso na formação ética do homem, no crescimento do homem interior (cf. *Ef* 3,16; *2 Cor* 4,16), então aquele não é um progresso, mas uma ameaça para o homem e para o mundo.”<sup>108</sup> Ainda assim, há que ressaltar a importância das novas tecnologias, utilizadas pela Igreja, para a transmissão dos seus ensinamentos que sem aquelas seria muito mais difícil chegar aos quatro cantos do mundo. Contudo “isto, evidentemente, não nos torna cegos aos contra-valores das sociedades atuais, impondo-se por isso, um espírito crítico para denunciar tudo o que, na cultura moderna, se opõe ao Evangelho, à dignidade do homem.”<sup>109</sup> Dadas as circunstâncias “o Evangelho deve

---

<sup>107</sup> H.CARRIER, A Modernidade como Cultura a Evangelizar, in *Communio*, Revista Internacional Católica, n.º1, Ano 5, Janeiro/Fevereiro 1998, p. 6.

<sup>108</sup> Papa Bento XVI, CARTA ENCÍCLICA *SPE SALVI*, 2007, n.º 22.

<sup>109</sup> H. CARRIER, A Modernidade como Cultura a Evangelizar, in *Communio*, Revista Internacional Católica, n.º1, Ano 5, Janeiro/Fevereiro 1998, p. 8.

inspirar os estilos de vida, os critérios de julgamento, as mentalidades, os comportamentos dominantes, os valores que formam uma determinada cultura.”<sup>110</sup> Tendo como pano de fundo esta ideia, apresenta-mos aqueles que são os “pilares” que o Papa João XXIII apresentou como imprescindíveis, para a Civilização do Amor, “o amor, a verdade, a liberdade e a justiça.”<sup>111</sup> Mais tarde, João Paulo II veio reiterar o mesmo pensamento. Na sua mensagem para o dia Mundial da Paz em 2003, faz alusão às quatro exigências que João XXIII considerou essenciais para a construção da paz:

“A *verdade*, dizia ele, será fundamento da paz, se cada indivíduo honestamente tomar consciência não só dos próprios direitos, mas também dos seus deveres para com os outros. A *justiça* edificará a paz, se cada um respeitar concretamente os direitos alheios e esforçar-se por cumprir plenamente os próprios deveres para com os demais. O *amor* será fermento de paz, se as pessoas sentirem como próprias as necessidades dos outros e partilharem com eles o que possuem, a começar pelos valores do espírito. Finalmente a *liberdade* alimentará e fará frutificar a paz, se os indivíduos, na escolha dos meios para alcançá-la, seguirem a razão e assumirem corajosamente a responsabilidade dos próprios atos.”<sup>112</sup>

47

Ainda que, estes quatro pilares enunciados por João XXIII na sua Encíclica *Pacem in Terris* em 1963, tivessem surgido no meio de um clima avesso à Paz, nomeadamente pouco tempo depois da construção do Muro de Berlim e da eminência de uma Guerra Nuclear derivada da “crise dos mísseis em Cuba.”<sup>113</sup>, “O Papa João XXIII não estava de acordo com os que consideravam impossível a paz.”<sup>114</sup>

“A reflexão social da Igreja procurou assim acompanhar os novos tempos. Com João XXIII, na Encíclica *Mater et Magistra* (1961), surgem novos temas – como a socialização e intervenção dos poderes públicos e a relação entre os povos, nomeadamente a necessidade de auxílio aos países subdesenvolvidos-, retoma-se o tema da propriedade – tanto privada quanto pública -,

<sup>110</sup> H. CARRIER, A Modernidade como Cultura a Evangelizar, in *Communio*, Revista Internacional Católica, n.º1, Ano 5, Janeiro/Fevereiro 1998, p. 9.

<sup>111</sup> In Manual do Aluno: *Alicerces, A Civilização do Amor*, Fundação SNEC, Lisboa 2009, p. 42.

<sup>112</sup> Papa João Paulo II, Mensagem para a Celebração do XXXVI dia Mundial da Paz, 1º de Janeiro de 2003, n.º3.

<sup>113</sup> *Ibidem*, n.º 2.

<sup>114</sup> *Ibidem*, n.º 3.



revela-se particular atenção à agricultura e ao processo de modernização das sociedades, reflete-se sobre o papel da mulher.

Na relação com a sociedade, privilegia-se uma atitude de abertura e diálogo com os «homens de boa vontade», propondo-se «a distinção entre as falsas teorias filosóficas» e os «empreendimentos de ordem económica, social, cultural ou política» e valoriza-se decisivamente a presença e colaboração com os não-católicos nessas diversas esferas da vida. Neste sentido, a DSI privilegia a definição dos critérios que devem nortear a ação dos cristãos, fundados numa visão religiosa do homem e na afirmação dos valores evangélicos: verdade, justiça, caridade e liberdade.”<sup>115</sup>

Quando falamos da relação da Igreja com a sociedade moderna surge-nos com frequência a expressão “sinais dos tempos”. Mas o que se poderá dizer, ou melhor, quais os “sinais dos tempos” que vivemos atualmente e o que têm estes a ver com a “Civilização do Amor”? A Doutrina Social da Igreja “procura oferecer um conjunto de princípios que a própria *ciência social* desenvolverá, aplicando-a aos quadros da sociedade, e que a *ação* dos católicos procurará concretizar nos vários campos da vida dessa mesma sociedade.”<sup>116</sup> Ou seja, com este conjunto de princípios o ser humano é impelido a construir uma sociedade mais justa, mais humana, diria mesmo a “Civilização do Amor”, a partir da leitura dos tais “sinais dos tempos”.

Paulo VI na sua Encíclica *Gaudium et Spes* já mostrou interesse por esta abordagem “é dever da Igreja investigar a todo o momento os sinais dos tempos, e interpretá-los à luz do Evangelho”.<sup>117</sup> No entanto, foi João XXIII, no Pontificado anterior, com o anúncio do Concílio Vaticano II, que suscitou primeiramente o interesse por essa perspetiva. Como resposta à exigência desses “sinais dos tempos” e verificando que o ser humano estava a deturpar a liberdade que lhe tinha sido dada pelo Criador, convocou o Concílio Vaticano II que, “desde a sua origem, quis ser a resposta de uma Igreja, que lê no tempo a vontade de Deus e as necessidades dos homens, aos grandes problemas e interrogações da nossa

---

<sup>115</sup> Paulo FONTES, *A Doutrina Social da Igreja numa Perspectiva Histórica*, Centro de Estudos Sócio-Pastorais, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 1994, p. 90-91.

<sup>116</sup> *Ibidem*, p. 72.

<sup>117</sup> *Concílio Ecuménico Vaticano II*, “Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo *Gaudium et Spes*”, Gráfica de Coimbra, 1998, p. 159, nº 4.

época”.<sup>118</sup> Este Concílio aconteceu porque “um Papa, que sabia ler os sinais dos tempos soube descobrir nas conjunturas da história que tinha chegado a hora para o grande acontecimento.”<sup>119</sup>

Surge desta forma o Concílio e nele foram tratados muitos temas, um dos quais a questão dos “sinais dos tempos”. Mas, o que são os “sinais dos tempos”? Esta questão não foi simples de tratar pelo grupo de trabalho no Concílio. Surgiram algumas divergências sobre o conceito, no entanto acabaram por apresentar a seguinte definição:

“«sinais dos tempos são fenómenos que, pela sua generalidade ou pela sua grande frequência, caracterizam uma época. Por eles se afirmam as necessidades e as aspirações da humanidade presente que a dispõem para receber a ação da Igreja. A Igreja deve observá-los e adaptar a sua ação a estes sinais; eles manifestam, com efeito, as disponibilidades à graça e as capacidades atuais de ouvir a Palavra de Deus».”<sup>120</sup>

Assim sendo, para se conseguir ler os “sinais dos tempos” é importante para a Igreja a sua integração na história, tendo como pano de fundo a história de Deus com o seu povo.<sup>121</sup>

Torna-se pertinente referir que a interpretação que a Igreja faz dos “sinais dos tempos” deve ser dinâmica e não estática, ou seja, todo o cristão é chamado a ser fiel ao seu dever de justiça e caridade, e para isso, deve estar atento ao que o rodeia e aí agir de acordo com esses princípios de caridade e justiça.<sup>122</sup> O mesmo texto faz alusão a alguns “sinais dos tempos”. Essas referências prendem-se com a indiferença religiosa, o problema do mal e da morte, a capacidade de destruição do homem, a expansão por todo o mundo da civilização ocidental,

---

<sup>118</sup> D. José da Cruz POLICARPO, *Obras Escolhidas*, O Evangelho e a História, Ler os Sinais dos Tempos, Vol. 1, Universidade Católica Editora, Lisboa 2003, p. 27.

<sup>119</sup> D. José da Cruz POLICARPO, *Obras Escolhidas*, O Evangelho e a História, Ler os Sinais dos Tempos, Vol. 1, Universidade Católica Editora, Lisboa 2003, p. 27.

<sup>120</sup> Apud, D. José da Cruz POLICARPO, *Obras Escolhidas*, O Evangelho e a História, Ler os Sinais dos Tempos, Vol. 1, Universidade Católica Editora, Lisboa 2003, p. 200.

<sup>121</sup> D. José da Cruz POLICARPO, *Obras Escolhidas*, O Evangelho e a História, Ler os Sinais dos Tempos, Vol. 1, Universidade Católica Editora, Lisboa 2003, p. 144.

<sup>122</sup> *Ibidem*, p. 145.

levando consigo as limitações e defeitos que lhe são próprios e o facto de o cristianismo ser rejeitado como religião e aceite como cultura.<sup>123</sup>

Para os cristãos, os “sinais dos tempos” também passam pela visão futura do “fim dos tempos”, numa perspectiva escatológica, porque este também está presente na história. “Interpretar os sinais dos tempos é ler à luz do fim dos tempos, tornado presente em Cristo, o que cada acontecimento significa para a realização integral do homem e para o crescimento do Reino.”<sup>124</sup>

---

<sup>123</sup> Apud, D. José da Cruz POLICARPO, *Obras Escolhidas*, O Evangelho e a História, Ler os Sinais dos Tempos, Vol. 1, Universidade Católica Editora, Lisboa 2003, p. 202.

<sup>124</sup> D. José da Cruz POLICARPO, *Obras Escolhidas*, O Evangelho e a História, Ler os Sinais dos Tempos, Vol. 1, Universidade Católica Editora, Lisboa 2003, p. 281.

### III Parte

«“Gioannin, encontrei jovens que vivem  
como os primeiros cristãos.”  
“És maluco – respondi-lhe - ,  
viver como os primeiros cristãos neste tempo,  
como é possível!”»<sup>125</sup>

#### 1. A contextualização histórica da proposta cristã da “Civilização do Amor” na Unidade Letiva 4

Tendo em consideração a pertinência desta Unidade Letiva 04 – A Civilização do Amor, no Ensino Secundário, considera-se importante aprofundar este mesmo conceito apresentado pelo Papa Paulo VI e “aplaudido” pelos seus predecessores. Dada a sua pertinência e a sua carga pedagógica, consideramos vivamente a sua inclusão de uma forma mais detalhada no programa desta mesma Unidade Letiva. Presentemente o Novo Programa propõe para esta Unidade Letiva 4 um conjunto de dez Metas Curriculares. As Metas Curriculares têm como finalidade “fornecer uma visão o mais objectiva possível daquilo que se pretende alcançar”.<sup>126</sup> Tendo sempre como pano de fundo “a configuração de cada homem e mulher, que são os nossos alunos como seres humanos integrais”<sup>127</sup>.

Para estabelecer as Metas Curriculares é importante ter como base os Domínios que agregam os padrões curriculares daquilo que o aluno deve conhecer e saber fazer. Estes estão relacionados com a Religião e Experiência Religiosa; Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida;

---

<sup>125</sup> Enzo Maria FONDI, Michele ZANZUCCHI, *Um Povo Nascido do Evangelho*, Chiara Lubich e os Focolares, Paulus Editora, 2004, p. 149.

<sup>126</sup> Cf. *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Lisboa, SNEC, 2014, p.6.

<sup>127</sup> *Ibidem*, p. IV.

Ética e Moral.<sup>128</sup> No que concerne à Unidade Letiva “Civilização do Amor” apresentamos no próximo quadro as Metas Curriculares que a compõe e a sua relação com os Domínios:

Domínios	Metas Curriculares
<b>Religião e Experiência Religiosa</b>	B) Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história. C) Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas. D) Promover o diálogo inter-religioso como suporte para a construção da paz e a colaboração entre os povos.
<b>Cultura Cristã e Visão Cristã da Vida</b>	F) Conhecer a mensagem e cultura bíblicas. G) Identificar os valores Evangélicos. I) Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade.
<b>Ética e Moral</b>	M) Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano. O) Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo. P) Identificar o fundamento Religioso da moral cristã. Q) Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.

Conclui-se que “para cada **Unidade Letiva**, as **Metas Curriculares** permitem a definição de um conjunto de **Objetivos Programáticos** e estes articulam-se em torno de um conjunto de **Conteúdos**.”<sup>129</sup> Considera-se que as Metas estão ajustadas a este nível de ensino, ou seja, ao Ensino Secundário gozando também de uma distribuição uniforme entre os Domínios.

Na quarta parte deste trabalho serão apresentadas novas planificações, onde será introduzido de uma forma mais aprofundada este conceito de “Civilização do Amor”. A Unidade Letiva 04 – A Civilização do Amor, será programada para oito aulas de noventa minutos e será lecionada a discentes que frequentem o Ensino Secundário, 10º, 11º ou 12º ano.

Com efeito, pretende-se que os alunos possam compreender em que contexto foi esta expressão utilizada, o que ela engloba e apresentaremos também evidências de que esta

<sup>128</sup> Cf.- *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Lisboa, SNEC, 2014, p.8.

<sup>129</sup> *Ibidem*, p.8.

“Civilização do Amor” já é vivida por muitos, apresentando concretamente o caso de um Movimento da Igreja Católica, entre outros possíveis, que procura vivenciar esta “Civilização do Amor” diariamente.

Para tornar mais claro este conceito, é apresentada também uma proposta de visita de estudo à Cidadela de Movimento dos Focolares, que se considera ser imprescindível incluir na lecionação, fechando de uma forma vivencial o estudo deste tópico.

Sendo que cada vez mais os nossos alunos vivem embebidos pelas tecnologias e tudo o que as rodeia, como foi referenciado na I parte deste trabalho, nomeadamente quando se fala do lugar da disciplina de EMRC no sistema de ensino, é salutar que os jovens sejam mais sensibilizados para as áreas humanas, as que procuram que o ser humano esteja no âmago do seu estudo, e aí, o papel da nossa disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica é fulcral, porque procura a formação e o desenvolvimento integral do aluno.

O desenvolvimento deste tema também sugere que se faça uma reflexão sobre a relação com o nosso Eu, assim como o papel desempenhado nas relações com os outros, pois a “Civilização do Amor” só acontece quando deixamos de olhar apenas para o nosso horizonte e olhamos também para o outro, o que contribui sobremaneira para que os nossos alunos possam abranger um leque de conhecimentos e vivências que lhes permitam tornar-se melhores homens e mulheres, no fundo, melhores cidadãos capazes de denunciar casos de injustiça e irem ao encontro de todos quantos precisam de ter uma voz que os represente.

Os alunos que se inscrevem na disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica no Ensino Secundário, são jovens que à partida já vivenciam este tipo de experiências. No entanto, esses conhecimentos e vivências muitas vezes estão na esfera da teoria, daí considerar-se pertinente envolver os alunos na referida Visita de Estudo, que lhes permita durante um dia, pelo menos, apreciar esta experiência de “Civilização do Amor” vivida no terreno.

Como refere Richard Arends, a aprendizagem dos alunos é profícua quando estes estão “ativamente envolvidos em experiências relevantes e tendo oportunidades de dialogar para que os significados possam ser desenvolvidos e construídos.”<sup>130</sup>

São estas experiências no terreno, que levam os alunos a sair do seu Eu e ir ao encontro do outro, das suas necessidades, ou até mesmo só de experiências de vivências diferentes que os levam à ação.

Tratando-se de alunos do Ensino Secundário, com idades compreendidas entre os 15 e 18 anos sensivelmente, encontram-se numa faixa etária em que já se verifica maior maturidade psicológica, estando-se também mais despertos para estes temas de índole teológica/social. Ainda assim ressalva-se que nas idades apresentadas (15-18 anos) se está a falar da adolescência, e que esta se caracteriza por ser um tempo de mudança que aponta para a construção da identidade. “saber quem se é e o que se quer da vida, sentir segurança em si e na relação com os outros, ter espaço e independência, construir um projecto vocacional.”<sup>131</sup> No campo da religiosidade a adolescência, segundo Grom, “decorre da socialização primária, fundando as suas raízes na família de origem, modificando-se com as suas experiências proporcionadas pela escolarização, a comunidade de fé, os pares, a interacção com os conhecidos e os meios de comunicação social.”<sup>132</sup>

## **2. Quem são os que vivem hoje a “Civilização do Amor”?**

Quando falamos ou ouvimos falar de “Civilização do Amor”, surge-nos logo uma questão: Como é possível viver esta “Civilização do Amor” nos dias de hoje, num tempo em que os valores e princípios já não são os pilares de uma sociedade, onde cada um procura a

---

<sup>130</sup> Richard I. ARENDS, *Aprender a ensinar*, McGraw-Hill Companies, Madrid, 2008, p. 12.

<sup>131</sup> Cristina Sá CARVALHO, *Curso Geral – PSICOLOGIA, Formação de Catequistas*, SNEC, nº3, Maio de 2004, p.42-43.

<sup>132</sup> Apud, Cristina Sá Carvalho, *Curso Geral – PSICOLOGIA, Formação de Catequistas*, SNEC, nº3, Maio de 2004, p.62.

todo o custo ser melhor que o outro, não olhando a meios para atingir os seus fins? Serão, eventualmente, os primeiros pensamentos que surgem quando ouvimos ou falamos deste conceito de “Civilização do Amor”.

Mas como podemos transmitir este conceito aos alunos. Faz sentido tentar avançar contra a corrente? Ainda assim, consideramos que se cada um tiver um papel ativo e contribuir com um pouco que seja para transformar este nosso mundo, poder-se-á vivenciar e construir esta “Civilização do Amor” aqui e agora. Assim, construir-se-ia o efeito “pedra no charco”, ou seja, o contributo de cada um, por mais pequeno que seja, leva à transformação de outros. Estes por sua vez, com as suas atitudes levarão a que outros também vivam da mesma forma e assim sucessivamente. Trata-se de gestos exigentes indiscutivelmente! Mas se ninguém contribuir, aí, garantidamente, também nada acontecerá e então a “Civilização do Amor” não passará de uma utopia, e o ser humano, ser em relação, precisa de experimentar essa utopia.

Se tivermos como pano de fundo a ideia de que a “Civilização do Amor” é a vivência entre nós, do Amor que Deus tem por cada um, aí conseguiremos a sua concretização de um mundo mais habitável e fraterno. É este “mundo” que se procurará abordar nas próximas páginas. Foi este mundo que se descobriu quando se visitou a Cidadela do Movimento dos Focolares na Abrigada. Uma Cidadela que está no mundo e para o mundo, ou seja, todos os que lá vivem procuram contribuir com o que são e têm, para construção de um mundo mais humano, mais fraterno, procurando viver tudo isto à Luz da Palavra de Deus, ao jeito das primeiras comunidades cristãs. Em diálogo com Pulo Santos, Focolarino da Cidadela, “esta é um esboço de uma sociedade regida/orientada pela lei do Evangelho, onde moram pessoas com uma vida social e profissional normal, onde existem famílias e locais de trabalho.”

Tal como nesta Cidadela, acreditamos que muitos outros Movimentos espalhados por todo o mundo vivam e procurem contribuir para esta causa, chegando assim ao efeito “pedra no charco” como já foi referido.



Consideramos que a “Civilização do Amor” pode ser vivida por cada um de nós aqui e agora, ainda que não descurando as dificuldades que isso acarreta, dada a sua exigência e a envolvimento com que somos confrontados diariamente.

### **3. O Movimento dos Focolares como proposta aos que querem viver a “Civilização do Amor”**

O Movimento dos Focolares surgiu em Itália, mais propriamente em Trento no ano de 1943 em plena II Guerra Mundial e teve como fundadora Chiara Lubich (22/01/1920 – 14/03/2008). Chiara deixou a sua família e juntou-se a outras companheiras, dando assim origem ao primeiro focolar<sup>133</sup>, num modesto apartamento. Procuraram construir um ideal que nenhuma bomba pudesse destruir. “No meu coração veio a resposta: «Sim, esse ideal existe. É Deus!». E todas juntas decidimos fazer de Deus o porquê da nossa existência.”<sup>134</sup> Tornando-se assim o seu ideal a – Unidade - como tinha lido no Evangelho “Que todos sejam um”<sup>135</sup>. Este ideal<sup>136</sup> da Unidade, acaba por aglomerar todos os doze pontos<sup>137</sup> luminosos, tais como chamas de um único fogo, que, de uma pequena lareira, se tornou depois num grande

---

<sup>133</sup> Em Italiano «focolar», significa lareira, o lugar onde se cozinha, que em Trento ficava no meio da casa. Porém, o significado alargou-se até se tornar sinónimo de família, local de reunião, metáfora de toda a calorosa e familiar convivência. In Enzo Maria FONDI, Michele ZANZUCCHI, *Um Povo Nascido do Evangelho*, Chiara Lubich e os Focolares, Paulus Editora, 2004, p. 66.

<sup>134</sup> Enzo Maria FONDI, Michele ZANZUCCHI, *Um Povo Nascido do Evangelho*, Chiara Lubich e os Focolares, Paulus Editora, 2004, p. 18.

<sup>135</sup> Giulia FOLONARI, *UMA PARTITURA ESCRITA NO CÉU* – Cinquenta anos com Chiara Lubich, Editora Cidade Nova – Abrigada, 2012, p. 8.

<sup>136</sup> O termo «ideal» - que remete para a luz pela qual Chiara se sentia investida e que lhe parecia vir do alto – remete também para todas aquelas ideias que serviram para a fundação e a vida dos Focolares. Elas dizem respeito quer à sua espiritualidade, quer à sua estrutura. In Enzo Maria FONDI, Michele ZANZUCCHI, *Um Povo Nascido do Evangelho*, Chiara Lubich e os Focolares, Paulus Editora, 2004, p. 57.

<sup>137</sup> Os doze pontos da espiritualidade do Movimento dos Focolares são: 1.Deus Amor, 2.A vontade de Deus, 3.A Palavra, 4.O Irmão, 5. O Amor recíproco, 6.Jesus Eucaristia, 7.A Unidade, 8.Jesus Abandonado, 9. Maria, 10.A Igreja, 11.O Espírito Santo, 12.Jesus no Meio. In Enzo Maria FONDI, Michele ZANZUCCHI, *Um Povo Nascido do Evangelho*, Chiara Lubich e os Focolares, Paulus Editora, 2004, p.18-37.

incêndio. Daqui surge o nome Focolar. “lareira”, “lar”, pois muitos diziam que “Chiara e os outros traziam o fogo”.<sup>138</sup>

Ao logo de todo esse tempo, e tendo sempre por base a leitura do Evangelho diário, todas, procuravam fazer a vontade de Deus e sobre cada passagem que liam procuravam colocá-la em prática: “«Ama o teu próximo como a ti mesmo» O próximo? Quem era o próximo? Eram todas as pessoas atingidas pela guerra, feridas, sem roupa, sem casa, que passam fome e sede. E dedicávamo-nos logo a elas de todas as maneiras.”<sup>139</sup>

Tendo por base o amor fraterno, o modelo adotado por Chiara para o Movimento foi a partilha de tudo entre todas, ou seja, tudo o que tinham era colocado em comum: alegrias, dores, experiências espirituais, bens e inclusive o próprio salário,<sup>140</sup> como acontecia nas primeiras comunidades cristãs.<sup>141</sup>

Após a 2ª Grande Guerra, eram já cerca de 500 as pessoas que se tinham juntado a este núcleo inicial e que desejavam partilhar o seu ideal divino. Os elementos do grupo foram-se espalhando por toda a Itália a pedido de muitos. Iam aderindo ao Movimento cada vez mais pessoas até que a partir de 1958 passou as fronteiras da Europa chegando a outros continentes. Atualmente o Movimento está presente em 182 países e conta com milhões de pessoas.<sup>142</sup> Pode dizer-se que se trata de um Movimento de cariz Ecuménico:

“existe um intenso diálogo com cristãos de 350 Igrejas (...) está também em contacto com fieis das principais religiões: hebreus, muçulmanos, budistas, hindus, sikhs, xintoístas, taoistas... O diálogo, alimentado por testemunhos sobre a nossa experiencia cristã em templos, mesquitas e

---

<sup>138</sup> Enzo Maria FONDI, Michele ZANZUCCHI, *Um Povo Nascido do Evangelho*, Chiara Lubich e os Focolares, Paulus Editora, 2004, p. 66.

<sup>139</sup> *Ibidem*, p. 20.

<sup>140</sup> Enzo Maria FONDI, Michele ZANZUCCHI, *Um Povo Nascido do Evangelho*, Chiara Lubich e os Focolares, Paulus Editora, 2004, p. 23.

<sup>141</sup> *Ibidem*, p. 61.

<sup>142</sup> O Movimento possui um Centro e 22 ramificações, com as mais variadas vocações; subdividiu-o em muitas zonas; suscitou mais de mil obras sociais; fez surgir 26 casas editoras e publicar 34 revistas de línguas diferentes; assim como edificar 33 cidadezinhas de testemunho espalhadas pelos continentes. In Enzo Maria FONDI, Michele ZANZUCCHI, *Um Povo Nascido do Evangelho*, Chiara Lubich e os Focolares, Paulus Editora, 2004, p. 38.

sinagogas, favoreceu o demolir de preconceitos de séculos em relação a Cristo, aos cristãos e à Igreja.”<sup>143</sup>

Abarca também muitíssimas pessoas de convicções não religiosas mas que se unem ao Movimento em defesa de causas comuns como a solidariedade, a ecologia, a paz, os direitos humanos.... Desta forma,

“o Movimento começa a dar uma resposta às questões dramáticas da sociedade, suscitando por exemplo, com a Economia de Comunhão, uma corrente económica nova que pode levar muitos a imitar os primeiros cristãos, no sentido de que entre eles não havia indigentes; ou no campo político o Movimento Político para a Unidade, que tem por finalidade renovar o mundo político em vista do grande ideal de um mundo mais unido.”<sup>144</sup>

O Movimento é aprovado em 1962 por João XXIII no Vaticano e é seguido sobre o olhar de Paulo VI que, “parecia aproveitar todas as ocasiões para apresentar ao mundo católico, especialmente nas audiências públicas, aquele novo filho da Igreja, aquele original «sujeito eclesial» que respondia pelo nome de Movimento dos Focolares.”<sup>145</sup> Já em Agosto de 1987 o Papa João Paulo II visita o Centro do Movimento dos Focolares.

### 3.1. As Cidades

Para um maior conhecimento do que são as Cidades do Movimento dos Focolares, nada melhor que nos deslocar e vivenciar alguns momentos com os seus habitantes. Desta forma, fomos recebidos de uma forma muito carinhosa pelos Focolarinas/Focolarinos (Dina e Laura/ Paulo Santos) assim como por uma família focolar, família Maia, residentes na Cidade. Em diálogo com os mesmos, seguidamente, e de uma forma breve, será apresentada a história do

---

<sup>143</sup> Enzo Maria FONDI, Michele ZANZUCCHI, *Um Povo Nascido do Evangelho*, Chiara Lubich e os Focolares, Paulus Editora, 2004, p. 38.

<sup>144</sup> *Ibidem*, p. 39.

<sup>145</sup> *Ibidem*, p. 103.

nascimento do conceito Cidadela. Poder-se á ler na íntegra esta mesma história no documento em anexo.<sup>146</sup>

“Homens e mulheres de raças e nacionalidades diferentes, de várias condições sociais e diversas opiniões políticas, de diferentes convicções religiosas e não-religiosas, crianças, jovens... esta é uma grande família, que se pode considerar um povo – o Movimento dos Focolares.

Chiara Lubich, uma jovem de 23 anos, tomou uma posição perante o ódio e a polarização da Segunda Guerra Mundial: somos todos chamados a testemunhar a fraternidade universal.

À volta dela formaram-se grupos de pessoas, contagiados pela mesma convicção.

No dia a dia, toda a vida e atividade destas pessoas são moldadas por esta fraternidade, pela unidade, baseada na oração de Jesus: «Pai, que todos sejam um».

Em 1964 foi construído um esboço deste novo tipo de sociedade: a cidadela de Loppiano, em Itália. Uma cidadela que encarna o pensamento, o sonho manifestado por Chiara Lubich.”

### **3.2. A Cidadela Portuguesa**

No seguimento do diálogo com a mesma família, seguidamente será apresentada a história da Cidadela Portuguesa, gentilmente cedida pela família Maia. A história será reproduzida na íntegra<sup>147</sup> dada a sua importância para o tema. Aqui, encontram-se alguns excertos. Assim:

“Em 1990 uma jovem do Movimento recebeu de herança um terreno de 217 hectares. Escreveu a Chiara Lubich, comunicando-lhe que gostava de o oferecer ao Movimento para aquilo que fosse necessário. Chiara respondeu que se poderia construir nesse terreno, uma Cidadela. A Mariápolis – a cidadela temporária que se realiza todos os anos nos meses de Verão. Por vários motivos, não foi possível ocupar de imediato aquela terra.

Depois de alguma procura, foi na aldeia de Abrigada, que um Instituto de religiosas pôs à disposição uma casa por um período de cinco anos.

Em 1996 foram comprados 7 hectares de terreno e começou a surgir a Cidadela Arco-Íris. A primeira casa a ser construída funcionou durante os primeiros meses como Centro Mariápolis, um centro para encontros de formação dos membros do Movimento.

Construído, o Centro Mariápolis é inaugurado em Março de 2002, com a presença do Cardeal Patriarca de Lisboa, o Presidente da Câmara de Alenquer entre outras personalidades.

---

<sup>146</sup> Anexo II, Doc. 2.1.

<sup>147</sup> Anexo II, Doc. 2.2.

Chiara Lubich enviou uma mensagem para a ocasião: *“Que este Centro seja um sinal tangível da predileção de Maria pelo povo português e que, pelo constante amor recíproco entre aqueles que lá habitam, resplandeça a presença do Ressuscitado”*.

Em 2003 uma família transfere-se com os seus seis filhos para a antiga casa dos caseiros, enquanto se constrói a deles num terreno que compraram, adjacente à Cidadela. Mais tarde o mesmo acontece com outra família.

Num terreno – também adjacente à Cidadela – comprado por um grupo de empresários, que aderem à Economia de Comunhão, foi construído um pavilhão onde irá funcionar o Pólo Empresarial. À luz do espírito da Economia de Comunhão, estabelece-se, em setembro de 2005, um Centro de Reabilitação financiado por um programa do Ministério da Saúde e pela Previdência Social, para o apoio integrado dos idosos e pessoas portadoras de deficiência.

Atualmente a Cidadela dispõe de uma extensão de 10 hectares e conta com 42 habitantes, das crianças aos adultos.”

Esta Cidadela, é a única existente em Portugal.

A nível Nacional no Movimento dos Focolares existe um grupo musical “Contraste”. Falando com dois dos seus elementos, António e Paulo Maia, o objetivo do mesmo é divulgar, através da música, experiências de vida e da Palavra, sendo os ensaios do mesmo também realizados na Cidadela. Já no decorrer deste ano, o grupo deslocou-se a Braga para promover um “Fim de semana pela Paz” a convite de um Jardim de Infância local. Nestas atividades, no decorrer do concerto, são contadas experiências de vida, enriquecendo assim o próprio concerto. Existe também uma atividade bianual que ocorre no dia 1 de maio, e que envolveu este ano um milhar de pessoas sob o tema “Agarra o Mundo”. Nesta atividade foram realizados workshop de música, dança, teatro, e alguns fóruns.

Em Itália o Grupo Musical é denominado Gen Verde (grupo composto por Focolarinas) e Gen Rosso (composto por Focolarinos). Gen significa Geração Nova e Rosso e Verde corresponde às cores vermelho e verde que tinham as baterias que Chiara lhes ofereceu. Através dos espetáculos musicais procuram difundir valores que possam colaborar na construção da fraternidade universal.<sup>148</sup>

---

<sup>148</sup> [www.focolares.org.pt/cidadela](http://www.focolares.org.pt/cidadela).

## IV Parte

**“A Planificação cuidada das aulas evita  
uma prática de ensino entregue  
ao acaso, que é sempre  
improdutiva...”<sup>149</sup>**

### **1. Justificação Pedagógica da Planificação**

A disciplina de E.M.R.C. não se traduz em trabalho prático, de raciocínio lógico, de cálculos de operações numéricas ou junção de letras. É uma disciplina onde existem momentos de reflexão, de paragens para pensar, planificar e executar... então, o que fazer perante as realidades que nos são apresentadas? Como podem os alunos assimilar o que lhes é transmitido através de metas e objetivos e trocar estas, por atividades que lhes proporcionem vivências positivas? É aqui que entra a pedagogia, é neste momento que, como docente e enquanto pessoa, se reflete e se coloca no papel um plano que procura ser exequível para o grupo turma com quem se está a trabalhar.

A Unidade Letiva 04 – “Civilização do Amor” tem como pilar o difícil conceito de “Civilização do Amor”. Abordar este conceito não é e não foi de todo uma tarefa linear, no entanto, tendo em conta a faixa etária dos discentes, foi um desafio que se revelou profícuo. Há sem dúvida muita literatura a apresentar, textos que os alunos poderiam simplesmente ler, resumir, analisar, sobre o conceito em questão. No entanto não se considera que esta seja a melhor abordagem para apresentar um conceito tão singular. Como tal, criaram-se estratégias, que se consideram aliciantes, diversificadas e que certamente agradaram à turma, de tal forma, que no final da Unidade se pudesse ver em pelo menos nalguns discentes, a curiosidade, a vontade de viver a “Civilização do Amor”. Como salienta Arends, “Uma boa

---

<sup>149</sup> Cf. *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Lisboa, SNEC, 2014, p.159.

planificação envolve a distribuição do tempo, a escolha dos métodos de ensino adequados, a criação de interesse nos alunos e a construção de um ambiente de aprendizagem produtivo.”<sup>150</sup>

## **2. Justificação da Planificação Nível 4<sup>151</sup>**

Como já foi referido, a nova planificação da Unidade “Civilização do Amor” será programada para oito blocos aulas de noventa minutos a serem lecionadas a discentes que frequentem o Ensino Secundário, 10º, 11º ou 12º ano. Desta feita procurar-se-á fazer um apanhado do que se pretende realizar aula a aula com os alunos. A proposta de Planificação realizada para os alunos tem como base, para todas as aulas, as Metas pré estabelecidas pelo Programa da disciplina de EMRC, sendo que os objetivos a atingir pelos alunos também se encontram pré estabelecidos no mesmo Programa. As estratégias a adotar para atingir os Objetivos e as Metas são da responsabilidade do professor, que deve ter sempre como pano de fundo o grupo-turma.

No primeiro bloco de aulas, como se pode verificar no anexo 1.1, dada a pertinência do tema e para que os alunos amadureçam a sua responsabilidade perante os outros e o mundo, considera-se pertinente que pesquisem um pouco sobre algumas civilizações e conflitos entre estas, para que as conheçam e percebam o que originou os seus conflitos. No final, os alunos poderão confrontar a informação recolhida, enriquecer a sua cultura geral e poderão chegar à conclusão que esses conflitos seriam evitáveis se houvesse, diálogo, compreensão e respeito entre os povos. Sendo que cada um, como sujeito ativo na sociedade, é convidado a refletir sobre o seu papel para evitar este tipo de conflitos.

---

<sup>150</sup> Richard I. ARENDS, *Aprender a ensinar*, McGraw-Hill Companies, Madrid, 2008, p. 92.

<sup>151</sup> Anexo I.

No segundo bloco de aulas, como é apresentado no anexo 1.2., e dado que falamos em “Civilização do Amor” é impossível deixar de lado a visão dos Papas sobre o conceito. Posteriormente os alunos são convidados a debruçar-se sobre a dedicação dos Papas a todos, ao mundo, à construção de um mundo melhor onde o amor ao outro seja o lema. Como tal, é sem dúvida pertinente que os discentes conheçam o pontificado de alguns Papas e que sejam eles próprios a descobrir o seu papel na construção de um mundo melhor. Não se trata de uma pesquisa simples mas sim de uma pesquisa e análise de gestos que mudaram mentes, de Seres que lutaram e lutam pela Paz, pela Justiça, pelo Homem. Como síntese, procura-se que os alunos contribuam para o bem estar da sociedade tendo como base as reflexões feitas a partir das recolhas feitas no decorrer da aula.

Para o terceiro bloco de aulas, pode verificar-se no anexo 1.3. que os alunos são convidados a refletir sobre o conceito de “pessoa”, levando-os assim a uma interiorização com o seu próprio “eu”. Numa segunda fase são abordados com uma dinâmica que lhes permite discernir sobre os bens materiais ao serviço do homem, não esquecendo também a relação do homem com o Transcendente e a liberdade que este nos dá como expressão de amor. Em suma, pretende-se que os alunos concluam que devem conseguir um equilíbrio entre si, com o mundo material e com o Transcendente, pois só desta forma estão preparados para viver a “Civilização do Amor”.

No quarto bloco de aulas, como evidencia o anexo 1.4., apresenta-se a música do “Cancioneiro Vitamina C”(anexo D), intitulada “Civilização do Amor”, além da mesma servir de estratégia de motivação, pretendo que o grupo turma desperte, veja mais além, sinta que há imensas formas de fazer ouvir a nossa voz e transmitir a nossa mensagem. Considero que a poesia e a música são sempre excelentes veículos transmissores de mensagens. No fundo esta música ajuda, com uma simples mensagem a acordar a alma. Os alunos terão oportunidade de fazer valer as suas competências de escrita, usando criatividade e expressando sentimentos, redigindo um poema para posteriormente musicarem e passarem a sua mensagem, uma



mensagem de amor, de paz, de respeito por si e pelo outro. Desta forma, o trabalho final revelará se a meta estabelecida, se o objetivo delineado teve o efeito desejado.

Pretende-se com o quinto bloco de aulas, como se pode verificar no anexo 1.5., que os alunos procurem identificar o núcleo central das várias tradições religiosas, como propõe a meta para este bloco de aulas. Desta feita ir de encontro à mesma, os alunos são convidados a trabalhar as “regras de ouro” do Islamismo, Budismo e Cristianismo. Colocando em prática a arte do teatro são também convidados a representar algumas bandas desenhadas que revelam alguns preconceitos, a realização desta tarefa tem como base a representação e a leitura que os alunos fazem da peça confrontando-a com as “regras de ouro”. Como síntese pretende-se que os alunos procurem, enquanto protagonistas da história, e independentemente da religião que pratiquem, perceber que todos somos chamados a viver o Amor.

No sexto bloco de aulas, como se verifica no anexo 1.6., falar-se-á de amor fraterno, e como viver esse amor parece ser um conceito tão utópico quanto parece, a alguns, o conceito de “Civilização do Amor”. Então como fazer acreditar, fazer acontecer o amor fraterno? Talvez conhecer uma das muitas realidades onde esse amor se vive sem moeda de troca, o conhecer Instituições de Solidariedade que tanto dão em troca de um sorriso. Os discentes são desafiados a investigar sobre as Instituições locais e escolher uma a que possam dar particular ajuda. Para tal, os discentes são convidados a divulgar uma Instituição eleita por si e desenvolver, na comunidade escolar, campanhas de angariação de bens que a mesma necessite. No final da atividade cada aluno terá a responsabilidade de refletir sobre o seu gesto, sobre a importância de agir pelo e para o outro.

No sétimo bloco de aulas, como se pode verificar no anexo 1.7., é proposto aos alunos que se reflita sobre aqueles que são considerados os “pilares” para a construção desta “Civilização” (Verdade, Justiça, Liberdade, Amor, Bondade, Alegria, Esperança) Desta feita é distribuído a cada aluno, no fim de anteriormente terem concluído quais os “pilares”, material onde a prática e a omissão destes “pilares” são evidenciados com o intuito de fazerem uma

selecção e posterior apresentação. Pretende-se no final que os alunos concluam que só com a vivência destes pilares se consegue contribuir para a concretização de uma sociedade mais justa e verdadeira.

No oitavo bloco de aulas, como se verifica no anexo 1.8., os alunos serão confrontados com as características do diálogo, a importância dos movimentos Ecuménicos na promoção do diálogo entre os cristãos. Será feita a reflexão à Mensagem do Papa João Paulo II para o dia Mundial da Paz de 1983. Por fim apresentar-se-á a visita de estudo à Cidadela do Movimento dos Focolares. As visitas são sempre uma forma de colocar em evidência os conceitos previamente adquiridos em sala de aula. Favorece também o contacto com outras realidades, acende consciências e faz querer deixar cair “a pedra no charco”, faz querer viver em comunidade, viver na verdadeira “Civilização do Amor”. Faz sentido a escolha da visita a esta comunidade, também para que os alunos percebam a importância do diálogo, da partilha entre todo e qualquer ser, independentemente da sua crença, raça ou origem.

Tal como Arends nos “ensina”, a aula não se encerra apenas na transmissão de conceitos e matérias dentro de quatro paredes, tem que haver dinâmica dentro e fora da sala de aula, e é esta dinâmica que me entusiasma a planificar e ensinar.

Justificar pedagogicamente esta planificação, faz perceber que estas devem ser elaboradas de uma forma cuidada e tendo sempre como pano de fundo o grupo turma a que se destina, como já foi referido, caso contrário poder-se-ão tornar infrutíferas.

### 3. Proposta de Visita de Estudo

Quando se fala em Visita de Estudo, vem-nos à memória, eventualmente algumas expressões pouco agradáveis como: “os alunos vão passear” ou “mais um dia sem fazer nada”. Na realidade, tal como o próprio nome sugere, Visita de Estudo, trata-se de um tempo em que os alunos saem da escola com um rumo traçado e com objetivos definidos. A visita de estudo implica traçar metas e conteúdos, definir objetivos que os alunos devam atingir com a sua visita. Deve ser uma mais valia para o enriquecimento pessoal e no processo de ensino aprendizagem de cada discente, sendo de realçar a importância que se estabelece entre os pares e entre aluno professor.

Com a visita de estudo que propomos à Cidadela do Movimento dos Foculares em Portugal, e tratando-se de uma proposta para alunos do Ensino Secundário, estes são convidados, no final da visita a fazer um trabalho de investigação que passa pelo desenvolvimento de alguns temas, nomeadamente: Economia de Comunhão<sup>152</sup>, Música como instrumento de transmissão de Fé<sup>153</sup>, a História do Movimento dos Foculares em Portugal<sup>154</sup> para o qual o docente deverá entregar aos alunos o respectivo material que se encontra nos documentos em anexo. Este trabalho científico, visa como não poderia deixar de ser, consolidar os conhecimentos científicos adquiridos em sala de aula. Outra das finalidades prende-se com a capacidade de desenvolver competências de observação, diálogo, espírito crítico (no sentido de ser possível viver atualmente a “Civilização do Amor”), assim como também da elaboração do relatório científico que consistirá da reflexão sobre os temas previamente apresentados. Os trabalhos são desenvolvidos em grupo, após a Visita de Estudo, e posteriormente entregues ao docente. Este será o método de avaliação pedagógica utilizado para além da avaliação contínua que decorrerá ao longo da lecionação da Unidade.

---

<sup>152</sup> Anexo II, Doc. 2.3. a 2.3.4.

<sup>153</sup> Anexo II, Doc. 2.4. a 2.4.3.

<sup>154</sup> Anexo II, Doc. 2.5.

O Guião da visita de estudo encontra-se no anexo II, documento 2.6.<sup>155</sup> O professor de EMRC, deverá atempadamente entrar em contacto com a Cidadela, informando dos objetivos pretendidos. A Visita está programada para o final da lecionação da UL 04 – “Civilização do Amor”, no entanto o docente que a pretender executar deve ser autónomo nessa decisão.

Quanto ao meio de transporte a utilizar, o Professor deve providenciar o mesmo com o tempo que considerar necessário, assim como informar a Gestão da Escola que se pretende realizar a Visita, caso não tenha sido colocada e aprovada em Concelho Pedagógico no início do Ano Letivo. Deverá também ter em consideração que os Encarregados de Educação deverão ter conhecimento prévio da mesma, pelo que os alunos deverão levar uma brochura com todos os dados relevantes sobre a mesma. Ao chegarem à Cidadela serão, recebidos por um Focolarino(a) que acompanha o grupo e faz as respectivas apresentações da Cidadela e o que nela se faz e desenvolve.

Durante a Visita os alunos podem tirar os seus apontamentos e colocar as dúvidas que considerem pertinentes de forma a ficarem esclarecidos e a desenvolver posteriormente o seu trabalho de cariz científico, que servirá de Avaliação à Unidade lecionada, como já referido.

Os discentes também são convidados a transmitir à Comunidade Escolar através de um filme realizado pelos mesmos, pela elaboração de cartaz com fotografias ou a publicação no jornal da Escola como passaram o seu dia na Cidadela.

#### **4. Guião da Visita de Estudo**

O Guião da visita de estudo programada para os alunos do Ensino Secundário contempla algumas atividades a realizar na Cidadela.

---

<sup>155</sup> Anexo II, Doc. 2.6.

As atividades prendem-se nomeadamente com a receção dos alunos por parte de um dos elementos do Movimento dos Focolares que numa primeira abordagem explicará o que é a Cidadela e tudo o que está relacionado com a mesma e seguir-se-á a visualização de um vídeo que elucidará os presentes sobre a história do Movimento referido.

Posteriormente os alunos, acompanhados pelo elemento pertencente ao Movimento, irão fazer uma visita à própria Cidadela, onde inclusive, irão ver a Editora Cidade Nova assim como o Centro de Recursos que aí funciona.

Far-se-á uma pausa para o almoço e no fim deste retomam-se as atividades. Desta feita, os alunos terão oportunidade de colocar algumas questões, curiosidades e conhecer melhor os habitantes desta Cidadela, assim como escutarem alguns dos seus testemunhos enquanto residentes.

Após um intervalo, os alunos serão convidados a visitar o local onde são feitos os ensaios do grupo musical “Contraste” e perceber como a música assim como outro tipo de arte podem ser importantes para a transmissão da Fé.

---

68

O objetivo da visita prende-se essencialmente com o facto de se poder dar a conhecer aos alunos um modo de estar na vida que nos permite viver mais próximo do conceito de “Civilização do Amor” que foi abordado ao longo da Unidade Letiva e suscitar nos alunos interesse e curiosidade como se pode viver esta Civilização no presente.

## **5. Breve síntese dos Documentos entregues aos alunos para trabalho Científico.**

Os documentos 2.3. a 2.3.4 do anexo II englobam o material que está relacionado com a “Economia de Comunhão”. Será entregue aos alunos um poema escrito por Chiara Libich alusivo ao tema da Economia de Comunhão, junto com esse poema são entregues: o

“Documento de Identidade da Economia de Comunhão”, (doc. 2.3.1.), que retrata o que é a Economia de Comunhão, quais os seus objetivos, a quem se destina e os deveres/obrigações de quem adere a este Movimento Empresarial; o documento “ Linhas para a Gestão de uma Empresa”, (doc. 2.3.2.), neste documento os alunos tem acesso ao que a Economia de Comunhão propõe às organizações produtivas como “Linhas para a gestão de uma empresa” escritas à luz da vida e reflexão de muitos empresários e trabalhadores e seguindo o esquema das “sete cores”, uma das intuições carismáticas do Movimento dos Focolares e que estão, neste caso, relacionadas com a vida empresarial e que são: Vermelho: Empresários, trabalhadores e empresa; Alaranjado, o relacionamento com os clientes, os fornecedores, os financiadores, a sociedade civil e os sujeito externos; Amarelo: Espiritualidade e Ética; Verde: qualidade de vida, felicidade e relações; Azul: harmonia no ambiente de trabalho; Anil: Formação, instrução e sabedoria; Violeta: Comunicação. Todas estas cores têm um propósito subjacente e que os empresários devem vivenciar em colaboração com os seus colaboradores, clientes e fornecedores, nomeadamente.

69

---

“O Lucro não monetário”, (doc. 2.3.3), é um artigo que os alunos deverão ler como forma de enriquecimento do seu trabalho e que fala do lucro que as empresas conseguem pelo facto de serem receptivas aos outros, neste caso concreto um empresário abriu as portas da sua empresa para mostrar toda a sua maquinaria e ficou surpreso com a atitude do seu potencial concorrente que o abordou nesse mesmo sentido, de ele não ter problema em ajudar aquele que quer também construir a sua própria empresa, ao qual respondeu que lhe quer bem e que gosta de fazer aos outros o que gosta que lhe seja feito, concluindo que essa é uma regra de ouro que a empresa segue.

“Nairóbi, capital de uma nova economia”, (doc. 2.3.4.), outro dos artigos ao dispor dos alunos que nos relata que transmite que a Economia de Comunhão pretende projectar a África não como um continente a ser ajudado com o assistencialismo internacional, mas como uma região capaz de tomar em mãos o seu próprio destino.

Os documentos 2.4. a 2.4.3. estão relacionados com a Arte/Música. O primeiro, deste conjunto de documentos, é a saudação que Chiara faz aos jovens artistas em 2004 onde foca a importância da arte na transmissão da eternidade.

“Arte e espectáculo”, (doc. 2.4.1.), outro dos documentos a ser trabalhados que nos relata que a arte em todas as suas formas, e a música de uma forma particular, são instrumentos de transmissão de fé, em que os seus artistas trabalham e vivem colocando em primeiro lugar a “mútua e contínua caridade” entre eles e o próximo.

Os dois próximos documentos “ Contraste, um concerto pela Paz”, (doc. 2.4.2.) e Portugal “Agarra o Mundo” (doc. 2.4.3.) são dois exemplos de atividades que os Jovens Focolarinos promovem também para outros jovens, nomeadamente cujo objetivo é divulgar a “Unidade” do Movimento a que pertencem e consequentemente a vivência dos valores cristão, através da música, dança, teatro.

O documento 2.5. a entregar aos alunos, aborda a História do Movimento dos Focolares em Portugal desde a presença de Chiara em Portugal pela primeira vez em 1955 as primeiras vocações, o primeiro focolar em Lisboa até aos nossos dias.

## Conclusão

**“Se um dia tiver que escolher entre o mundo e o amor...**

**Lembre-se, se escolher o mundo ficará sem o amor,**

**mas se escolher o amor,**

**com ele conquistará o mundo.”**

*Albert Einstein*

As palavras de EINSTEIN permitem-nos concluir que o amor é a base de tudo. Consequentemente, encontrando-se no nosso trabalho a abordagem à civilização do amor entendemos que o mundo sem amor está despido da sua essência.

Assim, o homem tem o dom de amar e escolher amar, tem o dever de dar e receber amor, tem a possibilidade de viver em amor, depende de cada um deixar que isso aconteça.

Este trabalho revelou-se de extrema importância para nós, nomeadamente para enriquecer o nosso conhecimento, para aprofundar o tema em questão e favoreceu o nosso crescimento enquanto pessoa e discente.

---

71

Inicialmente ficámos reticentes em relação ao facto de fazer uma abordagem histórica ao conceito de “Civilização do Amor”, mas à medida que fomos avançando percebemos que fazia todo o sentido, só assim perceberíamos, na íntegra, o porquê da expressão, quem a tinha utilizado, em que situações e como se passa do termo à sua prática.

Quanto a nós, acreditamos ser possível viver a “Civilização do Amor”. Viver esta Civilização à escala global será concerteza utópico, dado que o homem pela sua natureza pode rapidamente esquecer o amor.

Mas encontrámos uma proposta de vivência desta mesma civilização em contexto real na Cidadela do Movimento dos Focolares, sem dúvida um dos pontos altos na realização deste trabalho.

Foi neste contexto que nos sentimos preparados para transmitir os conhecimentos da Unidade Letiva 04 aos alunos.



Notámos que os alunos se envolveram nas propostas de trabalhos práticos apresentadas, nomeadamente no trabalho desenvolvido sobre as Instituições de Solidariedade e revelaram grande entusiasmo pela abordagem à temática da “Civilização do Amor”.

De certo que muito há ainda a fazer para que os Indivíduos vivam a “Civilização do Amor”, aliás, o ser humano primeiro precisa saber viver em Civilização para depois estar preparado para ser parte integrante da “Civilização do Amor”.

Consideramos que a temática da “Civilização do Amor” é fundamental para os alunos do Secundário, na medida em que poderá contribuir para a sua valorização enquanto pessoas e agentes implicados na construção de uma comunidade de amor.

Para a construção desta comunidade é importante que os homens e mulheres de boa vontade se sintam implicados, em todas as dimensões do seu ser pessoa, num agir no mundo de modo interventivo e impulsionador de mudança a partir do outro e com o outro.

Podemos dizer que a “Civilização do Amor” é uma civilização de valores, como a verdade, a justiça a liberdade e o amor contribuindo para a sua concretização a bondade, a esperança e a alegria.

Com este trabalho sentimo-nos impulsionados a transmitir que esta civilização é possível ser vivida aqui e agora, pelo que futuramente gostariam de levar os alunos a visitarem a cidadela e participar numa das atividades propostas pelo Movimento dos Focolares.

# Anexo I

## Planificações


### “Civilização do Amor”



**Nível:** 12º Ano **Unidade Letiva:** “Civilização do Amor”  
**Sumário:** Apresentação. Informação do programa e dinâmica específica da disciplina.

**Lição nº:** 1-2 **Ano letivo** 2014/15

**ANEXO 1.1**

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais		Avaliação Formativa
			Acolhimento e Sumário	Caderno do aluno	5´	
<b>O.</b> Amadurecer a sua Responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	<b>1.</b> Conhecer o significado do conceito «civilização».	<ul style="list-style-type: none"> <li>O conceito de «civilização»:</li> </ul> - Civilização como termo cultural e social. <ul style="list-style-type: none"> <li>Breve perspetiva histórica sobre algumas das grandes civilizações e seus conflitos.</li> </ul>	- Apresentação de um PPT sobre o conceito de Civilização e simultaneamente far-se-á o confronto com as ideias dos alunos.  - Pesquisa virtual sobre o conflito de civilizações: Guerras; Terrorismo; Religião (trabalho em grupo)  - Apresentação das conclusões de cada grupo.	PPT <sup>156</sup> PC Projektor	15´	Observação direta:
					40´	* Motivação
					25´	* Participação/apresentação de trabalhos * Seleção de informação pertinente
			<b>Síntese:</b> os alunos foram convidado a refletir sobre seu papel na sociedade e como envolver-se de uma forma mais concreta para evitar este tipo de conflitos.		5´	

<sup>156</sup> Anexo A)



**O amor é a única força capaz  
de mudar o coração do homem  
e a humanidade inteira,  
tornando enriquecedoras  
as relações entre homens e  
mulheres,  
entre ricos e pobres,  
entre culturas e civilizações.  
Bento XVI**



## **CIVILIZAÇÃO**

**Conjunto de manifestações da vida  
material e espiritual de um povo**

## **CULTURA**

## **AMOR**

**Sentimento que Deus desperta no  
coração do homem, para sair de si  
e ir ao encontro do outro, até ao  
dom de si, dando a vida por ele**

## **CARITAS**

## **CIVILIZAÇÃO DO AMOR**

**Relação de diálogo e comunhão  
entre povos e culturas**

## **CULTURA DO AMOR**


**Cultura que se centra na vivência  
segundo o princípio do amor**



**Nível:** 12º Ano **Unidade Letiva:** “Civilização do Amor”  
**Sumário:** Civilização do Amor – significados. Retratos dos pontificados de Paulo VI e seus predecessores.

**Lição nº:** 3-4 **Ano letivo** 2014/15

**ANEXO 1.2.**

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais		Avaliação Formativa
			Acolhimento e Sumário	Caderno do aluno	5´	
<b>I.</b> Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade	<b>2.</b> Descrever, em linhas gerais, o percurso de elaboração da categoria «Civilização do Amor».	<ul style="list-style-type: none"> <li>A elaboração cronológica da categoria «Civilização do Amor»:</li> </ul> * Papa Paulo VI * Papa João Paulo II * Papa Bento XVI * Papa Francisco	- Apresentação de PPT, este apresenta o conceito de “Civilização do Amor” segundo os Papas Paulo VI; João Paulo II, Bento XVI e Francisco.	PPT <sup>157</sup> PC Projektor Revistas Jornais Fotografias	10´	Observação direta:
			- Realização de trabalho de grupo para pesquisa/recolha de uma notícia que retrate/retratou o pontificado de cada Papa: Paulo VI – Civilização do Amor João Paulo II – Solidariedade Bento XVI – Caridade Francisco - Pobres		40´	* Interesse  * Motivação e empenho na realização do trabalho de grupo.
			- Apresentação do trabalho de grupo com recurso ao PC  - Debate de ideias.		25´  10´	* Participação na apresentação do trabalho de grupo.
			<b>Síntese:</b> visto vivermos em sociedade, devemos a todo o custo contribuir para o bem-estar da mesma. Para tal os alunos foram convidados a refletir sobre as Encíclicas de cada papa que os poderão ajudar no seu papel de cidadãos empenhados.		5´	

<sup>157</sup> Anexo B)





**1975**

**Paulo VI**

**“Civilização do Amor”**

**Conceito social de Amizade**

**João Paulo II**

**“Solidariedade de mentes, mãos e corações, capazes de unir as pessoas e de unir as diferenças.”**



**A solidariedade é o mais importante mandamento social**

**CIC**



**Bento XVI**

**Caridade**

**Amor transformador, amor de Deus em ação no coração daquele que se deixou amar por Ele**



**Francisco**

**Muitos de vocês vieram como discípulos nesta peregrinação; não tenho dúvida de que todos agora partem como missionários. A partir do testemunho de alegria e de serviço de vocês, façam florescer a civilização do amor.**

**Mostrem com a vida que vale a pena gastar-se por grandes ideais, valorizar a dignidade de cada ser humano, e apostar em Cristo e no seu Evangelho.**



**CRISE**  
**do latim, significa momento decisivo**

**危机**

**Perigo / Oportunidade**



## Utilitarismo / Consumismo



## No reino dos interesses

## Uniformismo



## Mimetismo social

## Relativismo



## Tudo é igual

## Hedonismo



## Cultura do prazer

## Individualismo



## Culto do Eu

## Pobreza



## Exclusão social

## Novos desafios

## Que alternativas?



## Princípio da Subsidiariedade

## Ética da Solidariedade


## Cultura da Vida



**Nível:** 12º Ano **Unidade Letiva:** “Civilização do Amor”  
**Sumário:** A Pessoa nas suas diversas dimensões.

**Lição n.º:** 5-6 **Ano letivo** 2014/15

**ANEXO 1.3.**

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais		Avaliação Formativa
			Acolhimento e Sumário	Caderno do aluno	5´	
<b>P.</b> Identificar o fundamento religioso da moral cristã.	<b>3.</b> Compreender, à luz do pensamento cristão, os critérios de uma “Civilização do Amor”	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Critérios para uma Civilização do Amor:</li> <li>• Relação com o próprio EU</li> </ul>	- Solicitar aos alunos, individualmente, que se dirijam ao professor para verificar o que esta tem dentro de uma pequena caixa. (esta caixa contém um espelho, onde cada aluno poderá olhar para a sua “pessoa”). Cada um deve ver e retirar-se para o seu lugar em silêncio. No fim de todos terem feito o exercício serão convidados a partilhar o que viram e a fazer uma reflexão.	Caixa com espelho <sup>158</sup>	15´	*Observação direta: Analise, motivação e entusiasmo dos alunos ao longo da realização das diferentes atividades.  <div>79</div>
		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Os bens materiais ao serviço do Homem.</li> </ul>	- Aos alunos será apresentado um cubo e em cada face deste, estará a imagem de um bem material. (Telemóvel, tablet, máquina fotográfica, diário, ipod e escova de dentes). Os alunos escolherão o único objeto que levariam consigo se embarcassem numa viagem, sozinhos, para a Índia. Cada aluno terá que defender a sua escolha.	Cubo com imagens	20´	
		<ul style="list-style-type: none"> <li>• A relação do Homem com o Transcendente</li> </ul>	- Através de uma imagem, fotografia ou notícia (criada pelos alunos alusiva à viagem à Índia), estes justificavam como o seu trabalho retraria a relação do Homem com o Transcendente fazendo a ponte com o conceito “Civilização do Amor”.	PC Material de desenho	30´	

<sup>158</sup> Anexo C)



Q. Reconhecer à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.	4. Evidenciar os princípios da construção da Civilização do Amor.	<ul style="list-style-type: none"> <li>A liberdade como expressão de amor.</li> </ul>	- Apresentação de um Vídeo “Pequenos gestos de amor e bondade”. <a href="https://www.youtube.com/watch?v=mUEsY0PJVYo">https://www.youtube.com/watch?v=mUEsY0PJVYo</a> Reflexão e diálogo sobre o mesmo.	PC Projetor	15´	Observação direta * Motivação * Interesse * Argumentação
			<b>Síntese:</b> O Indivíduo deve conseguir equilibrar a relação consigo, com o mundo material e o Ser Transcendente, desta forma estará preparado para viver a “Civilização do Amor”.		5´	


**ANEXO C) - AULA n.º5 e n.º6 (Caixa- Espelho)**



**Nível:** 12º Ano **Unidade Letiva:** “Civilização do Amor”  
**Sumário:** O poder transformador do amor. O amor como princípio de relação interpessoal e social.

**Lição nº:** 7-8 **Ano letivo** 2014/15

**ANEXO 1.4.**

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais	 5'	Avaliação Formativa
			Acolhimento e Sumário	Caderno do aluno	5'	
<b>F.</b> Conhecer a mensagem e cultura bíblicas	<b>5.</b> Descobrir a mensagem bíblica acerca do amor como elemento constitutivo da tradição cristã e dinâmica da sua proposta de construção de uma nova civilização.	<ul style="list-style-type: none"> <li>A revelação do Amor na Tradição cristã;</li> <li>O amor como pilar da “Civilização”;</li> <li>O hino ao amor.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresentação da música “Civilização do Amor” do Cancioneiro “Vitamina C”</li> <li>- Reflexão conjunta sobre a letra da música apresentada.</li> <li>- Leitura da CARTA ENCÍCLICA <i>DEUS CARITAS EST</i>, do Papa Bento XVI. O texto será dividido em partes e cada grupo terá que fazer a leitura da sua parte e posteriormente anotar os pontos chave da mesma, para posterior apresentação. A Introdução da Carta será lida pelo professor para apresentação/ contextualização do documento aos alunos.  Parte I: «Eros» e «Agape» – diferença e unidade; Amor a Deus e Amor ao próximo  Parte II: A caridade como dever da Igreja; A justiça e caridade</li> <li>- Criação de um poema alusivo ao tema “Civilização do Amor”. Os alunos são convidados também a musicar o poema.</li> </ul>	PC Projeto Cancioneiro <sup>159</sup>  Carta Encíclica (impresso por temas)	15'	Observação direta: *Motivação e capacidade de reflexão.
					40'	* Empenho e capacidade de resumo das cartas Encíclicas
					25'	*Apresentação, empenho e criatividade na criação do poema.
			<b>Síntese:</b> Os alunos serão capazes de justificar/ exemplificar como poderão os pequenos gestos vir a ser os grandes alicerces na construção da “Civilização do Amor”.		5'	

<sup>159</sup> Anexo D)

## **ANEXO D) - AULA n.º7 e n.º8**

### **Música - Civilização do amor<sup>160</sup>**

Os jovens já não querem viver assim na dor,  
vão construir agora a civilização do amor. (bis)

#### **Ela vai nascer (3x) dentro de nós**

Os homens já pararam o ódio e o rancor,  
é sinal que está em nós a civilização do amor. (bis)

#### **Ela está a nascer...**

O povo está em festa, já canta com fervor,  
melodia tão linda da civilização do amor. (bis)

#### **Ela já nasceu...**

**Autor da Música: Exodus**

**Autor da Letra: Exodus**

<http://vitaminac.sdpjleiria.com/civilizacao-do-amor/pt>

---


<sup>160</sup> <http://vitaminac.sdpjleiria.com/civilizacao-do-amor/pt>.

Nível: 12º Ano Unidade Letiva: “Civilização do Amor”

Lição nº: 9-10 Ano letivo 2014/15

Sumário: A revelação do amor nas tradições religiosas.

**ANEXO 1.5.**

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais		Avaliação Formativa
			Acolhimento e Sumário	Caderno do aluno	5´	
C. Identificar o núcleo central das várias tradições religiosas.	6. Verificar como a “Regra de Ouro” está presente nas várias tradições religiosas.		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentação de um Vídeo “A difícil escolha de um pai” <a href="https://www.youtube.com/watch?v=tlCPRXeyY68">https://www.youtube.com/watch?v=tlCPRXeyY68</a></li> </ul>	PC Projetor	7´	Observação direta: * Motivação * Intervenção * Capacidade de expressar opinião fundamentada.
		O dever da reciprocidade nas religiões Abraâmicas	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Debate sobre o vídeo</li> </ul>		13´	
		O dever da reciprocidade nas religiões orientais	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apresentação de um PPT sobre “Regras de Ouro” na tradição cristã, islamismo e budismo. Diálogo com os alunos sobre o mesmo.</li> </ul>	PPT <sup>161</sup>	25´	
			<ul style="list-style-type: none"> <li>• Leitura de “Pegadas na Areia” e partilha de momentos em que os alunos sentiram o Amor de Deus nas suas dificuldades.</li> </ul>	Cartões com a mensagem de “Pegadas na Areia” <sup>162</sup>	15´	* Interesse e motivação na partilha.
			<ul style="list-style-type: none"> <li>• Entregar a cada grupo de dois alunos uma Banda Desenhada sobre preconceitos. Os alunos devem ensaiar, representar e no final concluir a relação dos preconceitos com as “Regras de Ouro”.</li> </ul>	Banda Desenhada <sup>163</sup>	20´	* Interesse e motivação com que é recebido o trabalho e empenho e dedicação na representação.

<sup>161</sup> Anexo E)

<sup>162</sup> Anexo F)

<sup>163</sup> Anexo G)

			<b>Síntese:</b> Enquanto protagonistas da história, e independentemente da religião que praticamos, somos chamados a viver o AMOR em todas as suas formas. Para que tal aconteça teremos que ter como base o Amor a Deus e ao Próximo.		5´	* Compreensão dos objetivos propostos para a aula.
--	--	--	--	--	----	--

ANEXO E) - AULA n.º9 e n.º10 (PowerPoint)







**Amar  
a Deus**

**Amar o  
Próximo**

**E QUEM É O MEU  
PRÓXIMO?**

Um jornalista, entrevistando Madre Teresa, disse:

– Nem por um milhão de dólares eu daria banho a um leproso.

Ao que Madre Teresa respondeu:

– O senhor não daria banho a um leproso por um milhão de dólares?

Eu também não.

Só por amor se pode dar banho a um leproso.



**Dar de comer**



**Dar de beber**



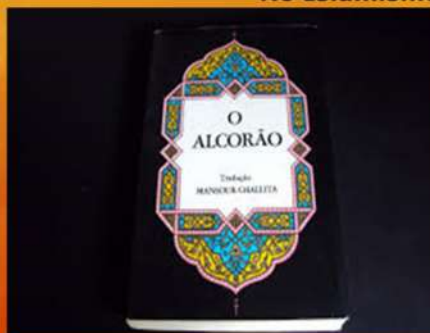
**Dar pousada**



**Visitar doentes**



**No Islamismo...**



**O muçulmano deve praticar solidariedade voluntária durante todo o ano.**

De acordo com a sua consciência e posses, é obrigado a oferecer 2,5% dos seus rendimentos (após retirar o necessário para o seu sustento e da sua família) para distribuir pelos pobres e necessitados.



**Tempo de  
generosidade**

**Ramadão**

**Tempo de  
caridade**



A caridade possui muitas utilidades que se refletem em quem as pratica.

Alá Incentiva a prática da **caridade** em todas as suas formas...

- 1) Afasta o homem caridoso do Inferno.
- 2) Obterá a sombra da sua caridade no dia da Ressurreição (cada pessoa estará à sombra da sua caridade até que todas as pessoas sejam julgadas).
- 3) Alá irá aumentar essa caridade. Ele a aceita com a sua mão direita e a multiplica para benefício do homem caridoso.
- 4) A caridade aumenta a riqueza. Alá disse: "Aquele que dá em caridade e é temente a Alá e crê no melhor, facilitaremos o caminho do conforto."
- 5) A caridade é remédio para a enfermidade. Tratai os vossos doentes com a caridade.

## No Budismo...



## Compaixão baseia-se no:

a) Respeito pelo outro e na compreensão que os outros, tal como nós, tem o direito de ser felizes e acabar com o sofrimento.



Dalai Lama

b) Deve ser imparcial. Devemo-nos sentir próximos dos nossos amigos e inimigos, dos desconhecidos e indiferentes.

c) Deve estender-se a todos, independentemente da atitude amigável ou hostil que possam ter por nós.



CRISTIANISMO



ISLAMISMO



BUDISMO



## PEGADAS NA AREIA

Uma noite eu tive um sonho...

Sonhei que andava a passear na praia com o Senhor, e, no firmamento, passavam cenas da minha vida. Após cada cena que passava, percebi que ficavam dois pares de pegadas na areia: um era o meu e o outro era do Senhor.

Quando a última cena da minha vida passou diante de nós, olhei para trás, para as pegadas na areia, e notei que muitas vezes, no caminho da minha vida, havia apenas um par de pegadas na areia.

Notei também que isso aconteceu nos momentos mais difíceis e angustiosos do meu viver. Isso aborreceu-me deveras e perguntei então ao Senhor:

— Senhor, Tu disseste-me que, uma vez que resolvi seguir-Te, Tu andarias sempre comigo, em todos os caminhos. Contudo, notei que durante as maiores tribulações do meu viver, havia apenas um par de pegadas na areia. Não compreendo porque é que, nas horas em que eu mais necessitava de Ti, Tu me deixaste sozinho.

O Senhor respondeu-me:

— Meu querido filho, jamais te deixaria nas horas da prova e do sofrimento. Quando viste, na areia, apenas um par de pegadas, eram as minhas. Foi exactamente aí que peguei em ti ao colo.



ANEXO G) - AULA n.º9 e n.º10 (Cartoon)




**Nível:** 12º Ano **Unidade Letiva:** “Civilização do Amor”

**Lição nº:** 11-12 **Ano letivo** 2014/15

**Sumário:** Exemplos de vivência do Amor Fraternal.

**ANEXO 1.6.**


Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais	 5'	Avaliação Formativa
			Acolhimento e Sumário	Caderno do aluno	5'	
<b>B.</b> Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	<b>7.</b> Destacar a importância do amor nas relações pessoais e sociais.	<ul style="list-style-type: none"> <li>Exemplos de vivência do amor fraterno, instituições prestadoras de cuidados à pessoa.</li> </ul>	- Pesquisa de Instituições de Solidariedade local e conhecimento do trabalho desenvolvido. Apresentação das mesmas instituições e justificação das suas escolhas.	PC Projektor	30'	Observação direta: * Motivação * Empenho * Interesse prestado pela realização da campanha de solidariedade. <b>91</b>
	<b>8.</b> Reconhecer exemplos significativos da vivência do amor fraterno.	<ul style="list-style-type: none"> <li>O poder transformador do Amor: O que posso fazer pelos outros?</li> </ul>	- De acordo com a instituição escolhida, os alunos terão que estabelecer contactos para saber quais as necessidades de bens materiais da referida instituição. Farão a divulgação junto da comunidade escolar e procederão à angariação de bens para posterior entrega.	PC Telefone Cartolinas Marcadores	50'	
			<b>Síntese:</b> O que posso fazer pelos outros? O que outros podem esperar de mim? O reconhecimento dos outros perante os nossos gestos.		5'	

**Nível:** 12º Ano **Unidade Letiva:** “Civilização do Amor”

**Lição nº:** 13-14 **Ano letivo** 2014/15

**Sumário:** Condições para a construção da Civilização do Amor.

**ANEXO 1.7.**

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais		Avaliação Formativa
			Acolhimento e Sumário	Caderno do aluno	5´	
<b>G.</b> Identificar os valores evangélicos.	<b>9.</b> Reconhecer os valores fundamentais para a construção da civilização do amor.	<ul style="list-style-type: none"> <li>As condições necessárias para a construção da Civilização do Amor:               <ol style="list-style-type: none"> <li>1. A verdade;</li> <li>2. A justiça;</li> <li>3. A liberdade</li> <li>4. O amor;</li> <li>5. A bondade;</li> <li>6. A alegria</li> <li>7. A esperança;</li> </ol> </li> </ul>	- O professor faz uma pequena apresentação em PPT dos “pilares” necessários para a construção da Civilização do Amor. Solicita a cada aluno que pesquise na internet, nos jornais locais ou nacionais, referencias à prática ou omissão dos “pilares” que serão distribuídos por cada aluno.	PC PPT <sup>164</sup> Projektor Jornais Revistas “Pilares” em folhas A3 <sup>165</sup>	35´	Observação direta: Avaliação de Cariz Sumativo  * Motivação * Interesse * Empenho

<sup>164</sup> Anexo H)

<sup>165</sup> Anexo I)

			<p>- Apresentação dos trabalhos individuais. Aquando da apresentação dos trabalhos individuais a professora estagiária irá intercalando a apresentação com o PPT.</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Verdade</li> <li>2. Justiça – visualização de um PPT sobre a (in)justiça;</li> <li>3. A liberdade</li> <li>4. O Amor - leitura de fragmentos de um texto</li> <li>5. A bondade</li> <li>6. A alegria</li> <li>7. A esperança</li> </ol>	<p>PPT<sup>166</sup></p> <p>Texto<sup>167</sup></p>	<p>35'</p> <p>5'</p> <p>5'</p>	<p>Avaliação de Cariz Sumativo</p> <p>* Apresentação</p> <p>* Capacidade crítica dos alunos face à atividade proposta.</p> <p>Caso existam algumas dúvidas a professora estagiária tentará elucidar.</p>
			<p><b>Síntese:</b> A civilização do amor só é possível quando conseguimos ter como base e vivenciamos os princípios enumerados como os “pilares”. Quando alguns destes não são vivenciados, com dificuldade conseguiremos concretizar esta Civilização do Amor.</p>		<p>5'</p>	<p>* Compreensão dos objetivos propostos para a aula.</p>

---

<sup>166</sup> Anexo I) - continuação

<sup>167</sup> Anexo J)

## ANEXO H) - AULA n.º13 e n.º14 (PowerPoint)


<p>Pilares para a Construção da Civilização do Amor</p> <p>80 08</p>	<p>A Civilização do Amor consiste no estabelecimento de relações fundadas na convivialidade, ou seja, na convivência respeitosa, pacífica e alegre das diferenças, em nome de um projeto conjunto, baseado em vários “pilares”.</p>



A prática destes “pilares” constitui a vida segura e necessária para alcançar um aperfeiçoamento pessoal e uma convivência social mais humana; eles são referência imprescindível para os responsáveis políticos, chamados a realizar “as reformas substanciais das estruturas económicas, políticas, culturais e tecnológicas e as mudanças necessárias nas instituições”

João XXIII

94

 <p>S. João XXIII 1881 - 1963 82 anos</p> <ul style="list-style-type: none"><li>• Atento, corajoso, empreendedor, simples, cordial</li><li>• Pontificado inferior a 5 anos</li><li>• Escreveu as Encíclicas: “Pacem in Terris e Mater et Magistra”</li><li>• Convocou o Concílio Ecuménico Vaticano II</li><li>• Foi canonizado pelo Papa Francisco em abril de 2014.</li></ul>	<p><b>Verdade</b></p> <p>A verdade sem amor é como um “cimbalo que retine”.</p> <p>S. Paulo</p>

**Justiça**

Visualização do PPT sobre (in)justiça.

**Liberdade**

“...Exercita-se nas relações entre seres humanos. Toda a pessoa humana, criada à imagem de Deus, tem o direito natural de ser reconhecida como ser livre e responsável...”

Conselho Pontifício “Justiça e Paz”



## Amor

Leitura do texto “O verdadeiro Amor”

## Bondade

Sejam bondosos, compassivos uns para com os outros, e perdoai-vos mutuamente, como também Deus vos perdoou em Cristo.

Efésios - 4, 32



## Alegria

Digo-vos isto para que a Minha alegria esteja em vós e o vosso gozo seja completo.

João - 15,11

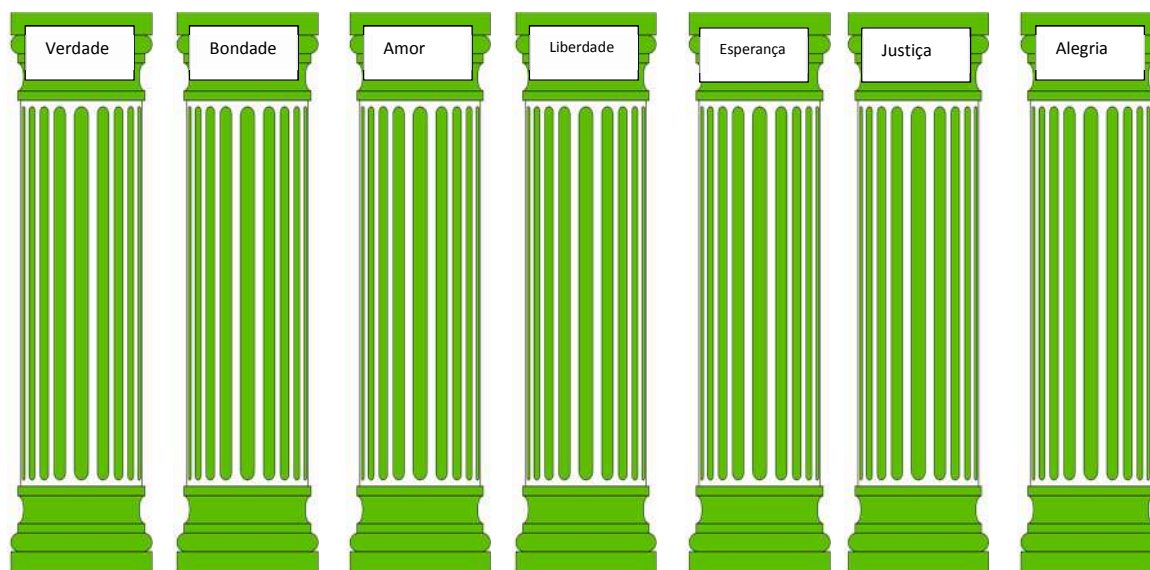
## Esperança

Que o Deus da esperança vos encha plenamente de alegria e de paz na vossa crença, para que abundeis na esperança, pela virtude do Espírito Santo.

Romanos - 15,13



## ANEXO I) - AULA n.º13 e n.º14 (Pilares)





## O verdadeiro amor

Um sábio professor deparou-se com um grupo de jovens que se declarava contra o casamento. Estes argumentavam que o «romance» é a verdadeira espinha dorsal dos casais e que seria melhor terminar o relacionamento quando este arrefecesse, em vez de prosseguir a oca monotonia do casamento.

O professor escutou os jovens e depois deu-lhes este testemunho pessoal:

Os meus pais viveram 55 anos casados. Certa manhã, a minha mãe descia as escadas para preparar o pequeno-almoço, quando teve um ataque cardíaco e caiu. Meu pai pegou nela como pôde e, com muita dificuldade, colocou-a no seu automóvel, diri-

gindo-se a toda a velocidade para o hospital. O seu estado era de profunda agonia... Chegados ao hospital, infelizmente, a mãe já tinha falecido.

Durante o funeral, o meu pai dizia coisas sem sentido... o seu olhar estava perdido. Quase não chorou. Naquela noite, nós, seus filhos, juntámo-nos à sua volta. Num ambiente de dor e saudade lembrámos algumas belas histórias da nossa vida de família. Meu pai pediu a um dos meus irmãos, teólogo, que fizesse algumas reflexões sobre a morte e a eternidade. Meu irmão começou a falar sobre a vida após a morte. Meu pai ouviu com grande atenção. De repente, pediu para levá-lo ao cemitério.

[ 5 ]

– Pai..., são 11 da noite! Não podemos ir ao cemitério agora!

Ele ergueu a voz e com um olhar vidrado, disse:

– Não discutam comigo; não discutam com o homem que acabou de perder aquela que foi sua esposa durante 55 anos e lhe proporcionou uma vida maravilhosa!

Houve um momento de silêncio. Não discutimos mais. Fornos ao cemitério, pedimos permissão para entrar e, com uma lanterna, chegámos à lápide. O meu pai acariciou, orou e disse aos filhos que assistiam emocionados:

– Sabei, meus filhos, foram 55 bons anos... Ninguém pode falar dum amor verdadeiro se não tem ideia do que é compartilhar a vida com uma mulher assim.

Fez uma pausa, enxugou o rosto e continuou:

– Ela e eu estivemos juntos em todas as alegrias e tristezas: quando vocês nasceram, quando fui demitido do meu trabalho, quando algum de nós ficava doente... Estávamos sempre juntos. Compartilhámos a alegria de ver os nossos filhos terminar as suas carreiras, chorámos a partida de entes queridos, rezámos juntos na sala de espera de muitos hospitais, apoiámo-nos na dor, abraçámo-nos ao perdoar as nossas falhas... Filhos, agora que

ela partiu, estou feliz! E sabeis porquê? Porque partiu antes de mim; não terá que experimentar a agonia e a dor de um enterro, que a obrigaria a ficar sozinha depois da minha partida. Sou eu que irei passar por isso e agradeço a Deus. Amo-a tanto que jamais desejaria vê-la sofrer assim.

Quando o meu pai terminou de falar, os meus irmãos e eu estávamos lavados de lágrimas. Abraçamo-nos e recebemos do nosso bom pai um consolo:

– Filhos, estou a sentir-me melhor, podemos ir para casa, foi bom termos vindo ao cemitério!

Naquela noite, eu entendi o que é o verdadeiro amor. Está longe de ser romântico e não tem nada a ver com o erotismo. Pelo contrário, é uma comunhão de corações que só é possível porque somos a imagem de Deus. É uma parceria que vai muito além dos sentidos e é capaz de sofrer e de entregar-se sem limites ao outro.

Quando o professor terminou de falar, os estudantes universitários não puderam rebatê-lo. Esse tipo de amor era enorme e diferente daquele que os estudantes imaginavam. Excedeu enormemente as suas expectativas.


O professor tinha-lhes dado a lição mais importante das suas vidas.

(Pe. Jordi Rivera)

[ 6 ]

*Lição n.º:* 15-16      *Ano letivo* 2014/15

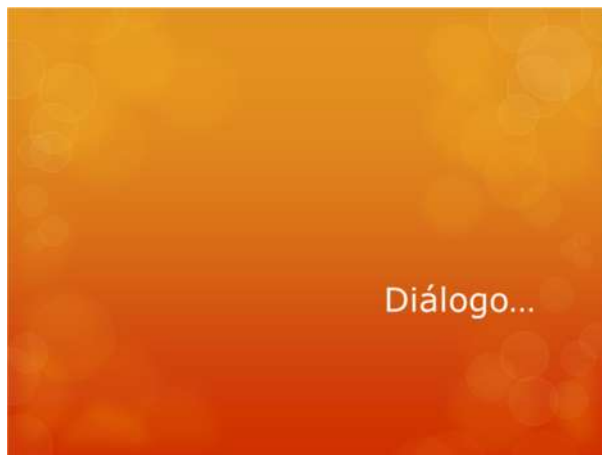
## ANEXO 1.8.

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais		Avaliação Formativa
			Acolhimento e Sumário	Caderno do aluno	5'	
<p><b>M.</b> Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do cotidiano.</p> <p><b>D.</b> Promover o diálogo inter-religioso como suporte para a construção da paz e colaboração entre os povos</p>	<p><b>10.</b> Analisar o contributo do diálogo à escala global nas relações da Igreja com o mundo e na construção da paz.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Diálogo, caminho da Igreja no mundo e caminho para a paz</li> <li>Mensagem para o dia Mundial da Paz, Papa João Paulo II, 1 de janeiro de 2005</li> </ul>	<p>- Solicitar a dois alunos que vão para fora da sala até serem chamados. Quando regressarem à sala deverão pedir licença para dialogar com os colegas. Os restantes quatro alunos da turma que conversam entre si têm indicações para não os deixar entrar no diálogo, criando barreiras de comunicação. No final do tempo os dois alunos terão que mencionar as dificuldades que tiveram para superar essas barreiras e que estratégias utilizaram.</p> <p>- Apresentação e reflexão de um PPT com as características do diálogo e mensagem do Papa João Paulo II para o dia Mundial da Paz, 1 de janeiro de 1983.</p>	<p>PPT<sup>168</sup> PC Projetor</p>	<p>15'</p> <p>10'</p>	<p>* Capacidade argumentativa de cada aluno.</p>

		<ul style="list-style-type: none"> <li>O diálogo à escala global</li> </ul>	<p>- Importância dos Movimentos Ecuménicos na promoção do diálogo entre os cristãos. Visualização de um vídeo sobre o Movimento dos Focolares. <b><u><a href="http://www.focolares.org.pt/sobre/chiara-lubich">www.focolares.org.pt/sobre/chiara-lubich</a></u></b></p> <p>- Divulgação da visita de estudo (no final do respectivo período letivo), à comunidade dos Focolares na Abrigada. Nesta altura os alunos serão informados que farão um trabalho de investigação sobre os seguintes tópicos: Economia de Comunhão; A importância da música na transmissão da Fé; A História do Movimento dos Focolares em Portugal.*</p>	<p>Panfletos de divulgação e respetiva autorização para os Encarregados de Educação.</p>	<p>10'</p> <p>15'</p>	<p>Observação direta:</p> <p>* Motivação interesse e empenho dos alunos ao longo das atividades propostas.</p>
		<ul style="list-style-type: none"> <li>A importância do diálogo inter-religioso nos esforços de manutenção da paz.</li> </ul>	<p>- Visualização do vídeo Ecumenismo e diálogo Inter religioso. Pretende-se com este vídeo que os alunos compreendam a importância do diálogo como caminho para a Paz. <b><u><a href="http://www.youtube.com/watch?v=nPtsBBz4HSM">www.youtube.com/watch?v=nPtsBBz4HSM</a></u></b></p> <p>- Realização de uma atividade. Os alunos em grupos de três elementos irão aprofundar e analisar conceitos e frases sobre o diálogo, de diversos autores, tendo como objetivo clarificar a natureza e os caminhos do diálogo, apresentando por fim as suas conclusões.</p>	<p>PC Projektor</p>	<p>5'</p> <p>25'</p>	<p>Observação direta</p> <p>* Motivação</p> <p>* Interesse</p> <p>* Empenho</p> <p>* Capacidade crítica dos alunos.</p>
			<p><b>Síntese:</b> Só o caminho do diálogo leva a gestos de amor e paz.</p>		<p>5'</p>	

\* Este trabalho de investigação servirá de Avaliação.

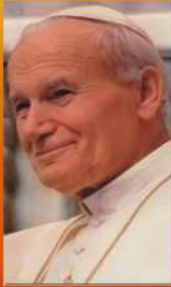
**Sílvia Duarte Vaz**







Mensagem para o dia Mundial da Paz, 1 de janeiro de 1983



- O diálogo supõe a procura daquilo que é **verdadeiro, bom e justo** para todas as pessoas, grupos e sociedades;
- Exige abertura para o acolhimento;
- Exige que se aceite a **diferença** e a **especificidade** do outro;
- É fazer do outro um próximo;
- verdadeiro diálogo é um reconhecimento da **dignidade** das pessoas e baseia-se no respeito pela vida humana.

# Anexo II

## Documentos

“Homens e mulheres de raças e nacionalidades diferentes, de várias condições sociais e diversas opiniões políticas, de diferentes convicções religiosas e não-religiosas, crianças, jovens... esta é uma grande família, que se pode considerar um povo – o Movimento dos Focolares.

Chiara Lubich, uma jovem de 23 anos, tomou uma posição perante o ódio e a polarização da Segunda Guerra Mundial, afirmando uma verdade profunda, capaz de abalar qualquer outra consideração.

Somos todos chamados a testemunhar a fraternidade universal.

À volta dela formaram-se grupos de pessoas, contagiados pela mesma convicção, e atualmente são milhões no mundo inteiro.

No dia a dia, toda a vida e atividade destas pessoas são moldadas por esta fraternidade, pela unidade, baseada na oração de Jesus: «Pai, que todos sejam um».

Em 1964 foi construído um esboço deste novo tipo de sociedade: a cidadela de Loppiano, em Itália. Uma cidadela que encarna o pensamento, o sonho manifestado por Chiara Lubich.

Chiara

*“Pareceu-nos compreender que também o nosso Movimento teria as suas cidades, que fossem de acordo, claro, com o nosso carisma da unidade. Através dele colabora-se, com a Igreja, na realização do Testamento de Jesus: ‘Que todos sejam uma coisa só’. E abrimo-nos à fraternidade universal com todos aqueles por quem Jesus morreu, isto é, todas as pessoas do mundo.*

*A nossa deveria ser uma cidade moderna com os principais elementos de uma cidade: casas com famílias, escolas para os membros de todas as vocações da Obra, ateliers como meio de angariar o seu sustento, lugares de encontros, mas também verdadeiras empresas e, logicamente, a Igreja”*

Já são 33 as cidades do Movimento dos Focolares em todos os continentes (embora com níveis de realização muito diferentes).

Como maquetes de uma sociedade nova, têm a finalidade de testemunhar como seria o mundo se a lei da convivência fosse o amor evangélico.

Cada Cidade tem uma característica própria que a distingue das outras: a internacionalidade, o diálogo ecuménico ou inter-religioso, a atenção para com os problemas sociais, a inculturação, etc.”

---

<sup>169</sup> Documento gentilmente cedido pela família Maia, Família Focolarina Residente na Cidade Portuguesa, 17 de setembro de 2015.



### História da Cidadela em Portugal

“Tudo começou em 1990 quando uma jovem do Movimento recebeu de herança um terreno de 217 hectares. Ficava a 40 quilómetros de Lisboa e parecia um local adequado para a construção de um centro de encontros, há muito desejado por todos os membros do Movimento em Portugal.

Escreveu a Chiara Lubich, comunicando-lhe que gostava de o oferecer ao Movimento para aquilo que fosse necessário. Em Outubro desse mesmo ano, Chiara respondeu que se poderia construir nesse terreno, uma Cidadela. A Mariápolis – a cidadela temporária que se realiza todos os anos nos meses de Verão.

Por vários motivos, não foi possível ocupar de imediato aquela terra. No entanto, era urgente encontrar um local para a realização dos numerosos encontros de formação.

Depois de alguma procura, foi mesmo na aldeia de Abrigada, próxima daquele terreno que um Instituto de religiosas pôs à disposição uma casa por um período de cinco anos. Depois de efetuados alguns trabalhos de restauro, em Fevereiro de 1994 já estava a funcionar como um centro de encontros provisório com capacidade para cerca de 100 pessoas.

A população local demonstrou interesse e uma estima cada vez maior pelo estilo de vida que as pessoas do Movimento propõem.

Mas onde fica a Abrigada?

Indo pela A1 em direção ao Norte, a 45 km de Lisboa, entra-se no Concelho de Alenquer. Deixa-se a estrada nacional para entrar em Abrigada, assim chamada talvez porque a Serra de Montejunto a protege dos ventos. É uma terra pitoresca que no passado foi um lugar de nobreza. Reconstruída após o terramoto de 1755, é atualmente uma aldeia com cerca de 1500 habitantes que se dedicam sobretudo à agricultura.

Tudo parecia indicar que Deus queria a presença do Movimento ali e foi assim que em 1996 foram comprados 7 hectares no sopé do Montejunto, rodeados de uma natureza magnífica.

Por ser um terreno semi-agrícola, tinha um índice de construção muito baixo. Mas, o Município de Alenquer, por unanimidade, considerou o projeto de “interesse público”, aumentando assim consideravelmente o índice de construção.

Parecia já ver muitas construções em cima destas colinas. Era um sonho que se estava a realizar: a miniatura de um mundo unido, como consequência do amor recíproco vivido entre os seus habitantes.

Do alto das antenas da Serra do Montejunto partiam as ondas hertzianas. Assim também um dia, do sopé desta montanha, difundir-se-ia silenciosamente um novo estilo de vida baseado no Evangelho, para construir uma sociedade cujo objetivo é a fraternidade universal.

Multiplicaram-se os esforços de toda a comunidade nacional do Movimento, grandes e pequenos, e foi possível, com a ajuda da providência, adquirir-se o terreno que mais tarde se iria chamar Cidadela Arco-íris.

Esponaneamente, vários grupos de pessoas, jovens e adultos, começaram a visitar o terreno prontos a trabalhar, construtores em primeira fila, deste projeto. A primeira casa a ser construída funcionou durante os primeiros meses como Centro Mariápolis, um centro para encontros de formação dos membros do Movimento.

No terreno existia já uma pequena casa dos antigos caseiros e um pavilhão que funcionava como aviário.

Um casal do Movimento, ele construtor civil, transfere-se para esta casinha e durante um ano seguem os trabalhos de construção dessa primeira casa que ficou pronta em 1998.

Os membros do Movimento continuam empenhados com grande generosidade na “operação tijolo” para tornar possível a próxima construção: o Centro Mariápolis. Os trabalhos começam no Verão de 2000 e em Março de 2002 é inaugurado, com a presença do Cardeal Patriarca de Lisboa – que segue com muito interesse o desenvolvimento da Cidadela – e o Presidente da Câmara de Alenquer para além de outras personalidades.

Chiara Lubich enviou uma mensagem para a ocasião: *“Que este Centro seja um sinal tangível da predilecção de Maria pelo povo português e que, pelo constante amor recíproco entre aqueles que lá habitam, resplandeça a presença do Ressuscitado”*.

A partir de 2002 é evidente um notório desenvolvimento da Cidadela. As casas vão sendo construídas, e em 2003 uma família transfere-se com os seus seis filhos para a antiga casa dos caseiros, enquanto se constrói a deles num terreno que compraram, adjacente à Cidadela. Mais tarde uma outra família transfere-se para a Cidadela, e também eles vão habitar a antiga casa dos caseiros.

Num terreno – também adjacente à Cidadela – comprado por um grupo de empresários, que aderem à Economia de Comunhão, foi construído um pavilhão onde irá funcionar o Pólo Empresarial. À luz do espírito da Economia de Comunhão, estabelece-se, em setembro de 2005, um Centro de Reabilitação financiado por um programa do Ministério da Saúde e pela Previdência Social, para o apoio integrado dos idosos e pessoas portadoras de deficiência.

Atualmente a Cidadela dispõe de uma extensão de 10 hectares e conta com 42 habitantes, das crianças aos adultos.

Durante estes anos passaram pela Cidadela milhares de pessoas de todas as idades e categorias sociais, crentes e não crentes. Todos ficam profundamente tocados com a atmosfera que ali encontram. É um local privilegiado também para os jovens. Nas jornadas que se realizam de dois em dois anos no dia 1 de maio estão presentes mais de mil jovens de todo o país.

Não podemos concluir esta breve apresentação sem falar de alguns daqueles que são a base de uma construção que tem o seu projeto no Céu: Anabela Rebelo, uma adolescente que partiu para o Paraíso em 1991, que Chiara indicou como a primeira pedra da Cidadela, cujo corpo foi

transladado para o cemitério da Abrigada em 2002; Heleno Oliveira, o primeiro focolarino brasileiro, que faleceu em 1995 , enquanto estava em Portugal ; João Chan, que com a sua esposa, agora habitante da cidadela, abriram as portas ao Movimento em Macau, Avelino e Ernestina Marques, uma das primeiras famílias que conheceram o Movimento em Portugal, Rita Casella, Eduardo Guedes , o primeiro gen português, Constança Almeida, a jovem que doou o primeiro terreno e que partiu para o Paraíso em 2014.

Um projeto celeste realizado na terra.

A vida do céu é o que a Cidadela procura oferecer a quem passa, para mostrara à sociedade como poderia ser o mundo se todos vivessem o Evangelho.”

Economia de Comunhão

**A ECONOMIA DA PARTILHA**<sup>170</sup>



**Chiara Lubich**

«Ao contrário da economia consumista,  
baseada numa cultura do ter,  
a economia de comunhão é  
a economia da partilha.

Isso pode parecer difícil,  
árido, heroico.

Mas não é, pois o homem  
criado à imagem de Deus, que é Amor,  
encontra a própria realização justamente quando ama, quando partilha.

Esta exigência está no mais íntimo  
do seu ser, quer ele tenha fé ou não.

Está extamente nessa constatação,  
atestada pela nossa experiência,  
a esperança de uma difusão  
universal da economia de comunhão».

Rocca di papa, 10 de novembro de 1991

---

<sup>170</sup> <http://edc-online.org/br/publicacoes/noticiarios-edc-pt-br-1/n-31-pt-br-1/6543-a-economia-da-partilha.html>.

## **“DOCUMENTO DE IDENTIDADE” DA ECONOMIA DE COMUNHÃO<sup>171</sup>**

1. A Economia de Comunhão (EdC) é um movimento que envolve empresários, empresas, associações, instituições econômicas, mas também trabalhadores, gestores, consumidores, poupadores, pesquisadores, operadores econômicos, pobres, cidadãos, famílias. Foi fundada por Chiara Lubich em maio de 1991 em São Paulo, no Brasil. O seu objetivo é, à luz do Carisma da Unidade, contribuir ao nascimento de empresas fraternas que tem a missão de erradicar a miséria e a injustiça social, para contribuir a edificar um sistema econômico e uma sociedade humana de comunhão na qual, à imitação da primeira comunidade de Jerusalém, “não havia necessitados entre eles” (At. 4,32-34).
2. A EdC é uma realidade una e mundial, coordenada por uma Comissão Central e por Comissões Locais, ligadas à Comissão Central sob a base do princípio de subsidiariedade.
3. Quem adere à EdC, seja qual for o nível de adesão, empenha-se em viver à luz do carisma da unidade, os valores e a cultura da comunhão, seja individualmente, seja nas organizações nas quais trabalha, e a tornar-se seu animador e promotor. Compromete-se particularmente, com as ideias e com a ação, para que a cultura da comunhão, do dar e da reciprocidade modele e penetre sempre mais no mundo da economia em todos os níveis.
4. A espinha dorsal da EdC é representada pelas empresas ou organizações produtivas de várias formas jurídicas, também aquelas sem fins lucrativos (non-profit, empresas sociais e civis, cooperativas, associações...) que decidem adotar na própria prática a cultura e os valores da EdC.
5. As empresas EdC comprometem-se a gerar novas riquezas e a criar novos postos de trabalho/gerar emprego, com criatividade e inovação e, portanto, a partilhar os lucros para as finalidades do Projeto EdC, também além do âmbito das suas partes interessadas (stakeholders).

---

<sup>171</sup> <http://edc-online.org/br/empresas/documento-de-identidade-da-edc.html>.

6. Baseada na inspiração originária, a EdC dá origem a Polos Produtivos situados principalmente nas cidadezinhas/cidadelas do Movimento dos Focolares, do qual são parte integrante. Os polos, sinais de testemunho e concretização do projeto, são um componente essencial da EdC e tornam o projeto completo numa certa região e/ou país.
7. O pedido de adesão à EdC da parte dos indivíduos e/ou das instituições deve ser direcionado à comissão local, que o aceita desde que cumpra os seguintes requisitos:
- (a) um sério compromisso da parte do (s) empresário (s) a iniciar um caminho de comunhão com a comissão local e com todo o movimento EdC local e internacional, não somente de forma pessoal mas como expressão da comunidade empresarial;
  - (b) a partilha dos objetivos do projeto e das finalidades do carisma da Unidade do qual a EdC é expressão;
  - (c) a abertura a destinar os lucros empresariais, quando esses existirem, conforme os três objetivos do projeto, que são: 1) ajuda concreta aos pobres, 2) a formação de “homens novos”, 3) o desenvolvimento da empresa e/ou distribuídos aos sócios;
  - (d) inspirar a própria governança empresarial à fraternidade, conforme o documento “linhas para a gestão de uma empresa EdC”;
  - (e) conceber e viver o relacionamento com as pessoas em situação de pobreza sob um plano de substancial dignidade, respeito, igualdade, reciprocidade e de comunhão;
  - (f) conceber a própria empresa e/ou atividade como um lugar e um instrumento para reduzir a pobreza, a miséria e a injustiça, seja no próprio contexto local seja a nível global.
8. A EdC faz nascer também um movimento de pensamento e de ideias, num diálogo autêntico com a cultura contemporânea e com a economia civil, solidária e social a nível local e internacional.
9. A EdC coopera com as várias iniciativas das Igrejas, das diversas religiões e das sociedades civis e políticas, das quais sente-se expressão vital e instrumento de unidade.
10. A EdC contribui ao “que todos sejam um” (Jo 17,21).

## **LINHAS PARA A GESTÃO DE UMA EMPRESA DE ECONOMIA DE COMUNHÃO<sup>172</sup>**

A Economia de Comunhão propõe às organizações produtivas, que fazem própria a sua mensagem e a sua cultura, as “Linhas para a gestão de uma empresa” – escritas à luz da vida e da reflexão de milhares de empresários e trabalhadores – e seguindo o esquema das assim denominadas “sete cores”, que é uma das intuições carismáticas (do início do Movimento dos Focolares, N.T.) do modo de conceber e praticar a vida associada do ‘carisma da unidade’, do qual a EdC é expressão:

### **1. VERMELHO: Empresários, trabalhadores e empresa**

As empresas que aderem à economia de comunhão definem a própria “missão empresarial” adotando a comunhão como valor fundamental da própria organização, em todos os níveis. Para que isso seja atuado, as funções e os papéis na empresa são definidos com clareza e exercitados com espírito de serviço e de responsabilidade. A forma da administração é participativa. Os objetivos empresariais são compartilhados e adequadamente verificados de forma transparente, tendo uma atenção particular para a qualidade das relações entre todos os sujeitos envolvidos (stakeholders) e, de modo especial à comunhão com os outros empresários de EdC, com a comissão regional e com as associações EdC locais e internacionais. Quando a empresa obtém lucros, os empresários e os sócios se comprometem em compartilhar esses lucros para destiná-los, respeitando os procedimentos típicos nas várias formas de empresa e das situações sociais nas quais trabalham, atribuindo aos três objetivos apresentados – em seguida – igual importância:

- (a) à ajuda para pessoas em situação de miséria (pobreza) através de diversas formas de intervenções voltadas para a inclusão comunitária e produtiva;
- (b) ao desenvolvimento da empresa, ou seja, à sua consolidação, à melhora da qualidade de bens e serviços e, sobretudo em países onde o trabalho é escasso, à geração de postos de trabalho, e enfim, onde isso é possível, também à remuneração dos sócios;
- (c) à difusão da cultura de comunhão e do “dar”. No caso em que a adesão à EdC não seja ainda compartilhada com todos os sócios, o empenho em doar os lucros conforme os objetivos do projeto é limitado às cotas de quem aderiu.

---

<sup>172</sup> <http://edc-online.org/br/empresas/linhas-para-gestao-de-uma-empresa.html>.

## 2. ALARANJADO: O relacionamento com os clientes, os fornecedores, os financiadores, a sociedade civil e os sujeitos externos

Os membros da empresa se empenham com profissionalismo para construir e reforçar relacionamentos sadios e abertos com os clientes, os fornecedores e a comunidade do território nos quais trabalham, cuja custódia e melhoramento sentem como parte integrante da própria missão. A empresa se relaciona de forma leal e civil com os concorrentes, fornecedores, clientes, a sociedade civil e a administração pública, que sente como parceiros essenciais para alcançar o bem comum. Além disso, o empresário e os trabalhadores das empresas de EdC promovem o seu espírito e a sua mensagem, apresentando as suas ideias e experiências em congressos, seminários e encontros, já que consideram parte da própria ‘vocação’ difundir essa nova visão económica. Não se contentam em viver a EdC, querem torná-la conhecida a muitos, com uma atenção especial aos jovens, a quem acolhem também em períodos de formação ou de estágio.

## 3. AMARELO: Espiritualidade e Ética

O trabalho da EdC é visto como uma oportunidade de crescimento não só profissional, mas também espiritual e ético. A empresa se empenha no respeito concreto das leis e trabalha para a mudança e no seu melhoramento. Mantém um comportamento correto em relação às autoridades fiscais, aos sindicatos e aos demais órgãos institucionais e tem consciência que a qualidade de vida no trabalho é dimensão essencial para a realização da pessoa e para o desenvolvimento da sua vocação como trabalhador e como ser humano. Quem trabalha nas empresas de EdC aprende a valorizar também as dificuldades e o sofrimento nos lugares de trabalho, fazendo desses aspectos oportunidades preciosas de crescimento e de amadurecimento. Na definição da natureza e da qualidade dos próprios produtos, a empresa se empenha não somente com o respeito das próprias obrigações contratuais, mas também em avaliar os efeitos dos produtos no bem-estar das pessoas às quais são destinados e sobre o ambiente.

## 4. VERDE: Qualidade de vida, felicidade e relações

Um dos objetivos fundamentais de uma empresa de EdC é tornar-se uma verdadeira comunidade. Com essa finalidade são programados encontros periódicos para verificar a qualidade dos relacionamentos interpessoais e para ajudar a resolver as situações de conflito, recorrendo regularmente aos, assim chamados, “instrumentos” de comunhão, entre os quais o colóquio – uma conversa periódica – dos trabalhadores com os responsáveis – pelo menos uma vez por ano –, momentos de avaliação comunitária e de ‘correção fraterna’ entre todos os membros da empresa que experimentam, dessa forma, uma fraternidade e uma igualdade entre todos, que antecede as necessárias diferenças de função e de responsabilidade na



empresa; de escuta por parte dos gestores de eventuais protestos e desacordos, bem como de sugestões; a troca de experiências durante momentos de encontro previstos. A empresa de EdC sabe que sem exercitar esses instrumentos de comunhão, a vida relacional empresarial empobrece, às custas também das performances económicas. É dada uma atenção especial à saúde física, ao desporto e ao cuidado com o ambiente, já que a comunhão abraça também a natureza e a corporeidade. Para o cuidado com os relacionamentos, a empresa de EdC dá importância à festa, também nas atividades empresariais do dia-a-dia (aniversários, nascimentos, partidas...) em que se reforçam os relacionamentos e a pertença à comunidade de trabalho, recursos preciosos, principalmente em momentos de crise.

#### 5. AZUL: Harmonia no ambiente de trabalho

A beleza e a harmonia dos lugares de trabalho são o primeiro cartão de visita da empresa de EdC, já que a comunhão é também beleza, sem a necessidade do luxo, e com discrição. Os ambientes são expressão da harmonia dos relacionamentos, bem como, parte das relações empresariais. A higiene, a limpeza, a ordem são parte da cultura da EdC, de forma que a sua harmonia faça os trabalhadores, proprietários, clientes, fornecedores e visitantes sentirem-se bem. Por isso, é garantido o respeito das normas de segurança, a ventilação necessária, níveis toleráveis de barulho, iluminação adequada e tudo o que facilita a qualidade das relações dentro e fora da empresa. A dimensão da beleza é tida com máxima consideração mesmo quando a empresa entra, diretamente ou indiretamente, em contacto com a pobreza, conscientes de que a primeira forma de cuidado com toda forma de miséria é a atenção ao outro, e a dimensão da beleza apresenta isso da melhor forma.

112

#### 6. ANIL: Formação, instrução, sabedoria

A empresa favorece entre os seus membros a instauração de um clima de confiança recíproco, no qual seja natural colocar livremente à disposição os próprios talentos, ideias e competências em favor do crescimento profissional dos colegas e para o progresso da empresa. A primeira escola de formação é sempre a comunidade empresarial, nos seus diversos relacionamentos. Além disso, a direção adotará critérios de seleção de pessoal e de programação do desenvolvimento profissional para os trabalhadores a ponto de facilitar a criação de uma atmosfera de bem-estar. A empresa dará oportunidades de atualização e de aprendizagem contínua, favorecendo a formação profissional e para a cultura de comunhão do próprio pessoal, com uma atenção particular aos jovens de dentro e de fora da empresa. Finalmente, o empresário e os trabalhadores da EdC cultivam a própria humanidade e os próprios interesses fora e dentro da empresa, com uma atenção especial ao desenvolvimento da cultura e do pensamento económico e, por isso, participam de escolas e congressos para serem sempre mais capazes de ter argumentos sobre a própria visão empresarial e cultural.

## 7. VIOLETA: Comunicação

Os empresários que aderem à EdC trabalham constantemente para criar um clima de comunicação aberto e sincero, que ajude na troca de ideias e de informações em todos os níveis de responsabilidade. Com esta finalidade, adotam os instrumentos oportunos de prestação de contas periódica, seja dentro da empresa, seja externamente (ex. “balanço social”) instrumentos que mostrem nos atos (nas ações) o valor social gerado pelos diversos sujeitos envolvidos nesta atividade empresarial. Não existe comunhão sem comunicação. As empresas implantadas conforme a Economia de Comunhão, também no intuito de desenvolver relacionamentos económicos reciprocamente úteis e produtivos, utilizam os mais modernos meios de comunicação para estarem ligadas entre elas em nível local e internacional. Os empresários que aderem à Economia de Comunhão, conscientes da validade cultural e política que o sucesso do projeto comum pode comportar, mantêm sempre vivo entre eles, em nível local e internacional, um espírito de ajuda recíproca e de solidariedade. E se colocam em rede com todos os homens e as mulheres de boa vontade que queiram contribuir, sinceramente, para um mundo mais justo, fraterno, unido.

por Thiago Borges

### **O LUCRO NÃO MONETÁRIO**<sup>173</sup>

O sucesso de Luiz Carlos e Margarida Iazzetti Santos não se contabiliza somente por meio da lucratividade resultante do negócio que eles gerem ao longo dos anos. Proprietários de uma empresa de reciclagem de plástico e de produção de embalagens plásticas em Salto, no interior de São Paulo, eles dizem acumular também uma grande quantidade de outros bens, cuja contabilidade é difícil de ser aferida com a precisão dos números, mas que produz efeitos práticos comparáveis aos rendimentos monetários. Mais ainda, com a vantagem de que esses ganhos não se limitam a promover o bem-estar da própria empresa, de seus proprietários e funcionários, mas se estendem a toda a cadeia de pessoas que, de alguma forma, está em contato com a empresa. São o que Luiz Carlos chama de “bens relacionais”, atividades que têm por base o relacionamento e que podem ser usufruídas na reciprocidade. “Uma vez me ligou um técnico que consertava as máquinas da minha empresa e me pediu para apresentar esse equipamento a uma terceira pessoa, que estava montando também uma empresa no mesmo ramo da minha. Eu disse que ele poderia trazer a pessoa sem problema. Esse meu futuro concorrente veio e eu mostrei tudo o que tinha, inclusive aquilo que eu já havia percebido que precisava melhorar no funcionamento das máquinas”, conta Luiz Carlos. Ingenuidade? Pelo contrário. Na visão do empresário, agir dessa forma pode não ser usual, mas não necessariamente é prejudicial ao próprio negócio. “A pessoa ficou surpresa por ter aquele nível de acesso e me perguntou o porquê da minha atitude. Eu disse: ‘Primeiro porque eu lhe quero bem. É a primeira vez que eu lhe vejo, mas não lhe desejo nada de mal. Eu faço a você o que eu gostaria que você fizesse por mim, essa é a regra de ouro que a nossa empresa segue. Mas eu faço isso também porque é uma maneira inteligente de viver. Se você soubesse que eu estou comprando de um determinado fornecedor ou que eu estou vendendo para um cliente específico, a partir de hoje você iria lá e praticaria uma concorrência desleal para me tirar esse cliente ou esse fornecedor?’ Ele respondeu: ‘Não, isso seria muito mau da minha parte, ainda mais depois de tudo o que você me mostrou’”. “Pois bem, por isso o que estou fazendo é inteligente, uma maneira legal de fazer as coisas”, complementa Luiz Carlos. Margarida, sua esposa, lembra também que dar uma função social ao próprio negócio sempre foi um dos princípios adotados pelo casal na administração da empresa. “desde o começo tentávamos administrar a empresa em coerência com a doutrina Social da Igreja, procurávamos alguns princípios ali. Nós sempre quisemos que a empresa fosse, de alguma forma, voltada para o âmbito social; então buscávamos um modo de contribuir para a melhoria da sociedade. Com a adesão à Economia de Comunhão nós tínhamos a certeza de como poderíamos responder, atuando no mercado, ao apelo da Igreja hoje”, destaca a empresária. Mas contabilizar os bens relacionais como patrimônio da empresa não significa apenas olhar os benefícios diretos que eles podem trazer aos negócios. Afinal, o próprio conceito de ‘bem relacional’ implica considerar a pessoa como um fim em si mesma, e não

<sup>173</sup> <http://edc-online.org/br/publicacoes/midia/cidade-nova-pt/10300-o-lucro-nao-monetario.html>.

como um meio para se alcançar outro objetivo. Luiz Carlos e Margarida sabem disso muito bem e, em poucos minutos de conversa com Cidade Nova, não fizeram muito esforço para lembrar de episódios envolvendo essas atitudes positivas. “Às vezes um funcionário nosso está devendo para o banco, está no cheque especial e nós vamos lá com ele negociar com o banco. A gente tem um poder de negociação maior no banco, então vai lá e conversa com o gerente. Teve um caso em que a dívida saiu por 40% do valor inicial. Isso a gente faz porque quer viver a doutrina Social da Igreja e ver as pessoas como irmãos e não como empregados”, ressalta Luiz Carlos. Para saber mais sobre Economia de Comunhão: [www.edc-online.org/br](http://www.edc-online.org/br).

## **NAIROBI, CAPITAL DE UMA NOVA ECONOMIA**<sup>174</sup>

Se o combate à pobreza por meio da inclusão pelo trabalho e pela repartição dos lucros é objetivo prioritário da Economia de Comunhão, talvez não haja lugar mais propício para fincar raízes do que a África subsaariana. Com esse objetivo, Nairobi, capital do Quênia, foi escolhida como sede para o próximo Congresso Internacional de empresários, teóricos e entusiastas do projeto. Como diz Maja Calfová, membro da Comissão Internacional de EdC e uma das organizadoras do evento, trata-se de um congresso “que possui uma característica única: pretende ser 100% africano e, ao mesmo tempo, 100% mundial. Um evento que, portanto, quer pertencer a todos”. Em outras palavras, EdC pretende projetar a África não como um continente a ser ajudado com o assistencialismo internacional, mas como uma região capaz de tomar em mãos seu próprio destino, um continente propício para a consolidação de um empreendedorismo novo que, ao mesmo tempo em que gera empregos, renda e combate a miséria, é capaz de privilegiar relações mais humanas entre os agentes económicos. Calfová acredita que “os fortes valores de partilha” presentes na cultura de diversos países africanos tornam o continente propício para o desenvolvimento do novo paradigma económico ao qual EdC se propõe. O economista italiano Luigino Bruni, principal teórico de Economia de Comunhão, ressalta que esse congresso será marcado pelo lançamento de uma nova etapa. “Será lançada uma nova fase de criatividade e “generatività” (geratividade): esse é um conceito muito apreciado na África, desde a natureza até as crianças e a economia”. Bruni acrescenta ainda que os empresários que aderem ao projeto devem buscar “criar novos bolos” e não apenas repartir entre todos as fatias do bolo já existente. Isto, segundo ele, se faz por meio da inclusão produtiva dos pobres nas empresas. Por sua vez, Genevieve Sanze, representante da África na Comissão Internacional de EdC, descreve a relevância da difusão das novas práticas económicas no continente. “Para nós a EdC é muito importante porque entendemos que ela coloca em relevo a nossa identidade e nos ajuda a entender as fragilidades do nosso desenvolvimento. A pobreza mudou muito os africanos e sua cultura devido à busca, às vezes desesperada, pela sobrevivência. A EdC nos remete à nossa verdadeira vocação cultural”, afirma.

O evento também celebrará o 24º aniversário do projeto lançado por Chiara Lubich em 1991. O Congresso Internacional, intitulado “Sim a uma Economia de Comunhão”, será realizado entre os dias 27 e 31 de maio.

---

<sup>174</sup> <http://edc-online.org/br/149-josetta-1-pt-br/publicacoes-imprensa/cidade-nova-pt-br-1/10518-nairobi-capital-de-uma-nova-economia.html>.

## Música/Arte como Instrumentos de Transmissão de Fé

Castelgandolfo, 10 de setembro de 2004

### **SAUDAÇÃO DE CHIARA AOS “JOVENS ARTISTAS”:<sup>175</sup>**

Uma das nossas inundações, como sabem, é a da arte, onde a sabedoria de Deus se encontra com esta expressão externa que assume muitas formas: música, pintura, etc., etc.

Para mim a arte é um problema, e agora digo-vos o motivo: quando vou ver uma exposição – por exemplo, na Suíça há exposições de quadros lindíssimas – dou-me conta que nestas obras, como em muitas outras coisas, há algo que ultrapassa as possibilidades do ser humano.

São obras de arte que permanecem para sempre em consequência deste “algo mais”. E pergunto-me: de onde vem este “algo mais”?

117

Na minha opinião acho que aqui não pode faltar uma inspiração de Deus, uma intervenção de Deus sobre a própria criatura que vai para além de si mesma, e permanece para a eternidade. Não se gasta porque é uma obra de arte.

Então, parece-me verdadeiro aquilo que afirmei no passado: que quem está mais próximo dos santos são os artistas, mesmo se inconscientemente, porque os santos são conduzidos na vida apenas pela inspiração do Espírito Santo. O que fazem não depende da inspiração humana (não são apenas humanos) mas tudo o que fazem é Deus que os impulsiona a fazer. E quem faz coisas deste tipo? O artista, o verdadeiro artista.

Vocês podem analisar dentro de vós próprios, se aquilo que fazem na música ou em outros âmbitos é verdadeiramente algo que permanecerá mesmo depois da vossa morte, e que poderia continuar a permanecer para sempre.

Daqui extraímos, no meu entender, um dever por parte dos artistas: o reconhecimento, a gratidão, o obrigado a Deus por aquilo que está a fazer através de vós, mesmo sem que vocês

---

<sup>175</sup> Documento gentilmente cedido por Dina Figueiredo, Focolarina da Cidadela Portuguesa, 5 de setembro de 2015.

o saibam, mesmo sem que vocês atribuam a Deus, mesmo que vocês não acreditem n'Ele; mas existe qualquer coisa de superior, é inútil dizê-lo. Há qualquer coisa de superior que nos maravilha, que nos faz pensar, que nos faz estar gratos a Deus por aquilo que está a acontecer. Compreendem isto?

Queria dar-vos apenas esta ideia.

Então é necessário pormo-nos em sintonia com Ele, e deixar que sejam vocês os seus instrumentos para falar de eternidade ao mundo. Como sabem a vida não é apenas esta realidade, existe a outra vida, a eternidade, que nós não sabemos como é, mas que é estupenda! Sei que na eternidade existirão danças, poesia, música....

Mas quem anuncia esta eternidade? Claro que o sacerdote, no altar pode falar sobre o Paraíso, o Inferno, etc. E acredita, quem acredita. Nos tempos que correm, poucos acreditam (vocês sabem como é a situação religiosa no mundo, regrediu em muitos locais). Mas vocês devem ser aqueles que dizem ao mundo: 'sim, depois desta vida há uma outra, que não é breve como esta, que não termina, que é eterna'.

Desejo-vos mesmo que atinjam isto, com toda a alegria que sentimos pelas vossa expressões artísticas. No Movimento não se concebe nada que não esteja embebido em arte. Talvez porque o nosso Movimento é particularmente simpaticante de Maria, que é a "Toda bela", a "tutta pulcra". Não só aqui, mas estou a ler todos os relatórios que me mandam de todo o mundo. Em toda a parte todas as nossas manifestações são intercaladas por um momento artístico. Nós já não podemos apresentar ao mundo se não formos portadores desta arte que eleva. Claro que para atingir o nível que anunciei previamente, todas as coisas devem ser muito elevadas. Desejo que sejam instrumentos de Deus neste sentido: de conduzirem a Deus através da arte, porque Ele é o Belo, o Bom, o Verdadeiro. Mas, é também o Belo! Compreendem?

Se eu soubesse que vocês estavam aqui, teria feito um discurso maior. Mas como não o sabia, o meu discurso são estas palavras, fica por aqui.

## ARTE E ESPETÁCULO<sup>176</sup>



também a Sua beleza.

As dimensões da beleza e da arte sempre tiveram a ver com o Movimento dos Focolares. Desde os primeiros tempos, nos anos quarenta, um fato era evidente: o carisma da unidade, em todas as suas ramificações e expressões, teria convidado homens e mulheres, de todos os tempos, a manifestar não apenas a bondade e a verdade de Deus, mas

Em um discurso na Mariápolis de 1964, Chiara mesma afirmou: “Sendo que o mundo que nos circunda é distante de Deus e, muitas vezes, propenso a opor-se à Igreja (...), e como nós desejamos viver um cristianismo genuíno, é conveniente mostrar – sempre pela caridade – não só a bondade e a verdade da Igreja, mas também a beleza, com o modo de decorar e de vestir”.

A harmonia que se estabelece entre as pessoas, e que se exprime em todas as dimensões externas da vida, como efeito da unidade, é característica de um “povo” que vive segundo o mandamento do amor evangélico. Esta vocação à harmonia caracterizou a vida do Movimento em todas as fases de seu desenvolvimento. Com o passar do tempo ela não se limitou ao vestuário e à habitação, mas envolveu inclusive o âmbito artístico, ambiente naturalmente privilegiado para a transmissão da beleza.

“Sacia esta sede de beleza que o mundo sente, manda grandes artistas, mas plasma com eles grande almas, que com o seu esplendor encaminhem os homens ao mais belo dentre os filhos dos homens, Jesus!”.

Assim Chiara escreveu, em maio de 1961, no manifesto programático dedicado ao Centro Ave, que nascia naquele período, com o primeiro grupo internacional de artistas: Ave Cerquetti, Marika Tassi e Tecla Rantucci. Propuseram-se o trabalho de equipe como expressão da vida de unidade na arte; nele os valores espirituais e expressivos individuais poderiam fundir-se na doação recíproca, para tornar-se património comum.



Loppiano, 23 de dezembro de 1966: na Mariápolis permanente, recém-inaugurada, reuniam-se milhares de pessoas, e a música se fazia necessária, com cantos e danças que evidenciassem o espírito de acolhida e respeito recíprocos. Chiara Lubich presenteou aos jovens, que haviam formado grupos musicais, uma guitarra e uma bateria. A dos rapazes era vermelha, a das moças era verde. As cores dos instrumentos deram nome aos dois grupos, atualmente conhecidos no mundo inteiro como Gen Rosso (vermelho, em italiano) e Gen Verde. Nesses nomes uniram a cor e a palavra Gen, e assim os



<sup>176</sup> <http://www.focolare.org/pt/all-opera/arte-e-spettacolo/>.



dois grupos ligaram a própria atividade às novas gerações dos Focolares, que nasciam naqueles anos. Jovens de todo o mundo comprometiam-se com a realização de um projeto de fraternidade universal, inclusive no âmbito artístico, tão amado e particularmente próximo dos jovens. Em seguida vários grupos, de diferentes tendências e gêneros musicais, seriam compostos por eles.

Atualmente são numerosos os artistas, com diferentes linguagens artísticas e de várias partes do mundo, que trabalham e vivem assim: colocando em primeiro lugar a “mútua e contínua caridade” entre eles e o próximo, procurando doar ao mundo a beleza de Deus através do talento artístico. E o fazem nos laboratórios de pintura, nos palcos, nos estúdios, e assim por diante. Artes figurativas, música, teatro e espetáculo, poesia e literatura. A arte, vivida segundo o modelo evangélico, pode revelar as suas características peculiares para cada uma destas expressões.

Após os primeiros encontros para artistas aderentes ao Movimento dos Focolares, realizados nos anos setenta, deu-se a reviravolta. No mês de abril de 1999, durante um congresso internacional, lançaram-se as bases de uma “rede” de artistas comprometidos em iniciativas de toda espécie e consistência, sozinhos ou em grupo, nas mais diversas nações do planeta.

“A beleza salvará o mundo”, dizia Fëdor Dostoevskij. É o que cada artista experimenta quando procura “doar” ao outro as próprias intuições, as próprias descobertas, num intercâmbio profundo de ideias e experiências, que demonstram a harmonia entre arte e vida.

É assim que se imprime na obra de arte aquela dimensão de eternidade, que dá credibilidade à sofrida e extraordinária inspiração de cada artista.



### **CONTRASTE - um concerto pela PAZ<sup>177</sup>**

Nos passados dias 7 e 8 de março de 2015, o Conjunto gen - Contraste -participou no fim de semana pela Paz, organizado pela Paróquia e Junta de Freguesia de Esporões, em Braga.

Foi idealizado e concretizado como fruto de uma experiência da comunidade local, já iniciada há algum tempo.

Durante a tarde de sábado, os gen - jovens do Movimento dos Focolares encontraram-se com as crianças, adolescentes e jovens, partilhando as próprias experiências e fazendo pequenos workshops.

Desta forma, também eles puderam participar ativamente no concerto da noite, com uma canção e uma encenação. O concerto, através de um percurso feito de diálogos, canções, experiências e uma encenação, desafiou, com força e convicção, os mais de 500 espectadores a tornarem-se protagonistas de um mundo de Paz.

No domingo, os gen do Conjunto Contraste animaram também a missa na paróquia de Esporões e participaram na conclusão do fim-de-semana pela Paz.

Visivelmente impressionado, o Presidente da Junta de Freguesia exprimiu o seu desejo de que muitos jovens de Esporões se possam tornar construtores de pontes, "como estes jovens, vindos dos 4 cantos do país, para nos dizer que construir a Paz é possível e é fonte de alegria!".

Uma iniciativa com forte impacto que deixou uma marca nos habitantes de Esporões, nos gen e em toda a comunidade. Uma experiência, bem inserida na vida da comunidade local, que promete continuar a dar os seus frutos!

Os próximos espetáculos dos Contraste serão no dia 9 de maio nas Caldas da Rainha e no dia 10 de maio em Oeiras. São todos bem-vindos!

---

<sup>177</sup> <http://focolares.org.pt/noticias/nacionais/1587-contraste-um-concerto-pela-paz>.

## PORTUGAL, AGARRAR O MUNDO<sup>178</sup>



*Mais de 1200 jovens responderam ao convite de «agarrar o mundo», lançado pelos Jovens por um Mundo Unido de Portugal, enchendo a Mariápolis Arco Íris no dia 1º de maio de 2015, um dia dedicado à fraternidade.*

Na **Mariápolis Arco Íris**, na abertura da **Semana Mundo Unido**, jovens provenientes de todo o país foram recebidos pela banda da cidade e por cerca de vinte grupos que animaram a tarde com atividades variadas: judô, música – com canções compostas para a ocasião –, dança, sem deixar de lado uma nota de internacionalidade, com os tocadores de gamelão, um instrumento típico da Indonésia, e 90 bailarinos de Cabo Verde.

O evento teve a cobertura da mídia – dois canais de televisão, rádio, jornais – e envolveu também as autoridades civis. Estavam presentes o presidente e o vice-presidente da região, o prefeito da cidade e numerosos sacerdotes que acompanharam os jovens de suas paróquias. Entre estes o responsável da Pastoral da Juventude da diocese de Lisboa.

Mas o Movimento dos Focolares não foi o único a dar a própria contribuição, mais de 20, entre grupos e associações, deram sua própria parte na Expo da fraternidade, uma pequena mostra “ao vivo”, do **Projeto Mundo Unido**, no qual os participantes eram chamados a compartilhar suas experiências sobre o tema. Um parlamentar, um músico, um ator, um cientista e um prefeito, colocaram à disposição suas competências.



122

O programa do dia tinha cinco partes, nas quais, através de testemunhos, música e coreografias, foi explorado o tema da fraternidade: «O que é?», «Por quê?», «Como?», «Sempre?» e «Em rede», e mostrou-se como esta nova cultura estende-se a todos os setores, da arte à economia. Especialmente significativa foi a entrevista com o economista Luigino Bruni.

Os workshops convidaram os jovens a comprometerem-se de maneira mais ativa na sociedade, para construir um mundo solidário, como demonstram as impressões de alguns deles: «Mudar o mundo depende de nós: é a maior certeza que levo comigo. Obrigado por nos terem dado a experiência de vocês, porque se temos a chave para enfrentar as dificuldades então o mundo unido é realmente possível». «Este encontro foi a minha primeira experiência com os Jovens por um Mundo Unido. Fiquei fascinada por este espírito de partilha, de ajuda mútua, de amor verdadeiro que pude conhecer e viver. Levo comigo uma vida nova!». «Num tempo marcado pelo individualismo e o desinteresse é muito bonito ver que existem tantas pessoas que lutam por um mundo melhor e não se detém diante das adversidades. Hoje entendi que a fraternidade está realmente ao alcance de todos, concretiza-se no cotidiano. Depende também de mim “segurar o mundo” e procurar mudá-lo».

<sup>178</sup> <http://www.focolare.org/pt/news/2014/05/14/portogallo-prendere-il-mondo/>.





# História da Obra de Maria

em Portugal

123



<sup>179</sup> Documento gentilmente cedido pela Família Maia, Família Focolarina residente na Cidadela Portuguesa, 17 de setembro de 2015.

# CHIARA LUBICH EM FÁTIMA

Chiara Lubich

Faz sessenta anos, neste mês, que a fundadora dos Focolares esteve pela primeira vez em Fátima. Na ocasião visitou também a Irmã Lúcia, em Coimbra. No seu Diário registou as impressões dessa histórica viagem, de que transcrevemos, aqui, algumas.

**E**ra setembro de 1955 quando uma ocasião verdadeiramente excepcional nos proporcionou a felicidade de encontrar a Irmã Lúcia, a menina, agora adulta, que viu Nossa Senhora. (...) Recordamos pouco acerca daquela viagem tão querida, que decorreu entre o dia 8 de setembro, nascimento de Maria, e o dia 12, nome de Maria. Talvez porque o coração estivesse sempre lá, na Cova da Iria, onde Nossa Senhora deixou a sua mensagem ao mundo, ou ao lado do túmulo de Francisco e de Jacinta, prestes a subir à honra dos altares, ou, mais ainda, perto da Irmã Lúcia, que estávamos certos que poderíamos encontrar. (...) [Quando a encontramos], narrámos o nosso desejo de difundir o espírito da unidade cristã (...). A Irmã Lúcia seguia-nos com atenção e interesse (...). Hoje, como então, permanece vivo aquele encontro. Ela não pudera falar, mas também não conseguiu esconder o seu interesse pelo nosso relato. Em que pensasse a Irmã Lúcia quando se mostrava particularmente atenta, não o sabemos. Sabemos apenas que, em Fátima, Nossa Senhora quis a consagração ao seu Imaculado Coração, que um dia – que só Deus conhece – finalmente triunfará. ■



## **O primeiro contacto, o primeiro encontro**

Em 1963, tendo feito escala em Lisboa, um focolarino, vai a uma igreja para pedir a comunhão. Aí conhece um português que fica muito impressionado e no dia seguinte faz-se um encontro para o qual convida o seu irmão e a namorada.

### **As primeiras vocações**

Alguns meses depois vêm a Lisboa duas focolarinas que se encontram com estes jovens tão interessados. Uma das jovens participa num encontro em Roma e torna-se a primeira de cerca de uma centena de focolarinas e focolarinos portugueses que estão espalhados pelos cinco continentes.

### **Primeiro focolar m Lisboa**

Em setembro de 1965 estava para se abrir um focolar em Madrid. Já tinham em vista uma casa. Para grande surpresa de todos, Chiara responde que se deveria abrir um focolar em Lisboa, porque naqueles anos, Lisboa era escala obrigatória para todos os vôos provenientes da América e para a América, e como não havia vôos todos os dias, quem fazia esta viagem devia ficar 2 ou 3 dias em Lisboa. Era necessário, em Lisboa, uma casa que os acolhesse.

Entretanto, estava a acabar o Concílio Vaticano II. Entre os cardeais e bispos que conheceram o Movimento estava o Cardeal Cerejeira, Patriarca de Lisboa, que disse a Chiara que se não soubesse que já tinha sido decidida a abertura do focolar, não teria saído de lá sem o levar para Lisboa.

---

125

Em 21 fevereiro de 1966, duas focolarinas, Conceição Lins e Gehilda Cavalcanti, ambas com vinte e quatro anos, chegam de comboio a Lisboa.

Em maio de 1966 realiza-se o primeiro encontro, no colégio das Dominicanas em Lisboa, com cerca de cem pessoas.

Também em Viana do Castelo, cidade do norte de Portugal, se realizou um encontro mediado pelo Franco Militão que tinha conhecido o Ideal no Brasil. Falando ao padre Constantino que tinha um grupo de jovens, organizou-se um encontro. Foi nos primeiros dias de Junho de 66 e reuniram-se umas 150 pessoas, a maioria jovens e alguns adultos.

Em agosto do mesmo ano realizava-se a Mariápolis em Ávila, Espanha. Pouco antes da partida de um autocarro, o Governo Civil de Lisboa proíbe os rapazes de saírem do país, devido à guerra colonial. Chiara quando soube, decidiu que se faria então uma Mariápolis em Portugal (pelo menos para aqueles quarenta que não tinham podido atravessar a fronteira). Esta realizou-se em Outubro, em Fátima com cerca de cem pessoas.

Ainda em 1967, Conceição Lins vai pela primeira vez aos Açores, é aberto o focolar masculinos e em agosto de 1967 realiza-se a segunda Mariápolis com a participação de um grupo da ilha dos Açores. Entre os presentes na mariápolis estava um grupo de jovens que se tornam os primeiros gen portugueses.

Desde o início que o Movimento em Portugal tinha uma forte incidência sobre os jovens, mas também toda a parte adulta do Movimento se foi desenvolvendo: as primeiras famílias, religiosos, etc.

Como o passar dos anos o Movimento continua a difundir-se e a consolidar-se. Em 1972 começa a edição da primeira revista bimestral e ciclostilada que deu origem, em 1976, à revista Cidade Nova.

Naquele tempo eram proibidas grandes manifestações por causa do regime político vigente e a polícia secreta chegou a proibir a realização de uma jornada para os jovens do Movimento. No entanto, como já havia uma grande divulgação realizou-se na mesma, mas com a presença da polícia política.

Depois do 25 de abril de 1974, Portugal reconquista a liberdade política. É o momento de grande expansão para o Movimento. Grandes Jornadas com duas, três mil pessoas, muitos espetáculos dos conjuntos gen locais e Mariápolis com duas mil pessoas. A Obra apresenta uma igreja moderna, muitos de todas as vocações e idades encontram uma resposta há muito esperada.

### **Abrem-se os Focolares no Porto.**

Nos anos oitenta, os Movimentos de massa, Famílias Novas, Humanidade Nova, O Movimento Paroquial, começam a delinear-se. Organizam-se grandes eventos: Genfest, Supercongresso, Jornadas para Famílias, Humanidade Nova. Abre-se o focolar masculino em Coimbra e o feminino em Faro. A primeira família-focolar portuguesa transfere-se para a Venezuela enquanto uma outra se transfere do norte para Lisboa.

Nos anos 90 desenvolve-se a Economia de Comunhão, constitui-se a AMU (Associação por um Mundo Unido) portuguesa. Abrem-se os focolares femininos em Coimbra e nos Açores.

É o tempo da consolidação em que a história do Movimento caminha a par da história da cidadela.

No próximo ano celebra-se o 50º aniversário do Movimento em Portugal.

## Programa da Visita de Estudo à Cidadela

**10:00** Recepção aos alunos no Centro Mariápolis

**10:30** O que é a Cidadela?

Apresentação

Apresentação de um vídeo introdutório sobre a história do Movimento dos Foculares

**11:00** Visita à Cidadela

Editora Cidade Nova

Centro de Recursos

**12:30** Almoço e convívio no local das merendas

**15:00** Conhecer melhor os habitantes e o Centro Mariápolis

Impressões

Testemunhos de alguns habitantes

**15:45** Intervalo

**16:15** A Arte e a Civilização do Amor

Os jovens

Os conjuntos Gen

Música

**17:00** Conclusão

127

**Contacto Cidadela: 263 799 885 / 263 790 131 Fax: 263 799 091**

**Morada:**

**Cidadela Arco-íris  
Rua Senhora da Graça, 60  
2580-042 Abrigada**

<sup>180</sup> Programa gentilmente elaborado com a colaboração da Família Maia, residente na Cidadela em Portugal, 16 de setembro de 2015.



## Bibliografia

### 1. Bibliografia Geral

- “A Bondade e a Fé”, - *Pastoral Catequética*, SNEC, Ano 6, nº17/18, Maio - Dezembro 2010.
- “A Caridade é a Alma da Pedagogia”, *Pastoral Catequética*, SNEC, Ano 6, nº16, Abril 2010.
- AAVV – Alicerces, *A Civilização do Amor*, Unidade Lectiva 4, Educação Moral e Religiosa Católica, Fundação SNEC, Lisboa 2009.
- AAVV - *Carta Educativa do Município da Azambuja*, 2006.
- AAVV – Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura, volume 5, Editorial Verbo, Janeiro de 1993.
- AAVV - *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, Lisboa, SNEC, 2014.
- ARENDS, Richard I. *Aprender a ensinar*, Mc Graw Hill, Portugal, 2008.
- BOFF, Leonardo, *Vida para Além da Morte*, Editora Vozes 1996.
- BRAUDEL, Fernand – *Gramática das Civilizações*, Editorial Teorema, Lisboa, 1989.
- CARRIER, H., A Modernidade como Cultura a Evangelizar, *Communio*, Revista Internacional Católica, n.º1, Ano 5, Janeiro/Fevereiro 1998.
- CARVALHO, Cristina Sá, *Curso Geral – PSICOLOGIA, Formação de Catequistas*, SNEC, nº3, Maio de 2004.
- Conselho Pontifício «Justiça e Paz», *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, Cascais, 2005.
- Dicionário de Língua Portuguesa Contemporânea, Academia das Ciências de Lisboa, 1º Volume A-F, Academia das Ciências de Lisboa e Editorial Verbo, 2001.

- Dicionário de Língua Portuguesa Contemporânea, Academia das Ciências de Lisboa, 2º Volume F-Z, Academia das Ciências de Lisboa e Editorial Verbo, 2001.
- “D. Tomaz Pedro Barbosa da Silva Nunes – Em memória”, *Pastoral Catequética*, SNEC, Ano 7, nº 19, Janeiro – Abril 2011.
- FERREIRA, António J. Pires e SILVA, Luís M. P., *A Civilização do Amor*, Unidade Letiva 04, Educação Moral e Religiosa Católica, Fundação SNEC, Lisboa 2015.
- FERREIRA, António J. Pires e SILVA, Luís M. P., *Valores e Ética Cristã*, Unidade Letiva 02, Educação Moral e Religiosa Católica, Fundação SNEC, Lisboa 2015.
- FOLONARI, Giulia, *UMA PARTITURA ESCRITA NO CÉU* – Cinquenta anos com Chiara Lubich, Editora Cidade Nova – Abrigada, 2012.
- FONDI, Enzo Maria e ZANZUCCHI, Michele, *Um Povo nascido do Evangelho*, Chiara Lubich e os Focolares, Paulus Editora, 2004.
- FONTES, Paulo, *A Doutrina Social da Igreja numa Perspectiva Histórica*, Centro de Estudos Sócio - Pastorais, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 1994.
- *Forum de Catequese*, SNEC, nº 1, Lisboa, 2003.
- “Fórum Pensar a Escola, Preparar o Futuro”, *Pastoral Catequética*, SNEC, Ano 8, nº 23, Maio-Agosto 2012.
- Lei nº 46/86, de 14 de outubro, Lei de Bases do Sistema Educativo, Artigo 2, Alínea 4.
- Papa Francisco, A Alegria do Evangelho, Exortação Apostólica *Evangelii Ggaudium*, Paulinas, Prior Velho, Dezembro de 2013.
- POLICARPO, D. José da Cruz, *Obras Escolhidas*, O Evangelho e a História, Ler os Sinais dos Tempos, Vol. 1, Universidade Católica Editora, Lisboa 2003.
- SANTOS, António Francisco, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, SNEC, 2014.

## 2. **Documentos do Magistério da Igreja**

- Bíblia Sagrada, Difusora Bíblica, Lisboa/Fátima, 1998.
- *Catecismo da Igreja Católica*, Gráfica de Coimbra, 1999.
- *Concílio Ecuménico Vaticano II*, “Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo *Gaudium et Spes*”, Gráfica de Coimbra, 1998.

## 3. **Documentos em Digital**

- A Economia da Partilha.  
<http://edc-online.org/br/publicacoes/noticiarios-edc-pt-br-1/n-31-pt-br-1/6543-a-economia-da-partilha.html>, acedido a 3 de setembro de 2015.
- Arte e espetáculo.  
<http://www.focolare.org/pt/all-opera/arte-e-spettacolo/>, acedido a 5 de setembro de 2015.
- Contraste, um concerto pela PAZ.  
<http://focolares.org.pt/noticias/nacionais/1587-contraste-um-concerto-pela-paz>,  
acedido a 5 de setembro de 2015.
- Documento de Identidade da Economia de Comunhão.  
<http://edc-online.org/br/empresas/documento-de-identidade-da-edc.html>, acedido a 3 de setembro de 2015.
- Linhas para uma Gestão de uma Empresa de Economia de Comunhão.  
<http://edc-online.org/br/empresas/linhas-para-gestao-de-uma-empresa.html>, acedido a 4 de setembro de 2015.
- Música “Civilização do Amor”.  
<http://vitaminac.sdpjleiria.com/civilizacao-do-amor/>, acedida a 4 de setembro de 2015.

- Nairóbi, capital de uma nova economia.  
<http://edc-online.org/br/149-josetta-1-pt-br/publicacoes-imprensa/cidade-nova-pt-br-1/10518-nairobi-capital-de-uma-nova-economia.html>, acessado a 4 de setembro de 2015.
- O lucro não monetário.  
<http://edc-online.org/br/publicacoes/midia/cidade-nova-pt/10300-o-lucro-nao-monetario.html>, acessado a 4 de setembro de 2015.
- Papa Bento XVI, CARTA ENCÍCLICA *CARITAS IN VERITATE*, 29 de Junho de 2009.  
[http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf\\_ben-xvi\\_enc\\_20090629\\_caritas-in-veritate.html](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html), acessado a 20 de maio de 2015.
- Papa Bento XVI, CELEBRAÇÃO EUCARÍSTICA PARA A XXIII JORNADA MUNDIAL DA JUVENTUDE, *HOMILIA DO SANTO PADRE BENTO XVI, Hipódromo Randwic, Sidney, 20 de Julho de 2008*.  
[http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2008/documents/hf\\_ben-xvi\\_hom\\_20080720\\_xxiii-wyd.html](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2008/documents/hf_ben-xvi_hom_20080720_xxiii-wyd.html), acessado a 20 de maio de 2015.
- Papa Bento XVI, CARTA ENCÍCLICA *SPE SALVI*, 30 de Novembro de 2007.  
[http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf\\_ben-xvi\\_enc\\_20071130\\_spe-salvi.html](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20071130_spe-salvi.html), acessado a 2 de junho de 2015.
- Papa Bento XVI, *MENSAGEM PARA A XXII JORNADA MUNDIAL DA JUVENTUDE, 1 DE ABRIL DE 2007*.  
[http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/youth/documents/hf\\_ben-xvi\\_mes\\_20070127\\_youth.html](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/youth/documents/hf_ben-xvi_mes_20070127_youth.html), acessado a 20 de maio de 2015.
- Papa Bento XVI, CARTA ENCÍCLICA *DEUS CARITAS EST*, 25 de Dezembro 2005.  
[http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf\\_ben-xvi\\_enc\\_20051225\\_deus-caritas-est.html](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est.html), acessado a 12 de maio de 2015.

- Papa Francisco, *REGINA COELI*, Praça São Pedro, Domingo, 10 de Maio de 2015.  
[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2015/documents/papa-francesco\\_regina-coeli\\_20150510.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/angelus/2015/documents/papa-francesco_regina-coeli_20150510.html), acessado a 21 de maio de 2015.
- Papa Francisco, *Misericordiae Vultus*, BULA DE PROCLAMAÇÃO DO JUBILEU EXTRAORDINÁRIO DA MISERICÓRDIA, 11 de Abril de 2015.  
[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/bulls/documents/papa-francesco\\_bolla\\_20150411\\_misericordiae-vultus.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/bulls/documents/papa-francesco_bolla_20150411_misericordiae-vultus.html), acessado a 18 de setembro de 2015.
- Papa João XXIII, CARTA ENCÍCLICA *PACEM IN TERRIS*, 11 de abril de 1963.  
[http://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf\\_j-xxiii\\_enc\\_11041963\\_pacem.html](http://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_11041963_pacem.html), acessado a 4 de junho de 2015.
- Papa João Paulo II, MENSAGEM DE SUA SANTIDADE PARA A CELEBRAÇÃO DO XXXVI DIA MUNDIAL DA PAZ, 1º DE JANEIRO DE 2003.  
[http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf\\_jp-ii\\_mes\\_20021217\\_xxxvi-world-day-for-peace.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf_jp-ii_mes_20021217_xxxvi-world-day-for-peace.html), acessado a 11 de junho de 2015.
- Papa João Paulo II, MENSAGEM DE SUA SANTIDADE PARA A CELEBRAÇÃO DO XXXIV DIA MUNDIAL DA PAZ, 1º DE JANEIRO DE 2001.  
[http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf\\_jp-ii\\_mes\\_20001208\\_xxxiv-world-day-for-peace.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/peace/documents/hf_jp-ii_mes_20001208_xxxiv-world-day-for-peace.html), acessado a 6 de junho de 2015.
- Papa João Paulo II, *ÁNGELUS*, Domingo 13 de febrero de 1994.  
[http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/es/angelus/1994/documents/hf\\_jp-ii\\_ang\\_19940213.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/es/angelus/1994/documents/hf_jp-ii_ang_19940213.html), acessado a 17 de maio de 2015.
- Papa João Paulo II, CARTA ENCÍCLICA *CENTESIMUS ANNUS*, 1 de Maio de 1991.  
[http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_01051991\\_centesimus-annus.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_01051991_centesimus-annus.html), acessado em 28 de junho de 2015.

- Papa João Paulo II, CARTA ENCÍCLICA *SOLLICITUDO REI SOCIALIS*, 30 de Dezembro de 1987.  
[http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_30121987\\_sollicitudo-rei-socialis.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_30121987_sollicitudo-rei-socialis.html), acessado a 15 de junho de 2015.
- Papa Paulo VI, SOLENNE RITO DI CHIUSURA DELL'ANNO SANTO, *OMELIA DEL SANTO PADRE PAOLO VI, Natale del Signore 25 dicembre 1975*.  
[http://w2.vatican.va/content/paul-vi/it/homilies/1975/documents/hf\\_p-vi\\_hom\\_19751225.html](http://w2.vatican.va/content/paul-vi/it/homilies/1975/documents/hf_p-vi_hom_19751225.html), acessado a 12 de abril de 2015.
- Papa Paulo VI, CARTA APOSTÓLICA *OCTOGÉSIMA ADVENIENS*, 14 de maio de 1971.  
[http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost\\_letters/documents/hf\\_p-vi\\_apl\\_19710514\\_octogesima-adveniensi.html](http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_letters/documents/hf_p-vi_apl_19710514_octogesima-adveniensi.html), acessado a 12 de abril de 2015.
- Papa Paulo VI, *REGINA COELI*, Domingo, 17 de Maio de 1970.  
[http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/angelus/1970/documents/hf\\_p-vi\\_reg\\_19700517.html](http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/angelus/1970/documents/hf_p-vi_reg_19700517.html), acessado a 10 de abril de 2015.
- Papa Paulo VI, CARTA ENCÍCLICA *POPULORUM PROGRESSIO*, 26 de março de 1967.  
[http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-vi\\_enc\\_26031967\\_populorum.html](http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_26031967_populorum.html), acessado a 15 de maio de 2015.
- Paulo VI, DECLARAÇÃO - *GRAVISSIMUM EDUCATIONIS*, SOBRE A EDUCAÇÃO CRISTÃ, 28 de Outubro de 1965.  
[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decl\\_19651028\\_gravissimum-educationis\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_gravissimum-educationis_po.html), acessado a 10 de abril de 2015.
- Papa Paulo VI, *DISCURSO NA SEDE DA O.N.U.* 4 de Outubro de 1965.  
[http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19651004\\_united-nations.html](http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651004_united-nations.html), acessado a 12 de abril de 2015.